



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ANA MARIA DE SOUZA VALLE TEIXEIRA

**O APRESENTADOR DE NOTICIÁRIO POLICIAL:
UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA PERSONIFICAÇÃO DO BOM
MOÇO E DO BANDIDO**

Londrina
2009

ANA MARIA DE SOUZA VALLE TEIXEIRA

**O APRESENTADOR DE NOTICIÁRIO POLICIAL:
UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA PERSONIFICAÇÃO DO BOM
MOÇO E DO BANDIDO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Loredana Limoli

**Londrina
2009**

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central
da Universidade Estadual de Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

T266a Teixeira, Ana Maria de Souza Valle.

O apresentador de noticiário policial : uma análise semiótica da personificação do bom moço e do bandido / Ana Maria de Souza Valle Teixeira. – Londrina, 2009.
249 f. : il.

Orientador: Loredana Limoli.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2009.

Bibliografia: f. 112-115.

1. Semiótica – Teses. 2. Televisão – Semiótica – Teses. 3. Comunicação – Teses. I. Limoli, Loredana. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 801.7:003

ANA MARIA DE SOUZA VALLE TEIXEIRA

**O APRESENTADOR DE NOTICIÁRIO POLICIAL:
UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA PERSONIFICAÇÃO DO BOM
MOÇO E DO BANDIDO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Loredana Limoli
Universidade Estadual de Londrina

Prof^a. Dr^a. Renata Maria Facuri Coelho
Marchezan
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho

Prof^a. Dr^a. Regina Maria Gregório
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 08 de dezembro de 2009.

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus, pai querido, pela proteção e força.

Ao meu amor eterno, meu marido, Ricardo, pela dedicação e compreensão infinitas.

Com amor e carinho, aos meus filhos, Ricardo e Felipe, que enfeitam meus dias.

À Lore, minha orientadora, a quem admiro muito e tenho como amiga e conselheira; admiro sua paciência, atenção e dedicação sempre.

À Keity, que tornou-se um amiga querida durante o mestrado e, carinhosamente, incentivou-me e ofereceu-me conselhos valorosos sobre Semiótica.

Aos professores estimados do mestrado, com quem aprendo sempre não só as teorias acerca da linguagem, mas também a tornar-me uma pessoa melhor.

Aos colegas de aulas, pelo companheirismo e cumplicidade.

Antes de ser criado o mundo, aquele que é a Palavra já existia. Ele estava com Deus e era Deus. Desde o princípio, a palavra estava com Deus. Por meio da palavra, Deus fez todas as coisas, e nada do que existe foi feito sem ela. A Palavra era fonte da vida, e essa vida trouxe a luz para todas as pessoas.

João, 1:1-4

TEIXEIRA, Ana Maria de Souza Valle. **O apresentador de noticiário policial: uma análise semiótica da personificação do bom moço e do bandido.** 2009. 149f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

RESUMO

Os meios de comunicação têm provocado uma série de alterações nos relacionamentos dos seres humanos. A linguagem televisiva está tão presente no nosso cotidiano que sofremos influências nas formas de ver e sentir por meio das suas sequências rápidas e no tratamento da informação. O estudo examina a figura do apresentador de noticiário policial, sob análise semiótica da personificação do bom moço e do bandido, utilizando o noticiário policial *Brasil Urgente*, exibido diariamente na Rede Bandeirantes de Televisão. O objetivo é analisar, por meio da teoria da significação greimasiana, os aspectos que explicitam o que esse texto televisivo diz e como faz para dizer. Percebe-se que uma das funções do noticiário policial é expor os horrores da vida em sociedade, apresentando fatos problemas gerados pela desigualdade social e ausência de investimentos do Estado na educação, segurança e saúde. Em noticiários policiais, observam-se as oposições semânticas que dão início à construção do sentido do texto: riqueza *versus* pobreza; coragem *versus* covardia; honestidade *versus* desonestidade; mocinho *versus* bandido; justiça *versus* injustiça; autoritarismo *versus* submissão, entre outras. Essas oposições manifestam-se de várias maneiras: o apresentador do programa, o “bom moço”, autodenominado paladino da justiça, defensor da moral, da lei e dos bons costumes, representante da honestidade, o valente, o solitário na luta contra o crime, aquele que tem a coragem de opor-se e de mostrar em seu programa os supostos infratores, bandidos, criminosos, meliantes que quebraram as regras sociais, cometeram pecado, e, por isso, merecem ser expulsos do Jardim do Éden, a sociedade. Apresenta-se uma proposta de estudo do texto televisivo – noticiário policial –, por meio da teoria greimasiana, na disciplina de língua portuguesa no Ensino Médio e, eventualmente, Ensino Fundamental, tendo como objetivo formar leitores críticos e produtores dos textos diversos que circulam na sociedade.

Palavras-chave: Semiótica sincrética. Noticiário policial. Apresentador. Ensino de língua materna.

TEIXEIRA, Ana Maria de Souza Valle. **Of the host of police news: a semiotic analysis of the personification of the good guy and bad guy.** 2009. 149f. Dissertation (Master's in Language Studies) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

ABSTRACT

The media have caused a number of changes in relationships among humans. Language television is so present in our daily lives which makes us suffer influences on how we see and feel through their fast sequences and information processing. The study examines the figure of the host of police news on a semiotic analysis of the personification of the good guy and bad guy, using the police news *Brasil Urgente*, aired daily on Rede Bandeirantes de Televisão. The aim is analyzing, through theory of meaning of Greimas, aspects which explain what TV text says and how it says. We can see that one of the functions of the police news is to expose the horrors of life in society, with problems arising from the tired social inequality and lack of state investment in education, health and safety. In police news, there are the semantic oppositions that initiate the construction of the meaning of the text: wealth *versus* poverty, courage *versus* cowardice, honesty *versus* dishonesty, good guy *versus* bad guy, justice *versus* injustice, authoritarianism *versus* submission, among others. These oppositions are manifested in several ways: the host, the "good guy", self-styled paladin, a defender of law and morality, for the honesty, the brave, lonely in the fight against crime, the one who has the courage to oppose and to show in his program the alleged offenders, thugs, criminals, thieves who broke social rules, committed sin, and therefore deserve to be expelled from the Garden of Eden, the society. This work proposes a study of the TV text – police news –, through the theory of Greimas, in Portuguese Course in high school and possibly secondary school, aiming at rising critical readers and producers of various texts circulating in society.

Keywords: Syncretic semiotics. Police news. Host. Mother tongue teaching.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – José Luiz Datena, em momento de descontração	37
FIGURA 2 – BRASIL URGENTE - Linchamento de Bandidos	45
FIGURA 3 – BRASIL URGENTE - Vendedor de carros mata 3 Pessoas (2009)	45
FIGURA 4 – JORNAL DA RECORD	46
FIGURA 5 – Telejornal do SBT	46
FIGURA 6 – Programa de Noticiário Policial da Bandeirantes – Regional-Londrina	46
FIGURA 7 – Programa Balanço Geral da TV Record – Regional-Londrina	47
FIGURA 8 – Telejornal da Rede Globo – Jornal Hoje	47
FIGURA 9 – SP ACONTECE – A boa vida de Champinha (Apresentadora)	70
FIGURA 10 – SP ACONTECE – A boa vida de Champinha (Casa)	71
FIGURA 11 – SP ACONTECE – A boa vida de Champinha (Casa de Recuperação)	71
FIGURA 12 – SP ACONTECE – A boa vida de Champinha (governador de São Paulo)	72
FIGURA 13 – SP ACONTECE – A boa vida de Champinha (entrevistado 1)	73
FIGURA 14 – SP ACONTECE – A boa vida de Champinha (entrevistado 2)	73
FIGURA 15 – SP ACONTECE – A boa vida de Champinha (entrevistado 3)	74
FIGURA 16 – SP ACONTECE – A boa vida de Champinha (Liana Felipe)	74
FIGURA 17 – SP ACONTECE – A boa vida de Champinha (especialista)	75
FIGURA 18 – José Luiz Datena, em posição <i>stand up</i>	90

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Imagens de abertura do programa <i>Brasil Urgente</i>	34
QUADRO 2 – Temas e Figuras do <i>Brasil Urgente</i> 14/03/2008	39
QUADRO 3 – Comparação de Aspectos entre <i>Jornal Nacional</i> e <i>Brasil Urgente</i> ...	49
QUADRO 4 – Imagens comparativas entre <i>Brasil Urgente</i> e <i>Jornal Nacional</i>	51
QUADRO 5 – Prisão de um traficante	84
QUADRO 6 – Lutas clandestinas	99
QUADRO 7 – Comparação entre lutas clandestinas e lutas oficializadas	101

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 O TEXTO SOB OS CUIDADOS DA SEMIÓTICA	18
1.1 O NÍVEL FUNDAMENTAL OU DAS ESTRUTURAS FUNDAMENTAIS	19
1.2 O NÍVEL NARRATIVO	20
1.3 O NÍVEL DISCURSIVO	23
1.4 O TEXTO SINCRÉTICO	26
1.4.1 A imagem e o texto verbal	27
2 O PROGRAMA DE NOTICIÁRIO POLICIAL	30
2.1 POPULARIDADE <i>VERSUS</i> ANONIMATO	32
2.2 A VERIDICÇÃO NO NOTICIÁRIO POLICIAL – A CONSTRUÇÃO DO <i>ÉTHOS</i>	39
2.3 ELEMENTOS DE DISPOSIÇÃO CÊNICA	41
3 “O BOM MOÇO E O BANDIDO” – A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO APRESENTADOR DE NOTICIÁRIO POLICIAL	44
3.1 BRASIL URGENTE <i>VERSUS</i> JORNAL NACIONAL	48
3.1.1 Estrutura do Texto	54
3.2 EXEMPLO 1 - AGRESSÃO A IDOSO	56
3.2.1 Análise dos Sentidos Imanentes no Texto	59
3.3 EXEMPLO 2 - A BOA VIDA DE CHAMPINHA	67
3.3.1 A Exploração Midiática do Adolescente em Conflito com a Lei	68
3.3.2 A Apresentação e a Composição da Reportagem <i>A Boa Vida de Champinha</i>	69
3.3.3 Análise Semiótica	75
3.3.4 O Monstro – Temas e Figuras	81
3.4 EXEMPLO 3 - OPOSIÇÃO ENTRE O DEBOCHE E A FRAQUEZA	83
3.4.1 Análise Interpretativa dos Sentidos Imanentes no Texto	85
4 O PROGRAMA DE NOTICIÁRIO POLICIAL NA ESCOLA	93
4.1 ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO E O TEXTO TELEVISIVO	95
4.2 PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO NO TEXTO “CLUBE CLANDESTINO DE LUTA”	100

4.3 O NOTICIÁRIO POLICIAL NO ENSINO MÉDIO.....	102
4.3.1 Sequência Didática	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	112
ANEXOS	116
ANEXO 1 – TRANSCRIÇÃO 1	117
ANEXO 2 – TRANSCRIÇÃO 2	134
ANEXO 3 – TRANSCRIÇÃO 3	137
ANEXO 4 – TRANSCRIÇÃO 4.....	139

INTRODUÇÃO

A sociedade depara-se cotidianamente com inúmeros textos, que podem ser entendidos como objeto de significação e objeto de comunicação (BARROS; FIORIN, 2003, p. 7). Esses textos alcançam a população de diferentes formas: televisão, rádio, jornal, livro, folheto de propaganda, revista etc.

Por meio da televisão, entramos em contato com inúmeros tipos de programas, dentre os quais o noticiário policial, do qual se percebe que um dos objetivos primordiais é expor os “horrores” da vida em sociedade, mostrando fatos problemas gerados supostamente pela “desigualdade” social e a ausência de investimentos do Estado em educação, segurança e saúde.

Nesse sentido, este estudo visa analisar o noticiário policial e, de modo especial, o apresentador desse tipo de texto, por meio da semiótica. Procura-se evidenciar como ocorre a projeção do bom moço e do bandido pelo gênero textual acima.

Nesses textos, observam-se, de modo recorrente, as oposições semânticas abaixo, as quais dão início à construção do sentido: /riqueza/ vs. /pobreza/; /coragem/ vs. /covardia/; /honestidade/ vs. /corrupção/; /concessão/ vs. /privação/; /mocinho/ vs. /bandido/; /justiça/ vs. /parcialidade/; /autoritarismo/ vs. /submissão/, entre outras.

Tais oposições manifestam-se de várias maneiras: por exemplo, na figura do apresentador do programa – o “bom moço” –, autodenominado paladino da justiça, defensor da moral, da lei e dos bons costumes, representante da honestidade, o valente, o solitário na luta contra o crime. Esse apresentador tem a coragem de mostrar em seu programa os supostos inimigos sociais (infratores, bandidos, criminosos, meliantes), que quebraram as regras vigentes, cometeram pecado e, por isso, merecem ser expulsos do Jardim do Éden: a sociedade.

Segundo Barros e Fiorin (2003), pode-se definir texto por sua organização interna e pelas determinações contextuais. Assim, temos textos linguísticos, orais, escritos ou ainda textos que reúnem mais de uma expressão, denominados textos sincréticos.

Desse modo sentido, o noticiário policial e seu apresentador exibem uma farta fonte de pesquisa, visto que expressam aspectos convencionais das práticas sociais nas quais estão envolvidos.

Pode-se estabelecer nesse texto, no nível das estruturas fundamentais, um percurso entre os termos: /segurança/ vs. /desproteção/. Tais estruturas podem ser apreendidas a partir do encadeamento temático presente nas estruturas discursivas: inclusão, marginalização, legalização, infração, realidade, violência etc. (BARROS; FIORIN, 2003).

Por tudo isso, propõe-se uma análise crítica do noticiário policial em uma perspectiva semiótica, examinando o funcionamento dialógico desse gênero midiático. Será examinado, essencialmente, o discurso do apresentador do jornal. Tem-se, também, como meta oferecer subsídios para futuros encaminhamentos didáticos, voltados para o ensino-aprendizado desse gênero na escola. Cunha explica que,

Os gêneros da mídia têm sido objeto de inúmeras descrições nos últimos vinte anos, com grande diversidade de enfoques em função do instrumental teórico adotado. A escola também passou a estudá-los com o objetivo de formar leitores críticos e construtores dos diversos textos que circulam na sociedade. (In: DIONÍSIO; MACHADO; BEZERRA, 2005, p. 166).

De acordo com Citelli (2005), o discurso autoritário, presente no noticiário policial, possui um alto grau persuasivo, e instalam-se nele as condições para o exercício da dominação pela palavra. O processo de comunicação (eu, tu, eu) praticamente desaparece, posto que *tu* transforma-se em receptor com pouca ou nenhuma chance de interferir e modificar o que está sendo dito. Esta questão pode ser comprovada por meio da fala do apresentador de noticiário policial, que é a mais potente no programa. Observa-se que as pessoas entrevistadas – na maioria dos casos, dominadas e presas – não possuem meios de modificar o que está sendo falado a respeito delas. Enfatiza-se o discurso exclusivista, isto é, a voz de “autoridade” sobre o assunto, que neste caso é a do apresentador, aquela que parece dizer a verdade.

No noticiário policial, a violência, o crime e o inusitado são vitais. Alteram-se veículos, horários de apresentação, formatos dos programas, apresentadores; no entanto, o estilo ‘metralhadora giratória’ a clamar por sangue e ódio permanece (CITELLI, 2005). No caso do noticiário policial tem-se como exemplos os programas de noticiário locais, como *Brasil Urgente local*, as duas edições produzidas pela TV Cidade, programas exibidos pela Rede Record.

A ironia, também, faz-se presente nesse tipo de discurso, avalizada pelos telespectadores que se posicionam sempre contra os meliantes apresentados e a favor da suposta justiça apresentada pelo “bom moço”, que possui como único objetivo o desejo de defender tudo que é “bom e puro”.

Assim, o intuito deste estudo é analisar e discutir a figura do apresentador de noticiário policial e mostrar o parecer de “bom moço” e de “bandido”, examinando alguns dos aspectos propostos pela semiótica de linha francesa. Além disso, como já exposto, apresenta-se um esboço de proposta de trabalho para o ensino médio, utilizando alguns recursos da semiótica greimasiana.

A metodologia semiótica tem como base o percurso gerativo de sentido, desenvolvido por Greimas, que se estrutura em três partes: Nível Fundamental, Nível Narrativo e Nível Discursivo. O primeiro é o ponto de partida da geração do sentido, o segundo a encenação dos sujeitos em busca de seus objetos de valor (OV) e o terceiro mostra as isotopias temáticas e figurativas, bem como a forma de projeção discursiva: mais próximo (debreagem enunciativa) ou mais distante (debreagem enunciva).

Ao trabalhar com adolescentes, percebe-se que um grande número deles e suas famílias acompanham os programas de noticiário policial, como fonte de informação ou porque se divertem com a maneira como as informações são interpretadas pelo apresentador. No entanto, muitos não conseguem “lê-los” criticamente, na sua totalidade, porque os elementos significativos que os compõem não são explícitos.

O professor, muitas vezes, reconhece as estratégias argumentativas utilizadas pelos telejornais para convencer o público, todavia não dispõe de teorias metodológicas e, às vezes, recursos e equipamentos pedagógicos e audiovisuais, para analisar esse texto em sala de aula.

A escola enfrenta dificuldades para explorar os textos considerados não-escolares, como o telejornal, o cinema, a canção, o edital, a novela, o programa de auditório etc., pois eles geralmente não são contemplados pelos livros didáticos. Entretanto, tais textos estão presentes no cotidiano do aluno, e este leva à sala de aula muitas informações provindas desses textos, os quais acabam passando diretamente pela aula, sem serem observados com maior cuidado.

Sabe-se que a televisão é um suporte para diversos textos. Nela, tem-se a informação, o entretenimento e, juntamente, os valores sociais unidos em um único

programa. Assim é o programa de noticiário policial, que oferece entretenimento e persuade ao mesmo tempo.

Desse modo, busca-se oferecer ao educador do ensino básico uma opção eficaz para a análise do texto televisivo jornalístico, pautado na figura de seu apresentador.

Para a realização do estudo, utilizam-se, como *corpus*, trechos de reportagens do programa *Brasil Urgente*, noticiário policial da emissora Rede Bandeirantes de Televisão, transmitido em rede nacional. Também, foi investigada uma reportagem pertencente ao noticiário *SP Acontece*, veiculado pela mesma emissora, especialmente, ao Estado de São Paulo.

Foram selecionados alguns trechos desses programas, aos quais se aplicou a teoria semiótica desenvolvida por A. J. Greimas. Observaram-se os seus processos constitutivos, como lugar, tempo e propósito comunicativo (comunicar, convencer, criticar etc.) e análise das oposições obtidas nesse processo, como /bem/ vs. /mal/, /certo/ vs. /errado/ etc.

O trabalho organiza-se da seguinte forma: na primeira seção – *O texto sob os cuidados da semiótica* –, explora-se o referencial teórico que orienta o estudo.

Na segunda seção – *O programa de noticiário policial* –, observam-se alguns aspectos próprios do plano de expressão, que também são significativos nesse tipo de texto. Alguns desses elementos são: segmentação, construção do real, sentidos da imagem, posição da câmera etc.; procura-se mostrar algumas diferenças entre o texto imagético e texto verbal. Propõe-se um estudo voltado para as categorias semânticas /popularidade/ vs. /anonimato/. Salienta-se que, neste caso, não se estuda o interior do noticiário policial, mas o que pode ser definido como construção exterior (enunciativa) do programa, aquela que analisa a sua relação com o público, ou seja, relação entre o enunciador e enunciatário.

Na terceira seção – *“O bom moço e o bandido” – a construção da imagem do apresentador de noticiário policial* –, são realizadas as análises que compõem o estudo. Também na terceira seção, explora-se o personagem do apresentador de noticiário policial, estabelecendo-se a relação entre a figura do bom moço e a figura do bandido, que compõe o título deste estudo.

As análises são construídas tendo como base o estudo de três reportagens, sendo duas delas trechos do programa de noticiário policial *Brasil Urgente* e uma

reportagem do telejornal *SP Acontece*, ambos da emissora Rede Bandeirantes de Televisão, como citado anteriormente.

Considerou-se importante para o trabalho a investigação dos sentidos de uma reportagem de telejornal que fugisse “aparentemente” da estrutura do programa de noticiário policial, por isso propõe-se, concomitantemente, o estudo da reportagem *A boa vida de Champinha*, do telejornal *SP Acontece*. Desse modo, pode-se verificar que a voz do apresentador de programa de noticiário policial é substituída pelas vozes do âncora¹ e do repórter.

Ainda na terceira seção, apresenta-se uma comparação entre o programa de noticiário policial *Brasil Urgente* e o telejornal *Jornal Nacional*. Este jornal tem servido referência no país, quando se trata de qualidade em telejornalismo. Os telejornais que se colocam da mesma forma que o *Jornal Nacional* procuram parecer mais neutros, mais imparciais e parecem apenas se preocupar com a apresentação dos fatos.

No *corpus* seguinte, explora-se o tema *Agressão a idoso*. Diferentemente do que ocorre na análise anterior, nesta olha-se para o interior do programa de noticiário policial e as ferramentas utilizadas na construção do sentido ou conteúdo intratextual e extratextual.

Na reportagem *A boa vida de Champinha*, do telejornal *SP Acontece*, observam-se aspectos como: exploração midiática do adolescente em conflito com a lei, apresentação e composição do gênero reportagem e análise semiótica dos sentidos, por meio dos níveis do percurso gerativo de sentido.

Posteriormente, na quinta análise, na reportagem *O traficante – oposição entre o deboche e a fraqueza*, explora-se a oposição semântica fundamental entre /deboche/ vs. /fraqueza/, explorando a análise interpretativa dos sentidos imanentes no texto.

E, finalmente, apresenta-se um esboço de uma proposta didática dirigida ao trabalho em sala de aula, com o texto televisivo *programa de noticiário policial*, utilizando a semiótica como ferramenta. Nesta seção há um subitem denominado *Clube de luta clandestino*, nome sugerido pelo conteúdo da reportagem, em que se

¹ Ancora é o apresentador do telejornal. Sua função não fica restrita a informar as notícias aos telespectadores e introduzir as reportagens, cabe a ele também fazer parte do processo de construção de desenvolvimento do telejornal.

analisa a construção do texto que servirá como base para o trabalho no ensino médio.

1 O TEXTO SOB OS CUIDADOS DA SEMIÓTICA

O texto ganhou um novo enfoque a partir dos estudos desenvolvidos pela semiótica francesa, por meio da pesquisa de Greimas e seus colaboradores. Esse autor procurou olhar principalmente para o plano do conteúdo, veiculado em todos os tipos de textos: verbais, não-verbais e sincréticos. Greimas e os seus seguidores buscam não só entender o *que* um texto diz, mas *como* esse texto é construído para dizer o que diz.

Para isso, na semiótica greimasiana, o objeto de estudo é o sentido do texto, buscado a partir da análise da materialidade textual.

De acordo com Nöth (1996), apesar de A. J. Greimas ter desenvolvido uma teoria extremamente bem elaborada, continuava denominando-a apenas como “um projeto semiótico”. “O objetivo central da pesquisa deste programa semiótico, contudo, é o estudo do discurso com base na idéia de que uma estrutura narrativa se manifesta em qualquer tipo de texto” (NÖTH, 1996, p. 145).

A semiótica greimasiana estabelece, para a construção de sentido de um texto como unidade de análise, o percurso gerativo de sentido ou trajetória gerativa (NÖTH, 1996).

Baseando-se nos estudos de Hjelmslev, que estabeleceu o plano de expressão e o plano de conteúdo, e na proposta de estudos de contos estabelecida por Propp, Greimas dá início ao seu trabalho.

Entretanto, a saga pela busca do sentido no texto não é nada recente. Na linguística moderna iniciou-se, segundo Fiorin (2005, p. 13), com Michel Bréal, e, desde então, semelhantemente a uma história em que o mocinho procura o tesouro escondido, muitos estudiosos têm se dedicado ao texto. No entanto, um após o outro, iam completando-se e/ou conflitando-se em suas teorias, ora baseadas na Retórica Clássica, ora no léxico e assim por diante.

Para muitos, Greimas conseguiu seu objetivo, ao estabelecer um estudo que desse conta da análise e compreensão de textos tão diversos, manifestos pelos mais variados modos de expressão (música, dança, fotografia, poesia, conto, arte plástica etc.).

O percurso gerativo de sentido greimasiano estabelece três níveis para a análise das estruturas textuais: o fundamental, o narrativo e o discursivo, que se relacionam ao plano de conteúdo. Barros (2005, p. 9) complementa, colocando que

“cada uma dessas etapas pode ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis”.

A seguir apresenta-se cada um dos níveis do Percurso Gerativo de Sentido.

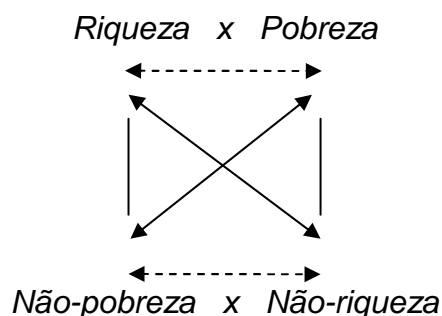
1.1 O NÍVEL FUNDAMENTAL OU DAS ESTRUTURAS FUNDAMENTAIS

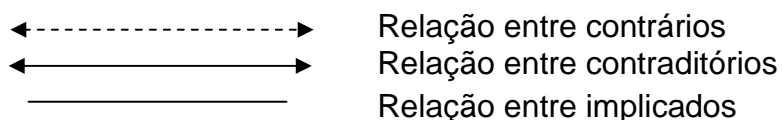
É o nível mais simples e abstrato. Nele, a significação apresenta-se como uma oposição semântica mínima, a qual possui uma relação de contrariedade, cujos elementos pertencem sempre ao mesmo campo semântico, como /amor/ vs. /ódio/, /vida/ vs. /morte/, /alegria/ vs. /tristeza/. Assim, não é permitido, por exemplo, opor /liberdade/ vs. /vida/, visto que, “é preciso que tenham algo em comum e é sobre esse traço comum que se estabelece uma diferença” (FIORIN, 2005, p. 22).

A princípio, torna-se complexo analisar esse nível, pois parece difícil entender que algo seja, ao mesmo tempo, simples e abstrato; no entanto, “a semântica narrativa do nível superficial é o domínio da atualização de valores semânticos selecionados da estrutura profunda e conferidos aos actantes da narrativa superficial” (NÖTH, 1996, p. 149). Ou seja, a estrutura mais profunda do texto mostra-se em sua superficialidade.

No estudo proposto, o quadrado semiótico de Greimas (NÖTH, 1996, p. 155) pode ser construído de forma a representar a organização do sentido. No noticiário policial de televisão, por exemplo, poderíamos fazer a seguinte análise: *riqueza* – representada pela figura do apresentador, que se mostra a serviço dos interesses da elite social – em oposição a *pobreza* – representada pelo suposto infrator (criminoso). Desse modo, *riqueza* e *não-pobreza* se complementam, assim como *pobreza* e *não-riqueza*, já os termos *riqueza* e *pobreza* são contrários. Os dois temas pressupõem um ao outro, pois não podem coexistir.

Quadrado semiótico





É possível, também, estabelecerem-se, nesta pesquisa, outras oposições, como /violência/ vs. /pacificação/; /bem/ vs. /mal/ etc.

1.2 O NÍVEL NARRATIVO

De acordo com Fiorin (2005, p. 28), “a narratividade é um componente da teoria do discurso. Já a narração constitui a classe de discurso em que estados e transformações estão ligados a personagens individualizadas”. Na sintaxe narrativa, existem dois tipos de enunciados elementares: o primeiro chama-se “enunciados de estado” e são aqueles que estabelecem relação de junção (disjunção ou conjunção) entre um sujeito e um objeto; o segundo, “enunciados de fazer”, mostram as transformações e são os que correspondem à passagem de um enunciado de estado a outro (FIORIN, 2005, p. 28).

Assim, se há dois tipos de enunciados de estado, também há duas espécies de narrativas mínimas: a de privação, em que ocorre um estado inicial conjunto e um estado final disjunto; a de liquidação de uma privação, na qual acontece exatamente o contrário, ou seja, existe um estado inicial disjunto e um final conjunto.

Para Fiorin,

Uma narrativa complexa estrutura-se numa seqüência canônica, que compreende quatro fases: a manipulação, a competência, a *performance* e a sanção (FIORIN, 2005, p. 29).

As transformações narrativas articulam-se em uma seqüência canônica e possuem quatro fases: a manipulação, competência, *performance* e sanção.

Na primeira fase, a *manipulação*, um sujeito age sobre o outro para levá-lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa. O manipulador, o manipulado², o objeto de

² De acordo com Greimas e Courtés, a manipulação caracteriza-se como uma ação de um sujeito sobre outros, visando a fazê-los executar um programa dado: um primeiro caso se trataria de um “fazer-ser”, um segundo, de um “fazer-fazer”; essas duas formas de atividade se inscrevem, em grande parte, na dimensão pragmática, e a outra, na dimensão cognitiva, correspondem assim às estruturas modais de tipo factivo. Enquanto configuração discursiva, a manipulação é sustentada por uma estrutura contratual e, ao mesmo tempo, por uma estrutura modal. Trata-se, como efeito, de uma comunicação (destinada a fazer-saber) na qual o destinador-manipulador impele o destinatário-sujeito: se este, por exemplo, conjuga ao não poder não fazer um dever-fazer, tem-se

valor³, o sujeito julgador, os sujeitos narrativos podem ser representados no nível discursivo, por uma mesma personagem. O sujeito destinador (manipulador) pode usar uma das quatro formas de *manipulação*: tentação, intimidação, sedução e provocação, para persuadir o sujeito operador, despertando nele o querer fazer algo para conseguir um OV (objeto de valor).

Na fase do percurso chamada *competência*, o sujeito que é responsável pela transformação central da narrativa é dotado de um saber fazer e/ou poder fazer, que lhe possibilitam passar para a etapa subsequente: a fase da *performance*.

A *performance* ocorre quando acontece a transformação central da narrativa (mudança de um estado para outro). Por exemplo, quando, em um programa de noticiário policial, apresenta-se a polícia na perseguição de um criminoso e, no final da reportagem, acontece a prisão dele; desse modo, realiza-se a *performance*, ou seja, a transformação de um estado para outro. A polícia entra em conjunção com o prêmio, que, neste caso, é prisão do criminoso.

Na última parte do esquema narrativo canônico, ocorre a *sanção*, constata-se que a *performance* se realizou, como também o reconhecimento do sujeito que operou a transformação. Nesta fase, distribuem-se prêmios ou castigos, materiais ou cognitivos, de acordo com a interpretação do sujeito julgador sobre o fazer do sujeito operador.

As fases interligam-se e mantêm relação de implicação recíproca, ou seja, para que o sujeito possa executar uma ação, necessita saber se há condições de realizá-la e se possui competência para isso; precisa, antes de tudo, desejar realizá-la. É importante ressaltar que, num discurso, as fases descritas acima apresentam-se encadeadas em uma sucessão temporal, mas “em pressuposições lógicas” (FIORIN, 2005, p. 32). Nesse sentido, só pode haver *performance*, se houver *manipulação* e a aquisição de competências previamente.

a provocação ou a intimidação; se ele lhe conjunge um querer-fazer, ter-se-á então sedução ou tentação (GREIMAS, COURTÉS, 2008, p. 300).

³ Denomina-se objeto no quadro da reflexão epistemológica, o que é pensado ou percebido como distinto do ato de pensar (ou de perceber) e do sujeito que o pensa (ou o percebe). Essa definição é suficiente para que se entenda que só a relação entre o sujeito e o objeto do conhecimento os institui como existentes e distintos um do outro: atitude que parece totalmente de acordo com a abordagem estrutural da semiótica. É nesse sentido que se fala da linguagem-objeto ou da grandeza semiótica, insistindo na ausência de qualquer determinação prévia do objeto que não seja relação como o sujeito. O objeto é apenas uma posição formal que só pode ser conhecida por suas determinações, também ele de natureza relacional constrói-se pelo estabelecimento das relações: a) entre eles e os outros objetos; b) entre ele, considerando um todo, e suas partes; c) entre as partes, de um lado, e o conjunto das relações estabelecidas, de outro (GREIMAS, COURTÉS, 2008, p. 347).

Fiorin e Savioli (2007, p. 57) apresentam a seguinte síntese narrativa construída a partir da articulação dessas quatro fases:

Manipulação	Competência	"Performance"	Sanção
Um personagem induz outro a fazer alguma coisa. Quem vai fazer precisa querer ou dever.	O sujeito do fazer adquire um saber e um poder.	O sujeito do fazer executa sua ação.	O sujeito do fazer recebe castigo ou recompensa.

Na semântica narrativa, mostra-se o ser e o parecer dos sujeitos, pois o que se conhece por verdadeiro nem sempre o é realmente; aquilo que pode ser tomado por verdadeiro pode ser exemplificado por alguém que é mal, mas faz acreditar que é bom ou por alguém medroso que se passa por corajoso.

Barros escreve:

Dois ângulos devem ser examinados, na modalização do ser: o da modalização veridictória, que determina a relação do sujeito com o objeto, dizendo-a verdadeira ou falsa, mentirosa ou secreta, e o da modalização do querer, dever, poder e saber, que incide especificamente sobre os valores investidos nos objetos. As modalidades veridictórias articulam-se como categoria modal, em /ser/vs./parecer/ (BARROS, 2005, p. 45).

Barros (2005, p. 46) complementa: "a modalização veridictória relaciona-se ao fazer interpretativo, examinado no item sobre manipulação". E, também, relaciona-se à modalização do ser, à determinação pelas modalidades do querer, saber, dever e poder da relação do sujeito com os valores. A autora ressalta, ainda, que a modalização, conforme descrita acima, altera a *existência modal* do sujeito e a sua relação com o poder.

Todos esses aspectos que envolvem a modalização do ser podem levar a efeitos de sentido "afetivos" ou "passionais" (BARROS, 2005).

1.3 O NÍVEL DISCURSIVO

É o mais superficial do percurso, o mais próximo da manifestação textual. “O discurso nada mais é, portanto, que a narrativa enriquecida por todas essas opções do sujeito da enunciação, que marcam os diferentes modos pelos quais a enunciação se relaciona com o discurso que anuncia” (BARROS, 2005, p. 45). É nesse patamar que se revestem as estruturas narrativas abstratas (FIORIN, 2003, p. 168), as quais possuem dois níveis de concretização: a tematização e a figurativização. Sobre isso, Fiorin ressalta que,

Se a concretização pára no primeiro nível, teremos textos temáticos, se vier até o segundo, teremos textos figurativos, os primeiros são compostos predominantemente de temas, isto é, de termos abstratos; os segundos, predominantemente de figuras, ou seja, de termos concretos. Cada um desses tipos de texto tem uma função diferente: os temáticos explicam o mundo; os figurativos criam simulacros do mundo (FIORIN, 2003, p. 169).

Para se entender um texto figurativo, é necessário que o componente temático que está subjacente às figuras seja exposto.

A sintaxe do discurso abarca as projeções da enunciação no enunciado e os procedimentos que o enunciador usa para persuadir o enunciatário a aceitar o seu discurso. Inclui-se aí a temporalização, a espacialização e a actorização (tempo, espaço e pessoas). As pessoas, os espaços e o tempo que estão nesse enunciado relacionam-se ao eu-aqui-agora da enunciação, que são as instâncias do *ego*, *hic* et *nunc*, que Benveniste mostra (FIORIN, 2008, p. 80).

Assim, o eu é instaurado no ato de dizer: *eu* é quem diz *eu*. A pessoa a quem o *eu* se dirige é estabelecida como *tu*. O *eu* e o *tu* são actantes da enunciação, os participantes da ação enunciativa.

É importante ressaltar que ambos são o sujeito da enunciação, porque o primeiro produz o enunciado e o segundo, funcionando como uma espécie de filtro, é levado em consideração pelo *eu* na construção do enunciado.

Desse modo o *eu* realiza o ato de dizer num determinado tempo e num dado espaço. Por conseguinte, *aquí* é o espaço do *eu*, a partir do qual todos os espaços são ordenados (*aí*, *lá* etc.) e *agora* é o momento em que o eu toma a palavra e, a partir dele, toda a temporalidade linguística é organizada. A enunciação é a instância que povoa o enunciado de pessoas, de tempos e de espaços.

Esse processo tem um mecanismo básico – no qual se instauram tempo e pessoas no texto –, denominado *debreagem*, operação enunciativa pela qual o sujeito da fala projeta “para fora de si” as categorias semânticas do /não-eu/, /não-aqui/ e /não-agora/, instalando nesse ato as condições primeiras da atividade simbólica do discurso. Rompendo sua inferência consigo mesmo, ele instala as categorias objetivamente do “ele”, do “lá” e do “então” (BERTRAND, 2003, p. 417).

A embreagem é uma “operação enunciativa pela qual o sujeito da fala retorna à enunciação, a partir da *debreagem*, e identifica o sujeito do enunciado com a instância da enunciação” (BERTRAND, 2003, p. 417).

Outro aspecto essencial na sintaxe do discurso é a argumentação. Fiorin afirma:

A semiótica considera que um componente determinante do processo comunicacional é o fazer crer. Por isso, o componente argumentativo adquire um relevo muito grande na teoria. Argumentação é qualquer mecanismo pelo qual o enunciador busca persuadir o enunciatário a aceitar o seu discurso, a acolher o simulacro de si mesmo que cria no ato de comunicação (FIORIN, 2003, p. 170).

Assim sendo, o que importa é determinar os efeitos de sentido gerados pelas diferentes projeções da enunciação no enunciado.

Fiorin (2008, p. 173) escreve que “todo texto tem, por trás de si, um produtor que procura persuadir o seu leitor (ou leitores), usando para tanto vários recursos de natureza lógica e linguística”. Um dos recursos argumentativos mais comuns é o da unidade. O texto deve conter um objeto central, unidade.

No programa de noticiário policial é possível identificar cada uma das reportagens como unidade, uma só matéria. O programa organiza-se tendo como base unidades ou temas claramente separados, observando-se as chamadas do apresentador ou os comerciais.

Outra estratégia utilizada para convencer o enunciatário, muito comum no telejornal, é a citação de autoridade ou argumento de autoridade. Esse recurso agrega valor, certifica o conteúdo apresentado. Não é raro que utilize durante o telejornal a entrevista de um especialista, por exemplo, ao explorar um acontecimento trágico como a queda de um avião, o telejornal insere a entrevista de um perito em aeronaves para apresentar o seu parecer sobre o acontecido.

Além disso, ao produzir um texto em que se tenha como base a argumentação, é agradável a presença de exemplos que confirmem e tragam confiabilidade à notícia ou reportagem.

A refutação de argumentos contrários também é um recurso argumentativo. No programa de noticiário policial, em que são apresentados temas polêmicos, há opiniões divergentes, que geralmente são ironizadas pelo apresentador, pois ele busca impor um ponto de vista único.

O senso comum permeia esse texto, pois, nele, não existe a necessidade de se provar ou confirmar o que se diz. Assim, as pessoas são consideradas culpadas antes de serem submetidas à justiça. O que é de senso comum é tomado como verdadeiro e sem retaliação alguma.

As estratégias argumentativas acima são pautadas nos conceitos de dialogismo e polifonia estão intimamente relacionados aos aspectos expostos acima. Para Bakhtin, dialogismo define-se como

O princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. Examina-se, em primeiro lugar, o dialogismo discursivo, desdobrado em dois aspectos: o da interação verbal entre enunciador e o enunciatário do texto, o da intertextualidade no interior do discurso. (BARROS; FIORIN, 2003, p. 2).

Barros e Fiorin (2003, p. 2) escrevem que “o dialogismo decorre da interação verbal que se estabelece entre o enunciador e o enunciatário, no espaço do texto”. Ainda segundo Barros e Fiorin (2003, p. 3), Bakhtin⁴ explica que só se

⁴ Mikhail Bakhtin e o seu círculo de estudiosos dedicaram-se à linguagem como fenômeno socioideológico. Seus estudos possuem relação com a teoria marxista, sendo que os métodos dessa teoria basearam o processo de criação ideológica e também as implicações sociais geradas por ele. Bakhtin (1999) compreende a esfera da criação ideológica relacionada à filosofia da linguagem. Sendo assim, o que é ideológico constitui-se de significado fora de si. O signo é um fenômeno do mundo exterior, surge do processo de interação entre a consciência do indivíduo e outra. A interação entre tais consciências concretiza-se por meio da linguagem e a existência do signo é a materialização desta interação. Na concepção bakhtiniana, a palavra é um fenômeno ideológico e está relacionada aos processos de produção e às esferas das ideologias especializadas (moral, ciência, religião etc.). A variedade e diversidade de linguagens decorre da experiência social, ou seja os elementos linguísticos ligados à produção verbal que dão à linguagem um caráter de produto vivo, inacabado, que sofre constantemente mudanças em decorrência do contexto em que é utilizada. Da interação verbal floresce a realidade da língua. Assim, quando ignoramos a natureza social e dialógica de um enunciado, apagamos a ponte existente entre a linguagem e a vida (BAKHTIN, 1999). A língua comporta uma realidade por demais abrangente, sendo necessária a consideração dos aspectos extralinguísticos que constituem um enunciado. Segundo Bakhtin, é evidente que a estrutura formal da língua não dá conta de atribuir sentido ao enunciado. É necessário que se analisem a entonação, o realismo, o humor, entre outros elementos, para formular uma teoria da linguagem adequada à realidade da interação verbal. De

pode entender o dialogismo interacional, quando há o deslocamento do conceito de sujeito. Desse modo, o sujeito sai do papel de centro e é substituído por diferentes (ainda que duas) vozes sociais, que fazem dele um sujeito histórico e ideológico. No texto em estudo, percebem-se diferentes vozes sociais que permeiam a fala do apresentador de noticiário policial, como o religioso, o político, o moralista, o ditador, o machista etc.

Brait escreve:

as relações dialógicas que implicam necessariamente o conceito de vozes, não podem ser reduzidas nem às relações lógicas, nem às relações psicológicas, nem às relações naturais ou mecânicas. Elas constituem uma classe específica de relações entre sentidos, cujos participantes podem ser unicamente enunciados completos, ou vistos como completos, e por trás dos quais estão os sujeitos discursivos (BRAIT apud BARROS; FIORIN, 2003, p. 25).

Desse modo, um enunciado é sempre compreendido de forma dialógica, porque envolve a participação de um terceiro que, de alguma forma, penetra o enunciado e interfere no sentido total em que se inseriu.

1.4 O TEXTO SINCRÉTICO

Muitos dos textos com os quais nos deparamos podem ser considerados textos sincréticos, pois apresentam mais de uma forma de expressão. Têm-se, por exemplo, o texto televisivo, o cinema, a internet, o teatro, o rádio que se manifestam por meio da imagem, do som, da palavra etc.

Jornalistas, teóricos e pesquisadores da linguagem têm buscado a resposta do que seria mais persuasivo: o visual, o verbal, o sonoro? Qual deles poderia ser considerado mais sedutor e envolvente? Entretanto, vê-se que na mídia é impossível encontrar, por exemplo, um programa televisivo ou radiofônico que utilize apenas uma forma de linguagem.

Os textos televisivos são sincréticos, ou seja, apresentam a imagem, composta pela expressão facial, cor, gesto, movimento, olhar, cenário etc. Além disso, há o som expresso pelo fundo musical, ou tom de voz, por exemplo. Além das imagens sonoras e imagéticas, também há o código verbal oral (fala) e o escrito (ex.:

acordo com o estudioso, quando ignoramos a natureza social e dialógica de um enunciado, apagamos a ponte existente entre a linguagem e a vida (BAKHTIN, 1999).

legendas). Tais elementos constituem o que a semiótica chama de texto sincrético (PIETROFORTE, 2004). E isso acaba por apresentar uma infinidade de textos, com informações passíveis de análise.

Pode-se considerar o texto sincrético como a fusão entre dois ou mais termos ou categorias heterogêneas. Greimas e Courtés escrevem sobre sincretismo:

Como procedimento (ou seu resultado) que consiste em estabelecer, por superposição, uma relação entre dois (ou vários) termos ou categorias heterogêneas, cobrindo-os com o auxílio de uma grandeza semiótica (ou linguística) que os reúne. Assim, quando o sujeito de um enunciado de fazer é o mesmo que o do enunciado de estado (é o que se dá com o programa narrativo da aquisição por oposição à atribuição, onde os dois sujeitos correspondem a dois atores distintos), o papel actancial que os reúne é o resultado de um sincretismo (GREIMAS; COURTÉS, 1979).

É importante ressaltar que a semiótica é uma teoria da relação que vai determinar o valor de cada unidade dentro do texto. O que interessa para ela é estudar como as linguagens em um texto sincrético foram priorizadas e trabalhadas para produzir determinados efeitos de sentido. O efeito implica em causar certas impressões que levem a determinados atos; cada aspecto que participa da construção do texto sincrético tem uma função na sua significação. Por exemplo, quando se assiste a uma cena romântica em um filme, temos os personagens e a atuação deles (fala, posição frente à câmera, olhar, vestimenta) e também o cenário, a música ao fundo, a câmera que se move capturando seus olhares, o ambiente etc. Por este motivo um texto sincrético oferece várias opções de análise.

Os textos, mesmo aqueles considerados apenas verbais impressos, possuem particularidades. Na poesia, por exemplo, destaca-se a sonoridade das palavras (rimas, aliterações, onomatopeias, assonâncias), que também vinculam sentido.

1.4.1 A imagem e o texto verbal

O telejornalismo herdou do jornal impresso a importância da imagem, como prova real daquilo que se divulga. Segundo Paternostro,

Em telejornalismo a preocupação é fazer com que texto e imagem caminhem juntos, sem um competir com o outro: ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou não tem razão de existir,

perde a sua função. O papel da palavra é dar apoio à imagem e não brigar com ela [...] (PATERNOSTRO, 1987, p. 50).

Para Benveniste (apud SANTAELLA, 1999, p. 13), as imagens são um sistema semiótico ao qual falta uma metassemiótica: enquanto a língua, no seu caráter metalinguístico, pode servir ela própria, como meio de comunicação sobre si mesma, transformando-se assim num discurso autorreflexivo, imagens não podem servir como meios de reflexão sobre as imagens. O discurso verbal é necessário ao desenvolvimento de uma teoria da imagem.

Por outro lado, para Barthes, o texto não passa de uma mensagem parasita, que se limita a contar o que a imagem pode insuflar-lhe. A imagem é que estrutura o texto, ela serve para esclarecer ou realizar a palavra, assim a função da palavra nada mais é que sublimar ou trazer para a imagem o próprio raciocínio, “mas, como essa operação é feita a título acessório, o novo conjunto informativo parece fundamentado sobretudo numa mensagem objetiva (denotada), da qual a palavra não é mais do que uma espécie de vibração secundária, quase inconseqüente [...]” (BARTHES, 1990, p. 20).

Sem investigarmos qual possui mais valor (imagem ou texto), é fato que o conjunto sincrético imagem-texto, presente principalmente no telejornalismo, compõe uma narrativa. Esse conjunto é formado a partir de elementos verbais e não-verbais, traz sujeitos, predicados, adjetivos, sintagmas e textualidades diversas. Toda imagem possui um narrador e um espectador. Tais narrativas direcionam sentido em quem a olha, simulando aquilo que elas realmente contêm (SONTAG, 2003). A imagem pode mostrar algo que, na verdade, não é. Durante as guerras, era comum a manifestação de imagens “produzidas”, para causar efeitos de dramaticidade e apelação no jornal⁵.

⁵ Sontag escreve que, nas primeiras guerras importantes registradas por fotógrafos, A Guerras da Criméia e a Guerra Civil Americana, bem como em todas as guerras ate a primeira Guerra Mundial, o combate propriamente dito esteve fora do alcance das câmeras. As fotos de guerra publicadas entre 1914 e 1918, quase todas as anônimas, eram, em geral – quando de fato transmitiam algo de terror e da devastação –, de estilo épico e, frequentemente, retratos das conseqüências: cadáveres espalhados ou a paisagem lunar resultante de uma guerra sem trincheiras; as vilas francesas arrasadas que a guerra encontrara em seu caminho. A monitoração fotográfica da guerra tal como a conhecemos teve de esperar mais alguns anos, até ocorrer o drástico aprimoramento do equipamento profissional: câmeras leves, como a Leica, com filmes de 35 milímetros que podiam bater 36 fotos antes de ser preciso recarregar a máquina fotográfica. Assim tornou-se possível tirar fotos no calor da batalha, se a censura militar permitisse, e registrar *closes* bem cuidados das vítimas civis e dos soldados exauridos e enfarruscados. A guerra civil espanhola (1936 – 39) foi a primeira guerra testemunhada (“coberta”), no sentido moderno, por um corpo de fotógrafos profissionais nas linhas de frente e nas cidades sob bombardeio, cujo trabalho era imediatamente

Embora a imagem sirva como testemunha do real, prova incontestável, percebe-se, no telejornalismo, assim como em outros gêneros da televisão, que há predominância do texto oral sobre a imagem. Machado, sobre o assunto, afirma:

Herdeira direta do rádio, ela se funda primordialmente no discurso *oral* e faz da palavra a sua matéria-prima principal. Isso mudou um pouco nos últimos anos, agora há uma maior utilização de recursos gráficos computadorizados nas vinhetas de apresentação, mas, no essencial, a televisão continua oral, como nos primórdios de sua história e a parte mais expressiva de sua programação, segue dependendo basicamente de uma maior ou menor eloquência no manejo da palavra oralizada, seja da parte de um apresentador, de um debatedor, de um entrevistado, ou de qualquer outro (MACHADO, 2001, p. 72).

O texto oral tem como função – além de informar o espectador-leitor – organizar e direcionar as conclusões deste sobre a reportagem. A fala dirige o olhar sobre a imagem, chama a atenção do espectador. Elas (as imagens) mostram a suposta realidade; no entanto, o texto direciona a leitura delas de modo que condicionam-se, muitas vezes, ao texto oral.

visto nos jornais e nas revistas da Espanha e do exterior. A guerra que os Estados Unidos travaram no Vietnã, a primeira a ser testemunhada dia-a-dia pelas câmeras de tevê, apresentou à população civil americana a nova teleintimidade com a morte e a destruição (SONTAG, 2003, p. 22).

2 O PROGRAMA DE NOTICIÁRIO POLICIAL

O ser humano, ao longo de sua existência, sempre buscou meios de registrar e repassar as informações: sinais de fumaça, escrita nas pedras, batidas de tambor, tiros de canhão e as linguagens verbais do texto. Esses exemplos proporcionam a noção da existência de códigos na sociedade humana, em que se percebe a necessidade de superar as barreiras da comunicação, criando outras formas de transmitir mensagens e interagir.

A sociedade possui fontes de informação inesgotáveis. A população de modo geral informa-se diariamente sobre os principais acontecimentos por meio dos telejornais, que funcionam como uma espécie de propagador da “verdade” (SQUIRRA, 1990, p. 07).

Comparando o telejornal com o programa de noticiário policial, observa-se que no primeiro parece haver uma preocupação maior em veicular um discurso aparentemente neutro, enquanto no segundo essa preocupação parece inexistente ou mesmo contrária, visto que o noticiário policial faz questão de frisar a sua opinião, que vai ao encontro, normalmente, da opinião do público. Em outras palavras, percebe-se no próprio apresentador uma forte subjetividade e afirmação ideológica sobre os fatos mostrados, para construir uma imagem mais humana, passional e real. Esse estilo de transmitir informações é popular, traz audiência, por isso nota-se o seu crescimento e a reprodução em diferentes emissoras de televisão, em horários diversos em suas grades de programação.

Landowski, ao abordar um jornal impresso em análise semiótica, afirma que esse veículo de comunicação precisa possuir imagem da marca que o identifique no plano da comunicação social. Isso envolve a tomada de corpo dessa entidade, que necessita ser figurativamente reconhecível, como qualquer outro produto. É necessário que se afirme como sujeito semiótico. “Cada jornal tem seu estilo, um tom, um “perfil” que o define [...]. Dele fazem uma figura social capaz de cristalizar duradouramente atitudes de atração ou de repulsão” (LANDOWSKI, 1992, p. 118). Segundo o mesmo autor,

O jornal, objeto de comunicação, solicita de cada indivíduo a compulsão inversa, exigindo a repetição, favorecendo o hábito ou a rotina, ou menos disforicamente, uma certa constância – como se, uma vez que alguém elegeu seu jornal, permanecer fiel a ele fosse,

em suma, permanecer fiel a sim mesmo (LANDOWSKI, 1992, p. 118).

Assim como qualquer texto veiculado, jornal impresso, radiofônico ou televisivo, o noticiário policial possui uma identidade, tem um perfil próprio, atrai um determinado público e é repulsivo a outro. Devido ao grande número de noticiários desse tipo, entende-se que o seu poder de atração é bem maior do que de repulsão.

Quando se trata do telejornalismo, nem sempre as notícias apresentadas correspondem exatamente à descrição da realidade. Nesse sentido, durante a produção de um noticiário, o que é aparentemente real pode ter subjacente outros significados. A suposta verdade que o texto traz está na forma com que ela é recriada e projetada. Tudo depende da ideologia do enunciatário (o dono da emissora). Sobre esse assunto, Barros (2005, p. 55) afirma:

Há uma certa tradição de “objetividade” no jornalismo, ou seja, de manter a enunciação afastada do discurso, como garantia da sua imparcialidade. Existem, como se sabe, recursos que permitem “fingir” essa objetividade, que permitem fabricar a ilusão de distanciamento, pois a enunciação, de todo modo, está lá, *filtrando* por seus valores e fins tudo o que é dito no discurso.

O programa de noticiário policial torna o banal notável. Estes são programas populares, violentos e sensacionalistas e, por causa de seu conteúdo simplório demais, triste demais, exagerado demais, muitas vezes, são textos desprezados pelos pesquisadores e estudiosos da linguagem. Rocha (1995) escreve sobre a produção dos *mass media*, como o programa de noticiário policial, “por ser um fato social, amplifica as sensações coletivas, é refratária às interpretações que não envolvam o que é público, a cultura, na decifração de seu significado, ou seja, nada é produzido ou veiculado que não tenha uma significação pública”. O autor completa afirmando que essa produção baseia-se sobre as emoções, pensamentos e sentimentos do coletivo na sociedade, que contribui para a sua invenção e sustentação.

Outro aspecto do programa de noticiário policial é a repetição do trágico. Sontag afirma que, plantados diante das telinhas – televisões, computadores, *palmtops* –, pode-se surfar por imagens e notícias sucintas a respeito de desgraça em várias localidades do planeta. Parece haver uma grande quantidade desse tipo de informação em todo o mundo (SONTAG, 2003, p. 96). Um bom exemplo dessa

afirmação é o amplo interesse pelas imagens de guerra, nas quais a dor, o sofrimento e a morte são explorados, como no caso do noticiário policial, em que as pessoas assistem ao sofrimento dos seus iguais. No entanto, Sontag coloca que as imagens de terror poderiam servir de estímulo para que a sociedade pudesse examinar com mais atenção o sofrimento proposto pelos poderes constituídos: “Quem provocou o que a foto mostra? Quem é responsável? É desculpável? É inevitável? Existe algum estado de coisas que aceitamos até agora e que deve ser contestado?” (SONTAG, 2003, p. 97). A indignação moral e a compaixão não poderiam determinar um rumo para ação, mas a reflexão crítica seria o primeiro passo para a mobilização social.

A repetição de estereótipos é explorada no programa de noticiário policial. Fiorin explica que

Esses estereótipos entranham-se de tal modo na consciência que acabam por ser considerados naturais. Figuras como “negro”, “comunista”, “puta” têm conteúdo cheio de preconceitos, aversões e hostilidades, ao passo que outras como “branco”, “esposa” estão impregnadas de sentimentos positivos. Não devemos esquecer que os estereótipos só estão na linguagem porque representam a condensação de uma prática social (FIORIN, 1988, p. 55).

Embora os telejornais atualmente procurem parecer se despir de todo o estereótipo, de modo politicamente correto, ainda encontram-se tais estereótipos bem definidos e explorados no programa de noticiário policial, nas figuras do “favelado”, do “menor”, da “madrasta” etc.

2.1 POPULARIDADE *VERSUS* ANONIMATO

Para que se compreenda como o programa de noticiário constitui-se, apresenta-se a seguir, a composição da estrutura do noticiário e análise.

O programa *Brasil Urgente*, de catorze de março de dois mil e oito, mostra-se em bloco único, com a seguinte estrutura, na qual o apresentador:

- 1 – Comenta, sobre o programa que terminou imediatamente antes do seu, um aspecto considerado cômico;
- 2 – Cumprimenta ao espectador;
- 3 – Apresenta a primeira notícia; *agressão a um idoso de 93 anos de idade*;

- 4 – Comenta a notícia: “...é impressionante...”
- 5 – Mostra outro *flagrante* de agressão a idosa ressaltando a morte da agredida;
- 6 – Comenta a agressão;
- 7 – Conversa com o espectador, solicitando que os idosos não sejam abandonados;
- 8 – Observa as imagens de agressão junto com o espectador e as comenta;
- 9 – Chama a “nova notícia” que acontece ao vivo - Provável tentativa de suicídio;
- 10 – Comenta a reportagem que passa a ser transmitida ao vivo;
- 11 – Inicia diálogo com o militar que trabalha na operação da tentativa de salvar o homem que está em uma torre de alta tensão e pode ser eletroplessado a qualquer momento;
- 12 – Retoma o tema da agressão ao idoso;
- 13 – Introduz a participação de repórter;
- 14 – Entrevista o parente do idoso agredido;
- 15 – Chama participação do reporte;
- 16 – Entrevista do filho do idoso agredido;
- 17 – Volta para a “notícia ao vivo”: *homem sobe em torre de alta tensão*;
- 18 – Trava novo diálogo com o militar que atende a ocorrência;
- 19 – Conversa com funcionário da Companhia de Energia Elétrica responsável pelas torres de alta tensão, cobrando material do funcionário;
- 20 – Apresenta nova notícia: *Onda gigante invade estrada e arrasta carros*;
- 21 – Comenta a notícia;
- 22 – Explora nova notícia: *Câmeras flagram ação de ladrão de carros*;
- 23 – Volta para a notícia: “homem em torre de alta tensão!”
- 24 – Encerra o programa no Paraná, parabenizando a equipe que cuidou do salvamento do homem que parecia querer suicidar-se.

As imagens apresentadas a seguir correspondem à abertura do programa e, em seguida, a reportagem da agressão ao idoso. A utilização das imagens de agressão, que chocam, pode ter como objetivo atrair a atenção do enunciatário.



QUADRO 1 – Imagens de abertura do programa *Brasil Urgente*

O noticiário policial apresenta *escalada*, que pode ser explicada da seguinte forma: no início, apresentam-se notícias de maior destaque da edição (agressão a idosos, ameaça de suicídio). Desse modo, essa opção é um recurso persuasivo, mantendo a atenção do espectador. Os mecanismos técnicos expressivos, que resultam da progressão visual das imagens, tentam produzir um efeito de caráter emocional, causando expectativa, surpresa, indignação ou raiva, a partir de um valor de irrupção, por meio da apresentação das cenas, muitas vezes chocantes (imagens *b, c, e, f*).

A função fulcral do enunciado no programa de noticiário policial *Brasil Urgente* é captar a adesão do enunciatário. Isso se dá por meio da utilização de recursos, como utilização de SMS⁶ (imagem *a*), ausência de intervalos durante o programa, elemento corriqueiramente utilizado, apresentação das notícias de maior impacto que podem despertar a curiosidade do espectador pela notícia (imagens *b* e *c*) e utilização de tarjas com a notícia explorada em evidência no texto escrito (imagens *b, c, e, f, h, i, j, k, l, m, n*).

A escalada do *Brasil Urgente* é evidenciada por uma acentuada alternância de planos, como por exemplo o enquadramento do jornalista-apresentador em plano próximo, inserindo imagens das notícias anunciadas, os chamados *teasers* (provocadores) cuja função é despertar a curiosidade do telespectador.

O enquadramento próximo do apresentador caracteriza embreagem⁷; assim, a cada notícia ou reportagem, tal delimitação de imagem volta-se para o apresentador. Adicionam-se dramaticidade (modalidades e tonalidades voz), expressões faciais e corporais e a interpelação do telespectador por meio do eixo “O-O” (olhos nos olhos), que criam um efeito de sentido de proximidade, produzindo no enunciatário a sensação de estar junto do apresentador, com possibilidade para dialogar com ele. De certo modo, enunciador e enunciatário estabelecem laços de amizade. De acordo com Machado (2001), o enquadramento *talking heads* (cabeças falantes), também utilizado no noticiário, produz a fala diretamente ao espectador, com os olhos cravados, pressupondo a sua presença.

⁶ SMS (Short Message Service) é o nome dado ao serviço de mensagens curtas (de até 140 caracteres) para telefones celulares. Trata-se de um canal de comunicação objetivo e extremamente ágil para as empresas que precisam encaminhar informações curtas para grupos de pessoas que não estão à frente do computador. (BABYLON, s.v. SMS).

⁷ Denomina-se embreagem o efeito de retorno à enunciação, produzindo pela suspensão da oposição entre certos termos da categoria da pessoa e/ou do espaço, e/ou do tempo, bem como pela denegação da instância do enunciado. Toda embreagem pressupõe, portanto, uma operação de debreagem que lhe é logicamente anterior (GREIMAS, COURTÉS, 2008, p. 161).

Nas imagens dos *teasers*, transparece a preocupação que o enunciador tem com a composição visual; no noticiário, as imagens são fortes, para chamar a atenção do enunciatário.

A imagem que o programa quer passar é um agente denunciador das injustiças sociais que acontecem em tempo real, termo que fica claro pelo uso constante de palavras como “flagra” (denúncia e verbos no presente do indicativo), embora as imagens em questão nem tenham sido produzidas por ele, apenas recolhidas e apresentadas.

Além desses efeitos de sentido, a escalada do noticiário policial propicia que o enunciatário experiencie os acontecimentos narrados por meio da dinamicidade da montagem audiovisual que reproduz o mundo natural. O objetivo é causar certo impacto no espectador, envolvendo-o emocionalmente, abalando a sua sensibilidade.

Nesta edição o apresentador José Luiz Datena, ao iniciar o programa, tece comentários sobre um caso mostrado no programa que antecedeu ao seu, o da *Mércia*. É comum a ausência de intervalos na transição do programa *Mércia* para o programa *Brasil Urgente*, provavelmente, para manter a atenção do espectador que acompanhava aquele programa.

O tema é explorado pelo apresentador, tendo em vista a situação cômica criada; assim, o espectador é levado a sentir-se à vontade, relaxado e diverte-se com a história. A comicidade serve para complementar os elementos persuasivos do início do programa, visto que são raros os momentos em que o apresentador sorri ou brinca com as situações apresentadas, sendo que a maior parte das notícias exploradas neste noticiário tem caráter sério, assustador, de indignação, de revolta, que provocam gritos e gestos bruscos. Observa-se a seguir a imagem que se refere ao texto selecionado acima, em que o apresentador diverte-se com a história da mulher que trocou a fotografia, visando atrair o pretendente:



FIGURA 1 – José Luiz Datena, em momento de descontração

Fonte: Arquivo pessoal

No percurso gerativo de sentido greimasiano, no nível das estruturas fundamentais, apresenta-se a oposição fundamental: /popularidade/ vs. /anonimato/. Pode-se estabelecer os pólos significativos na sintaxe do nível fundamental:

*popularidade*_____ *não-popularidade*_____ *anonimato*

No nível narrativo, observam-se os enunciados do *ser* e *fazer*, que se apresentam por meio da sequência de estados e transformações dos sujeitos em busca do objeto de valor. No programa *Brasil Urgente*, o Objeto de Valor (OV) é a audiência que proporciona maiores rendimentos à emissora. Dentro dessa perspectiva, o apresentador do noticiário policial e todos os recursos que compõem o noticiário têm a função, dentro da narrativa, de manipular o sujeito telespectador para assistir o programa para alcanças OV (audiência).

Quando o Sujeito da narrativa está de posse do Objeto de Valor (a audiência) – $S \cap OV$ –, a semiótica afirma que está em conjunção. No entanto, quando está distante do Objeto de Valor, tem-se: $S \cup OV$, ou seja, está em disjunção.

O OV pode ser classificado como descritivo (valor último do objeto) ou modal (objeto que dá poder para conseguir o objetivo descritivo). No noticiário, a emissora representada pelo jornalista-apresentador busca audiência (OV modal), e conseqüentemente, mais anunciantes, mais fama etc. (OV descritivo). Então, a audiência é o OV modal, enquanto as conseqüências dessa audiência – mais anunciantes, popularidade, espaço, representatividade nacional – são OV descritivos.

A narrativa que se estrutura na busca pelo OV compõe-se por quatro percursos narrativos: manipulação, competência, *performance* e sanção.

Na fase da manipulação, tem-se o sujeito (apresentador) que age sobre o espectador com o objetivo de conquistar a sua atenção, mantendo-se cativo ao programa. O público precisa *querer* manter-se cativo do programa. Neste caso, a persuasão ocorre por meio da manipulação semântica. O apresentador envolve o espectador, expondo o tema para mantê-lo fiel à programação naquele momento e nos dias subsequentes. Nesse programa, a manipulação pela tentação (recompensa) acontece pela apresentação de um fato cômico (a mulher passou-se por mais jovem usando uma fotografia antiga). O público que assistir a reportagem irá ganhar alegria e diversão. Além do humor, neste caso, têm-se o cenário, a eloquência do apresentador, a tarja que aparece na tela na parte de baixo, solicitando que o espectador participe, enviando mensagens SMS etc. A estratégia de manipulação usada aqui é a sedução (o público é tido como importante, suas opiniões são valorizadas, como se fossem sensatas, sábias, inteligentes, espertas).

O apresentador leva o espectador (manipulado) a fazer juízo positivo, ou seja, continuar a assistir o *Brasil Urgente*; tem-se, então, a sedução: *Estou apresentando algo interessante que você vai gostar de assistir, porque você é esperto o bastante para apreciar algo bom, realmente interessante.*

Na fase da competência, observa-se que o sujeito (apresentador) é dotado de um saber. O apresentador que representa o enunciatário – o canal televisivo – é o detentor da informação.

A *performance* central da narrativa no noticiário policial é passar de um estado de disjunção com a audiência elevada à conjunção com a audiência; sendo assim, alcançar o objeto de valor descritivo, os fatores que resultam da audiência do programa, como mais anunciantes, mais popularidade, mais dinheiro etc.

O nível discursivo “é o patamar em que se revestem as estruturas narrativas abstratas” (FIORIN, 2006, p. 168). Nesse sentido, as fases do percurso narrativo são revestidas de texto, imagem, som para que possam ser compreendidas.

Com relação aos aspectos da semântica discursiva, tematização e figurativização, observa-se que o programa de noticiário policial é um texto figurativo, ou seja, procura mostrar o que acontece no mundo. No entanto, as explicações do narrador são partes temáticas em que este explica verbalmente as

imagens mostradas. Assim, utilizam-se narrações e descrições que vão desenhar os temas apresentados no programa.

Os assuntos do programa poderiam ser classificados desse modo: 1) Maltrato a idosos; 2) Ameaça de suicídio; 3) Roubo; 4) Desastres naturais. Esses temas manifestam-se por meio das figuras: 1) Idoso de 93 anos sofre agressão; 1) Flagrante de idosas sofrendo agressão; 1) Entrevista de parente de idoso que sofreu agressão; 2) Homem ameaça pular de uma torre de alta tensão; 3) Ladrão de carros é flagrado; 4) Onda gigante invade estrada e arrasta carros.

Temas	Figuras
1) Maus-tratos a idosos	1) Idoso de 93 anos sofre agressão; 1) Flagrante de idosas sofrendo agressão; 1) Entrevista de parente de idoso que sofreu agressão;
2) Ameaça de suicídio	2) Homem parece querer pular de uma torre de alta tensão;
3) Roubo	3) Ladrão de carros é flagrado;
4) Desastres naturais	4) Onda gigante invade estrada e arrasta carros.

QUADRO 2 – Temas e Figuras do *Brasil Urgente* 14/03/2008.

2.2 A VERIDICÇÃO NO NOTICIÁRIO POLICIAL – A CONSTRUÇÃO DO *ÉTHOS*

Em meados do século XIX, surge a fotografia. Sua natureza concomitantemente icônica, indicial e simbólica sugere a ponte entre o homem e o mundo, entre o olhar e o real. Hoje, a imagem fotográfica surge na mídia em diversos suportes – impresso, televisual, cinematográfico, digital, web –, veiculando, ressignificando memórias, compondo uma educação visual do homem urbano contemporâneo.

Os meios de comunicação, de forma geral, propõem “uma maneira diferente de inteligibilidade, sabedoria e conhecimento, como se devêssemos acordar algo adormecido em nosso cérebro para entendermos o mundo atual” (ALMEIDA, 1994, p. 16).

Para Santaella e Nöth (2008, p. 13), “as imagens têm sido meios de expressão da cultura humana desde as pinturas pré-históricas das cavernas, milênios antes do aparecimento do registro da palavra pela escritura”. Entretanto, esses autores afirmam que, apenas no século XX, voltaram a ser tão importantes como em seu surgimento, pois colocam que, na

[...] idade do vídeo e infográfica, nossa vida cotidiana – desde a publicidade televisiva do café da manhã até as últimas notícias no telejornal da meia noite – está permeada por mensagens visuais, de uma maneira tal que tem levado os apocalípticos da cultura ocidental a deplorar o declínio das mídias verbais (SANTAELLA e NÖTH, 2008, p. 13).

As imagens fotográficas – atraentes e sedutoras em sua natureza sígnica –, enquanto produto da cultura, ainda mantêm o sentido de “certificado de presença”, apontado por Barthes, ou de “pílulas de realidade”. A objetiva da câmera, sua visão monocular, capta as “verdadeiras” facetas do mundo, fragmenta a realidade em diversas peças. E, há muito tempo, fomos seduzidos a entrar no jogo que consiste em reconstruir o todo.

O uso da imagem videográfica, herança do cinema, trouxe diversas contribuições para a linguagem jornalística e propiciou o aparecimento de outras maneiras de noticiar. Machado (1988, p. 43) escreve: “o vídeo, por consequência de sua própria constituição, é a primeira mídia a trabalhar concretamente com o movimento, isto é, com relação espaço-tempo”.

Para compreender-se como funciona a imagem do vídeo tecnicamente, Machado (1988) explica que a ela é projetada em uma superfície foto-sensível reticulada (*target*), que tem a capacidade de conduzir a luz que incide sobre os seus pontos.

Ao ser varrida pelo feixe de elétrons, a luminosidade da imagem em qualquer ponto é trazida em amplitude de um sinal elétrico, de modo que cada ponto ou retícula do espaço bidimensional é convertido em nível de voltagem de um impulso elétrico na seqüência temporal. À medida que a intensidade luminosa da imagem varia de um ponto a outro da linha de varredura, a amplitude do sinal se modifica de forma sincronizada. Assim, uma imagem projetada no suporte fotocondutor é traduzida em mudanças na voltagem de um sinal elétrico durante o tempo necessário para fazer o seu esquadrinamento completo (MACHADO, 1988, p. 41).

Esse processo tornou possível que a televisão estivesse presente em todos os momentos da vida das pessoas. Ela é suporte para diversos textos que exploram diferentes assuntos reais e diários, dirigidos para públicos, muitas vezes, específicos.

Concepções antigas são substituídas por novas e a apreensão do mundo pelo homem contemporâneo é construída. Aquilo que consideramos realidade é, na verdade, mediado, uma representação, uma realidade midiática (veridicção). “O discurso jornalístico é um fator ordenador daquilo a que chamamos, por algum resíduo de inocência imperdoável, de realidade” (GOMES, 2003, p. 9).

Sontag (2003, p. 20) afirma que

Ser um espectador de calamidades ocorridas em outro país é uma experiência moderna essencial, a dádiva acumulada durante mais de um século e meio graças a esses turistas profissionais e especializados conhecidos pelo nome de jornalistas. Agora, guerras são também imagens e sons na sala de estar. As informações sobre o que se passa longe de casa, chamada de “notícias”, sublinham conflito e violência – “Se tem sangue, vira manchete”, reza o antigo lema dos jornais populares e dos plantões jornalísticos de chamadas rápidas na tevê – aos quais se reage com compaixão, ou indignação, ou excitação, ou aprovação, à medida que cada desgraça se apresenta.

A colocação de Sontag encaixa-se perfeitamente ao repertório do telejornalismo policial, em que o descaso pela vida é reafirmado por meio das apresentações e reapresentações da desgraça, violência e morte, alvos preferidos desse gênero televisivo. A câmera, mais que a fotografia, proporcionou à televisão agilidade, creditando verdade ao que se vê. A imagem da câmera capta a suposta realidade, os movimentos são registrados, são centenas ou até milhares de fotografias da cena tiradas sucessivamente e rapidamente. Por isso, durante a exibição, a imagem parece mover-se por causa da rapidez com que as fotos são exibidas, muito mais do que o olho humano pode acompanhar. Tudo isso apresenta-se de modo hipnótico e sedutor ao público que assiste a tais imagens.

2.3 ELEMENTOS DE DISPOSIÇÃO CÊNICA

Na construção do noticiário, muitos elementos são utilizados para que o resultado seja o que se vê no programa. Alguns desses elementos são a iluminação,

a construção do cenário, as cores utilizadas, o som, a câmera, a posição do apresentador etc.

Neste contexto, a posição da câmera é de suma importância. Por meio dela, são transmitidas as imagens do apresentador, e o modo como se explora a imagem desse personagem pode influenciar a aceitação do programa e a sua credibilidade. O apresentador coloca-se em uma posição que parece não admitir contestação, sua imagem demonstra segurança, autoridade ao tratar dos assuntos apresentados.

No programa de noticiário policial, a câmera assume o papel do enunciatário, ou seja, o apresentador conversa, interage com ela, porque ela representa o outro.

A primeira ação da câmera é a *tomada*, que está associada ao ato de ligar, isto é, acioná-la para filmar ou gravar e depois desligá-la. Uma posição poderá durar apenas alguns segundos ou até horas. Geralmente, a tomada leva, no máximo, o tempo de uma cena; no entanto, as cenas ganham cortes com posições e planos, movimentos e ângulos diferentes. Uma tomada é feita por quatro quadros ou fotografias. A televisão faz uso de trinta quadros por segundos.

Uma cena é formada normalmente por uma ou mais tomadas, que acontecem em planos e ângulos diversos e são produzidas por mais de uma câmera. Ela possui começo, meio e fim. Existem tipos diferentes de cena, como a descritiva, que mostra uma paisagem, por exemplo. Também é narrativa, pois conta uma história, acompanhada por diálogos, que podem manifestar-se por participações via *SMS* ou ter apenas o discurso exclusivista do apresentador, no caso do noticiário policial.

Tem-se, também, o *zoom*, recurso muito utilizado no programa de noticiário policial *Brasil Urgente*, que pode ser definido como o recurso de aproximação ou afastamento de uma imagem, sem a necessidade do deslocamento da câmera.

Esses recursos de utilização de diferentes tomadas, cortes, planos e ângulos são utilizados cotidianamente no cinema e na televisão, para a construção de personagens.

As tomadas da câmera são importantes para compor um personagem, já que elas podem ajudá-lo a tornar-se um príncipe ou um sapo. Utiliza-se como exemplo, quando se aborda esse assunto, o que aconteceu nas eleições de 1989, no debate transmitido por todos os canais televisivos abertos, em que se apresentaram os candidatos Fernando Collor de Melo e Luís Inácio Lula da Silva.

Diz-se que as imagens foram manipuladas justamente para que Collor nos parecesse um *lord*, um “príncipe”, com gestos refinados, sorriso delicado e postura elegante. Em contrapartida, a figura do candidato Lula foi “construída” a partir de seu comportamento revolucionário, ou rebelde explorado pela imprensa. As imagens que mostravam Lula procuravam ressaltar gestos bruscos, caretas, barba por fazer, cabelos despenteados, linguajar popular etc.

3 O BOM MOÇO E O BANDIDO – A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO APRESENTADOR DE NOTICIÁRIO POLICIAL

Neste estudo, analisa-se essencialmente o texto oral, ou seja, a fala do apresentador de noticiário policial José Luiz Datena. No entanto, até mesmo para situar a análise do texto oral, apresentam-se, em alguns momentos, algumas imagens.

O nome do programa, *Brasil Urgente*, traz a ideia de tempo presente, aqui e agora (debreagem enunciativa), de algo que está acontecendo no momento do programa, e o público necessita ser informado com rapidez, “em primeira mão”, sem demora, pois as notícias urgem. Tudo isso leva a uma proximidade com o espectador, que se sente envolvido por um discurso em forma de diálogo (aqui e agora). Ao mesmo tempo, o espectador sente-se emocionalmente envolvido, como se fosse testemunha dos fatos apresentados.

Depois da abertura do programa *Brasil Urgente*, aparece na tela a figura do apresentador. É um homem robusto, com voz intimidadora. Veste terno escuro e está em pé, frente à câmara. O cenário deste programa é formado por um fundo em cor única, às vezes, laranja, azul ou combinando cores como azul e vermelho. Há um varal ao fundo, atrás do apresentador, no qual estão penduradas algumas camisetas brancas. As camisetas mostram frases de efeito, protesto, reivindicação: “Polícia na rua”; “Cadê a polícia?”; “Sou vítima”; “Quero justiça!”.

Em certos períodos, em que há destaque de um fato violento, as frases relacionam-se a esses acontecimentos, como os conhecidos casos “Menina Isabella Nardoni” e “Menino João Hélio”. O apresentador costuma vestir as camisetas para que seja reforçada a sua indignação.



FIGURA 2 - BRASIL URGENTE - Linchamento de Bandidos

Fonte: Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=SjOxCRWzxxwg>>. Acesso em: 01 jun.2009.

Quando o varal não está exposto, o cenário do programa *Brasil Urgente* assemelha-se aos cenários dos telejornais, cujo padrão mostra um fundo de cores que se combinam ou de cor única.

Na imagem abaixo, observa-se outro cenário do programa *Brasil Urgente*, por meio da qual se nota a similaridade com outros telejornais:



FIGURA 3 - BRASIL URGENTE - Vendedor de carros mata 3 Pessoas (2009)

Fonte: Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=2WLVN_yZIWc&feature=related>. Acesso em: 20 fev. 2009.

Observa-se pouca variação entre a composição do cenário de telejornais e programas de noticiário policial, como por exemplo as cenas apresentadas a seguir.



FIGURA 4 – JORNAL DA RECORD

Fonte: Disponível em: <http://blogs.jovempan.uol.com.br/parabolica/geral/jornal-da-record-ainda-e-a-cara-do-pai>. Acesso em: 22 out. 2009.



FIGURA 5 - Telejornal do SBT

Fonte: Disponível em: <http://grupoaudienciadatv.wordpress.com/2009/09/24/sbt-brasil-agrada-em-novo-horario-e-ganhara-novidades/>. Acesso em: 22 out. 2009.



FIGURA 6 - Programa de Noticiário Policial da Bandeirantes - Regional-Londrina

Fonte: Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=_xwNCNfeY6g. Acesso em: 22 out. 2009.



FIGURA 7 - Programa Balanço Geral da TV Record – Regional-Londrina

Fonte: Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=9_Sb2wHQ2-Y.> Acesso em: 22 out. 2009.



FIGURA 8 - Telejornal da Rede Globo – Jornal Hoje

Fonte: Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ubycS__MppQ.> Acesso em: 22 out. 2009.

Os cenários dos telejornais, assim como as vinhetas sonoras, merecem um estudo à parte, pois apresentam material interessante para análise semiótica. A título de curiosidade cita-se cenários, o uso de determinadas cores em detrimento de outras e, nas vinhetas, a preferência por algumas notas musicais que parecem representar o próprio cotidiano ou, ainda, a urgência da notícia, no caso do programa *Brasil Urgente*.

No programa *Brasil Urgente*, a cidade que recebe mais atenção é São Paulo, já que é o local de onde se apresenta o noticiário.

A população, em geral, acredita na palavra do telejornal; este, por sua vez, usa o argumento da ética profissional para convencer o ouvinte de que é imparcial. Entretanto, é sabido, no meio dos estudos da linguagem, que não há textos “neutros” e totalmente imparciais.

Para Rodrigues (1999), não se percebe que há no telejornal, há escolha dos termos e da ordem de sua apresentação, a definição do que será apresentado que transparecem a existência de juízos de valor que fundamentam-se em critérios acordados. Algumas vezes, tais escolhas são equívocas outras não.

3.1 BRASIL URGENTE *VERSUS* JORNAL NACIONAL

O *Jornal Nacional* tem sido referência na televisão brasileira. O padrão Globo de televisão, que procura apresentar em seus programas o máximo de perfeição, tem sido almejado por outros canais de televisão aberta.

Nesse sentido, os telejornais da Globo, de modo especial o *Jornal Nacional*, procuram traduzir-se como sinônimo de ética, seriedade e imparcialidade. Para isso, são construídos, despindo-se, aparentemente, de qualquer exagero.

No *Jornal Nacional*, observa-se desde a sua abertura, cenário, apresentadores, postura, voz, gestos, guarda-roupa, seleção de reportagens (por mais sensacionalistas que sejam), a preocupação com o *clean* (limpeza, clareza, objetividade, concisão).

Ao contrário deste, o programa de noticiário policial prima pelo exagero na sua construção.

A caracterização do apresentador proposta pelo enunciador faz parte da apelação para a popularidade. Esse personagem é revestido de qualidades heroicas, tais como compaixão, amor ao próximo, indignação, alto teor moral, honestidade, oposição à injustiça etc.

Outros elementos desse personagem atuam como aproximadores do público; um deles é a linguagem coloquial do apresentador, que é proferida de modo a ser facilmente entendida.

Outro aspecto é sua vestimenta, geralmente terno e gravata –, que, ao contrário do uso da linguagem, que objetiva criar vínculo de proximidade, procura posicioná-lo como autoridade nos assuntos abordados no programa: aquele que expressa clara e sabiamente a opinião do enunciador para persuadir o enunciatário. Assim, revestido de superioridade, com a voz potente e grave, seu discurso toma força, formalidade e seriedade. O apresentador abusa da entonação vocal, das expressões faciais e dos gestos.

Comparando o telejornal e o noticiário policial, percebe-se que no primeiro, as marcas composicionais levam à construção de um *éthos* da imprensa séria, que se difere, se distancia do *éthos* do noticiário policial, mais sensacionalista. Enquanto aquele se apresenta como isento e imparcial, em cuja construção é possível observar um tom mais sóbrio, contido, imagem equilibrada e gestos calculados; neste, mostra-se um *éthos* com tons de agressividade, de rudeza, procura-se mostrar que se fala com franqueza, há demonstração de sentimentos e subjetividade e não há espaço para a polidez. O apresentador tem postura avessa a contestação, constantemente grita, gesticula e acusa enfaticamente.

Podem-se observar com clareza os aspectos que diferenciam os *ethé* dos enunciadorees *Jornal Nacional* e *Brasil Urgente*, no quadro a seguir:

Jornal Nacional	Brasil Urgente
Composição de um <i>éthos</i> da imprensa mais séria;	<i>Éthos</i> mais sensacionalista;
Apresenta-se como isento e imparcial;	Mais agressivo, rude, procura mostrar que fala com franqueza;
Mais sóbrio, contido, imagem equilibrada;	há demonstração de sentimentos, não há espaço para a polidez;
Gestos calculados.	Postura do apresentador avessa à contestação, constantemente grita, gesticula e aponta.

QUADRO 3 – Comparação de Aspectos entre *Jornal Nacional* e *Brasil Urgente*

O *Jornal Nacional* e *Brasil Urgente* apresentam-se quase que como opostos comportamentais do telejornalismo. Enquanto o primeiro busca apresentar-se sóbrio, imparcial, racional, *clean* etc.; o segundo apresenta-se mais parcial, sem preocupação com a demonstração de emoções (raiva, tristeza, revolta, indignação), parcial. No entanto, ambos querem transparecer honestidade e compromissados com a verdade acima de tudo.

Ambos os jornais exploram de modo persuasivo e sensacionalista suas reportagens, porém o *Jornal Nacional* não deixa clara essa intenção, talvez por causa da preocupação com o nível de qualidade. O *Brasil Urgente*, ao contrário, faz do sensacionalismo o seu “negócio” e não esconde essa intenção dos seus espectadores que já o buscam com esta finalidade.

No quadro a seguir e na seleção de imagens abaixo, observa-se a diferença entre esses enunciatórios⁸:

⁸ **Programa Brasil Urgente** – Rede Bandeirantes (coluna da esquerda)

FIGURA SUPERIOR - Datena pedindo mais polícia nas ruas

Fonte: Disponível em: <<http://tvenet.files.wordpress.com/2009/10/policianaruadatenaimg.jpg>>.

Acesso em: 22 out. 2009.

FIGURA CENTRAL - Datena indignado

Fonte: Disponível em: <<http://audienciatv-ibope.blogspot.com/2009/01/bomba-datena-critica-duramente-record.html>>. Acesso em: 22 out. 2009.

FIGURA INFERIOR - Datena ameaçando

Fonte: Disponível em: <<http://home.areavip.com.br/news/imagens/fotos/735.jpg>>. Acesso em: 22 out. 2009.

Jornal Nacional – Rede Globo (coluna da direita)

FIGURA SUPERIOR - William Bonner aguardando o início do jornal

Fonte: Disponível em:

<http://www.vooz.com.br/imagem/noticias/jn_b937d8196d30fc4c22370d2acb17bc36.jpg>. Acesso em: 22 out. 2009.

FIGURA CENTRAL - William Bonner e Fátima Bernardes aguardando o início do jornal

Fonte: Disponível em: <<http://lucianonassyn.wordpress.com/2009/09/25/>>. Acesso em: 22 out. 2009.

FIGURA INFERIOR - Fátima Bernardes aguardando o início do jornal

Fonte: Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u409391.shtml>>. Acesso em: 22 out. 2009.

IMAGENS DO PROGRAMA DO BRASIL URGENTE (REDE BAND DE TELEVISÃO):



IMAGENS DO JORNAL NACIONAL (REDE GLOBO DE TELEVISÃO):



QUADRO 4 – Imagens comparativas entre *Brasil Urgente* e *Jornal Nacional*

Segundo Fiorin,

Quando falamos em eu e tu, falamos em actantes da enunciação, ou seja, em posições dentro da cena enunciativa, aquele que fala e aquele com quem se fala. No entanto, nos diferentes textos, essas posições são concretizadas e esses actantes tornam-se atores da enunciação. O ator é uma concretização temático-figurativa do actante. (FIORIN, 2008, p. 81).

Fiorin (2008, p. 81) afirma, ainda, que “o ator é uma concretização temático-figurativa do actante”. O enunciador é sempre um *eu*; desse modo, no noticiário *Brasil Urgente*, o enunciador é a emissora de televisão – Rede Bandeirantes de Televisão. O apresentador de noticiário policial é a concretização dos temas e figuras estabelecidos pela emissora. Quando o apresentador – José Luis Datena – diz que está revoltado com o caso das mulheres que bateram no senhor idoso, a quem deveriam oferecer cuidados, essa revolta é evidenciada pela escolha vocabular do apresentador, pelos seus gestos etc.

O *éthos* explicita-se na enunciação. Fiorin (2008, p. 83) cita Dominique Maingueneau, explicando que o *éthos* compreende três componentes: o caráter, conjunto de características psíquicas reveladas pelo enunciador (o *éthos* propriamente dito); o corpo, feixe de características físicas que o enunciador apresenta; o tom, a dimensão vocal do enunciador, desvelada pelo discurso.

No programa de noticiário policial, o apresentador procura mostrar que reúne todas as qualidades de um “bom jornalista” com ética, ou melhor, comprometido com a verdade. Por isso, o programa centra-se em sua imagem e voz. Este ator serve de costura, unindo as notícias que são apresentadas por ele mesmo e pelos repórteres de rua. Assim, por meio das suas colocações e comentários, ele, o apresentador, torna-se elemento de conexão, que liga e encadeia as reportagens apresentadas, bem como as partes que as integram.

Barthes (apud PIETROFORTE, 2004, p. 49) escreve:

A articulação da imagem com a palavra, portanto, torna-se um dos modos de orientar e restringir essas escolhas do leitor: quando as palavras explicam o que se passa nas imagens, como nas legendas das fotos jornalísticas, o verbal cumpre a função de ancoragem.

O apresentador funciona também como um intérprete da notícia, explicando os acontecimentos, emitindo sua opinião e, por sua vez, não permite que o telespectador tome suas próprias conclusões sobre os fatos projetados. Ele mesmo acusa, julga e oferece o “veredicto”, visto que não concede tempo para o leitor refletir sobre cada fato mostrado.

O seu discurso é exclusivista, não aceita opiniões contrárias, geralmente é o que mais fala e sempre é o último a falar. A sua voz é a “autoridade” sobre o assunto, já que diz as “verdades” absolutas. Os repórteres entrevistam vítimas e

acusados, apenas como atores coadjuvantes no programa. A estrela é apresentador.

Desse modo, percebe-se o clima à violência em que o apresentador encena o pacificador; no entanto, mostra-se, na essência, como promotor da violência, ao divulgá-la constante e enfaticamente, banalizando dessa forma a vida.

É possível afirmar até que alguns grupos de jovens podem se sentir atraídos pelos comportamentos criminosos dos “meninos bandidos”, que repentinamente viram “astros” da televisão.

Percebe-se que um dos aspectos presentes nesse tipo de programa são as estratégias argumentativas que levam à persuasão, pois apelam para sentimentos como compaixão, raiva, piedade, medo, decepção etc. No trecho a seguir, observa-se como o apresentador utiliza tais emoções para manter cativa a atenção do telespectador:

Apresentador: [...] Hoje tem muito assunto, é eu queria dar uma série de notícias na escalada daqui a pouquinho, mas tem um depoimento dramático: é uma garota de 30 anos, de uma família de classe média da zona sul de São Paulo, conta como que abandonou a família e os 3 filhos para viver nas ruas da “cracolândia”, essa cracolândia que eu reputo como um câncer no centro de São Paulo. Entra prefeito, sai prefeito e, por falta de gerenciamento público, né, nós continuamos com essa pouca vergonha (BRASIL URGENTE, 11 fev. 2008).

Este trecho, que faz parte do início do programa, é o meio pelo qual o apresentador dá a *escalada*, ou seja, as notícias que serão exploradas em seu programa. Embora o apresentador tenha afirmado que há muitos assuntos nesse dia, nota-se que a escalada é composta basicamente de uma única notícia: o depoimento de uma mulher dependente de drogas. Para chamar a atenção do espectador, o jornalista usa palavras e expressões como “garota”, embora a mulher já tenha 30 anos; “família de classe média”; “zona sul”, “abandono de três filhos”, “cracolândia”, “gerenciamento público” etc. Além dessa notícia, ele fala a respeito da “pancadaria” ocorrida em uma casa de *shows*, em que se apresentava o cantor Belo.

O apresentador do noticiário policial, sendo porta-voz de seus espectadores, quer emitir as paixões e os sentimentos do público: medo, inconformismo, sede por justiça, coragem etc. Pode-se dizer que ele pretende representar o que as pessoas pensam e o que querem ou esperam do Estado e da justiça, isto é, representa o senso comum.

Por detrás de tudo isso estão as ideologias que marcam o seu discurso, como a pena de morte, diminuição da maioria penal ou justiça com as próprias mãos etc.

Embora as notícias apresentadas nesse tipo de jornal girem constantemente em torno de assuntos que se assemelham pela brutalidade que possuem (assalto, acidente, assassinato, impunidade, falta de assistência), o telespectador acostuma-se a conviver com tais atrocidades, e, ao invés de se levantar para pedir justiça, acaba se acomodando, e tais acontecimentos passam como se fossem “comuns”, “normais” na vida cotidiana. O resultado é a indignação passiva.

Nas análises que seguem, são utilizadas várias transcrições por meio das quais procura-se ser fiel à fala do apresentador, mantendo elementos de oralidade. A pontuação é empregada de acordo com a *performance* da fala e as citações diretas dos repórteres e entrevistados estão entre parênteses.

3.1.1 Estrutura do Texto

No noticiário policial, podem ser agrupados, por exemplo, em um bloco, problemas urbanos como poluição, violência e trânsito caótico. Em outro bloco, tem-se corrupção na política, problemas no transporte coletivo e precariedade da saúde. E, ainda, em um último bloco, podem reunir-se a precariedade da saúde pública e o cão herói que salva a vida de uma criança em situação de perigo. Leia-se a seguir um trecho do noticiário e, em seguida, observe-se a estrutura do noticiário policial:

José Luiz Datena: *Um beijo grande, com a graça de Deus e com a sua licença, tãmo (estamos) entrando aí na sua tela, pras notícias do Brasil e do mundo. Lógico que nós vamos falar do caso da garota Isabella que as pessoas continuam ainda perguntando o que aconteceu naquele apartamento, né? Vários outros casos, outras notícias, mas também muitas... é ... é ... novidades, informações sobre o caso da... da... Isabella. Pelo menos o que a tem podido apurar até agora. Um abraço pra Dona Tetê de Porto Alegre e pra gente Dona Zuleica de Floripa, não é? Duas é... senhoras maravilhosas que vêem a gente aí no sul do país. Cê vai ver agora no Brasil Urgente: Polícia invade cativo e liberta o filho do cartunista Maurício de Sousa.*

(Nesse momento, são mostradas as cenas, com áudio, do resgate do garoto, nas quais é possível perceber a tensão do ambiente)

O Maurício de Sousa foi quem fez a Mônica, o Cebolinha, nem sabia que estava seqüestrado o menino ... Ce vai ver o momento em que o menino é resgatado ao lado da mãe e do irmão de dois anos de idade. O três estavam seqüestrados há cerca de vinte dias. (PAUSA)

E o mistério continua: quem matou Isabella? O caso que está mexendo com todos os brasileiros. (Nesse momento, com uma sonoplastia de suspense, são exibidas fotos da menina com a mãe e outras fotos da garota nas quais estava sempre sorrindo). É impressionante, eu estive em Florianópolis esse fim de semana fazendo “No Coração do Brasil” e as pessoas só me perguntavam “Datena, quem foi, quem foi?”. Família do senhor que era agredido covardemente pelo acompanhante contratado para cuidar dele quer saber há quanto tempo ele vinha sofrendo nas mãos do monstro. (São exibidas cenas gravadas por uma câmera escondida no quarto do idoso, as quais comprovam a culpa do acompanhante). Segundo o Fábio Panuzio que fez a reportagem, pelo menos um ano e meio, não é? Excelente reportagem do Panuzio inclusive. Milagre. Jovem de dezoito anos chega caminhando ao pronto-socorro com uma faca alojada na cabeça. (É mostrado o rapaz chegando ao hospital, nesse momento). Ele foi atacado ... tira essa imagem daí, é pra pôr com cobertura, meu velho ... é, não, é pra pôr com máscara. Que coisa, hein, ô? Cês tão tomando o quê aí ô? Pelo amor de Deus aquela primeira imagem cê pode tirar aquilo lá, põe máscara nisso aí. Mas que coisa o cara com uma faca na cabeça chegando ... que coisa maluca, hein? Bom, é ... o caso da garota. Temos aí o caso da garota. A justiça autoriza quebra de sigilo telefônico de Alexandre Nardoni pra identificar ligações feitas antes e depois da morte de Isabella. O Alexandre é o pai da garota (BRASIL URGENTE, 07 abr. 2008).

Apresentador abre o noticiário: *Um beijo grande, com a graça de Deus e com a sua licença, tâmo (estamos) entrando aí na sua tela, pras notícias do Brasil e do mundo.* Percebe-se, neste início, que ele faz uso do discurso religioso, desse modo, observa-se que sua intenção pode ser a de criar um vínculo com as pessoas que o assistem, que podem se identificam com ele por causa da religiosidade.

Em seguida, o apresentador introduz as notícias da edição. Verifica-se que a *escalada* utilizada pelo programa, desde o início para manter o público cativo; discorrendo sobre um caso “atraente” para o espectador: *Lógico que nós vamos falar do caso da garota Isabella que as pessoas continuam ainda perguntando o que aconteceu naquele apartamento, né?* Desse modo, o programa garante a audiência. Na continuidade, o personagem continua a apelar para notícias que exploram o lado emocional do telespectador: *Cê vai ver agora no Brasil Urgente: Polícia invade cativeiro e liberta o filho do cartunista Maurício de Sousa* (Nesse momento, são mostradas as cenas, com áudio, do resgate do garoto, nas quais é possível notar a tensão do ambiente).

Como muitas pessoas não conhecem o Maurício de Sousa, mas conhecem seus personagens, o apresentador fornece dados que ligam a figura do pai da vítima

aos seus personagens: *O Maurício de Sousa foi quem fez a Mônica, o Cebolinha, nem sabia que estava sequestrado o menino [...].*

O apresentador chama a primeira reportagem, anunciada na escalada: *já pronto, já preparado? Onde é que está o Márcio Campos em frente à delegacia? O Márcio tem feito um trabalho, é... excepcional, como aliás, é de característica, não é?, do nosso Márcio Campos a respeito dessas investigações. Tem alguma novidade que a gente pode dar agora ou... ou daqui a pouco, ô Márcio Campos, a respeito do caso?* (Aparece a tarja: Peritos voltam ao local onde Isabella foi morta.) (BRASIL URGENTE, 07 abr. 2008). Até que o repórter entre em cena, o apresentador conversa com o telespectador. No entanto, para que não se perca o foco da notícia, aparece a tarja que apresenta o enunciado: *Peritos voltam ao local onde Isabella foi morta.*

A seguir procura-se observar em trechos de reportagens (três exemplos) as construções desses textos por meio da semiótica.

3.2 EXEMPLO 1 - AGRESSÃO A IDOSO

Há algum tempo, acompanham-se textos jornalísticos que exploram o tema “agressão a idosos”, assim como outros temas polêmicos. A exploração por parte da televisão, em especial do programa de noticiário policial, do tratamento oferecido aos idosos, no Brasil, tem rendido audiência a esses noticiários. De acordo com Discini (2007, p. 14),

Todo texto, se examinado além da aparência, revela mecanismos de construção do sentido, que refletem estratégias do sujeito. Assim, os fatos constituintes do texto não devem ser considerados como gratuitos ou não intencionais, pois relacionam-se para que o todo seja formado, construído e tenha sentido.

Objetiva-se, neste estudo, observar por meio da semiótica como a reportagem - *Agressão ao idoso* -, de 14 de março de 2008, é construída. A escolha do tema *Agressão ao Idoso* não foi aleatória; surgiu do fato de que a reportagem apresenta um aspecto diferente para análise: o uso de cenas capturadas por meio de uma câmera escondida.

Mais uma vez, o programa não foge à regra: explorar temas polêmicos, situações de violência, tragédias etc. Nesse sentido, a agressão ao idoso é mais um campo profícuo para o programa.

Como de costume, o enunciador – apresentador – mostra-se interessado em denunciar algo, a busca do programa pela audiência é camuflada. O programa parece ter uma preocupação social e busca algo que precisa ser desmascarado (diagnosticado) para posteriormente apresentar soluções que necessitam serem tomadas para que tais comportamentos sejam extintos (e a sociedade viva em paz).

As imagens de agressão mostradas foram captadas por uma câmera escondida, instalada pela família, que desconfiava que o idoso sofria agressões, são imagens fortes, repetidas várias vezes no programa e acompanhadas pela fala do apresentador, sublima-se a fragilidade do idoso frente à força da agressora.

O apresentador, enquanto mostra as imagens do idoso sendo maltratado, explora as qualidades do agredido, ressaltando o fato de ser ex-prefeito, do que se pode deduzir que ele pode ter sido bom para outras pessoas, como se tais aspectos definissem se a agressão é justa ou não. Desse modo, o apresentador dirige o olhar do expectador sob a vítima, procurando atrair a simpatia do público.

São ressaltados outros temas relacionados ao idoso, como a situação econômica em que vive a maior parte dos idosos da sociedade, o envelhecimento da população brasileira e o abandono destas pessoas.

Outro aspecto interessante na programação deste dia é que se tem a impressão de que todo o programa seria dedicado ao tema agressão ao idoso; entretanto, no decorrer do programa, o helicóptero do canal depara-se com uma provável cena de tentativa de suicídio, então o foco do programa muda completamente, e o noticiário passa a transmitir apenas as imagens ao vivo da tentativa de suicídio, conforme acompanhou-se neste estudo. Deduz-se que isto ocorra porque a notícia ao vivo é mais emocionante, já que ninguém sabe o que vai acontecer.

Lê-se, a seguir, a transcrição da fala do apresentador na reportagem *Agressão ao idoso*. Serão apresentadas também algumas cenas:

Transcrição da fala do apresentador José Luiz Datena:
Como a sociedade brasileira trata mal seus idosos.
O idoso de 93 anos de idade e ex-prefeito de uma cidade do interior, sentado no sofá é enforcado pela acompanhante. Mas que mulher canalha, né?
Já não chega o tratamento terrível que o governo dá para os idosos?
E aí nós temos que ver um senhor no fim da vida, ex-prefeito, que pode ter ajudado muita gente, e na realidade dizem que é um homem bondoso e tal.
No fim da vida você chegar nesse estágio e as pessoas que cuidam dele fazendo isso com ele. Já não chega o desrespeito que o país tem pelo cidadão de idade, pelo aposentado, concorda comigo ou não?
Olha o que essa mulher faz com esse idoso. Enforcando o homem.
Mas é uma canalhice que não tem tamanho, eu tenho dó dos meus amigos que são aposentados, tenho dó dos meus amigos que sofrem pelo Brasil.
Mas eu fico revoltado quando eu vejo uma cena de uma covarde dessa daí. E sabe o que me deixa mais revoltado ainda?
É...é... que me deixa mais revoltado ainda? Que hoje tem indivíduo que abandona pai em asilo. O que tem de filho que não reconhece a educação que recebeu, o carinho dos pais e que joga os pais em... em... asilos hã? Eu tô errado no que eu to dizendo? Muitos deles, muitos deles sabem, estão vendo aí, entendeu?
Ah, então vô bota uma...uma mulher pra tomar conta do meu pai e o coitado do homem tem Alzheimer, além de 93 anos de idade, uma pessoa doente, apanhando sem poder se defender dessa covarde, dessa canalha, cê viu, ela deu um tapa na nuca dele.
Já põe a outra na seqüência meu filho! É de uma covardia que não tem tamanho...
A situação do idoso no Brasil é tão terrível quanto à situação do menor, que é abandonado pelas ruas e daí por diante.
Essa mulher é uma covarde, que não tem tamanho, né?
Então, você que é filho, pelo amor de Deus, não abandone os seus pais, não abandone os seus pais, o seu pai e a sua mãe cuidaram de você a vida inteira, trocaram as suas fraldas, te deram educação, fizeram tudo por você, não abandone os seus pais!
Isso é lamentável, essas cenas, é..é.. não dá para a gente engolir, essa mulher é uma covarde, uma crápula essa mulher, e de repente não acontece nada com ela, porque...
Tem outros flagrantes de agressão, deixa eu ver... Cadê os flagrantes que nós temos aqui?

(começa a apresentar imagens de outra agressão a idoso)

Essa senhora eu acho que morreu, essa senhora morreu,

De tanto apanhar dessa vagabunda que está aí, morreu de traumatismo craniano, de tanto apanhar dessa vagabunda e veja a coitada da senhora, ela não consegue simplesmente reagir, vai reagir como?

Essa senhora tinha 85 anos de idade, não consegue reagir, não consegue reagir entendeu?

(corta para imagem de outro flagra)

Aí é outra idosa que apanha no sofá não é isso?

Olha, é de revoltar como o ser humano é covarde, e como tem gente ruim por aí, pior ainda é filho que abandona pai nas mãos de quem não conhece, olha batendo na cabeça da senhora. **(corta para imagem de outra agressão)**...

Olha esse outro aí, olha lá, ó, o que ela faz, ó, ó o que ela faz para dar um remédio olha, olha, olha que covardia! Olha o que ela faz! Já perdeu a perna por causa de diabetes. Olha como tem gente covarde, meu Deus do céu! Pelo amor de Deus! Não abandone nem os seus filhos e nem os seus pais, não é?, com gente que você não conhece, mas a maior canalhice é abandonar os pais, que deram tudo por você na sua vida, isso é terrível.

(aparece novamente a imagem de agressão a uma senhora e a imagem volta para o Datena)

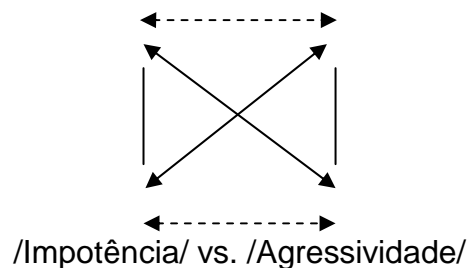
3.2.1 Análise dos sentidos imanentes no texto

Greimas (2008) propõe, como já foi dito anteriormente, a busca pela significação por meio do Percorso Gerativo de Sentido. Sobre o termo *percurso*, Greimas e Courtés explicam que ele deveria impor-se progressivamente, “na medida em que implica não somente uma disposição linear e ordenada dos elementos entre os quais se efetua, mas também uma progressão de um ponto a outro graças a instâncias intermediárias” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 362).

Observa-se que no noticiário policial, objetiva-se criar no expectador contínuas sensações, como medo, insegurança, impunidade, injustiça, indignação, violência que espalham-se e tornam-se muitas vezes, crenças. De acordo com Limoli (2008, p. 178), “a TV propõe seus pactos enunciativos e o público responde com adesão a crenças diversas”.

Para a análise da reportagem *Agressão ao idoso*, acredita-se ser produtiva a oposição fundamental /impotência/vs./agressividade/, sendo o primeiro termo representativo da situação do idoso nas cenas apresentadas, enquanto que a /agressividade/ relaciona-se à acompanhante do idoso, responsável pelos cuidados básicos do homem de 93 anos, mas que, contrariamente, o surrava e o espancava, enquanto lhe dava banho, alimento ou medicação, ou seja, abusava do poder que possuía sobre o idoso para agredi-lo. Poder-se-iam estabelecer outras oposições fundamentais neste texto, como /fraqueza/vs./força/; /fragilidade/vs./poder/ etc.

As oposições mínimas selecionadas podem ser visualizadas esquematicamente do seguinte modo:



Analisando o nível fundamental do percurso gerativo de sentido proposto por Greimas, encontram-se, neste texto, as categorias semânticas que o baseiam /Impotência/ vs. /Agressividade/. Mas poder-se-iam, ainda, estabelecer outras categorias como /fraqueza/ vs. /força/; /incapacidade/ vs. /violência/; /juventude/ vs. /velhice/. Entretanto, entende-se que nenhum desses termos compreende claramente o nível profundo do texto. Embora os termos /impotência/ e /agressividade/ não sejam termos que se opõem no mesmo campo semântico, pois o mais provável seria opor /passividade/ a /agressividade/ ou /potência/ a /impotência/, percebe-se que essas oposições não dariam conta do nível fundamental e profundo dessa narrativa realizada pelo apresentador do noticiário policial, que apresenta a história de um senhor idoso que é agredido pelas acompanhantes e não reage. Talvez porque o agredido era realmente um homem pacífico, ou porque encontrava-se incapaz, impotente frente à situação imposta pelas agressoras.

O elemento da superfície da reportagem *Agressão ao idoso*, dentro do programa noticiário policial, pode ser agrupado nos seguintes blocos:

- a) O apresentador anuncia o tema da reportagem: "Idoso é agredido";
- b) São apresentadas imagens da câmera escondida, que denunciam a agressão;
- c) O apresentador qualifica o agredido e desqualifica acompanhantes;
- d) O apresentador relaciona a narrativa a outros casos apresentados de agressão a idosos.

No nível narrativo (sintaxe narrativa), identificam-se dois tipos de enunciados elementares: o enunciado de estado e o enunciado do fazer. No primeiro, encontram-se os enunciados que proporcionam estabelecer uma relação de junção (disjunção ou conjunção) entre sujeito e objeto.

No texto, quando o apresentador afirma, por exemplo, *essa mulher é uma covarde*, tem-se uma relação de conjunção indicada pelo verbo ser entre o sujeito – *mulher* – e o objeto – *covarde*.

Já os enunciados do fazer – aqueles que trazem as transformações – correspondem à passagem de um estado para o outro. Na reportagem, observa-se que a acompanhante que “cuida” do idoso também o agride; tem-se a passagem de um estado de cuidado para o estado de agressão.

Subentende-se que um idoso que estava sendo “cuidado” passa a ser agredido, muito embora não esteja claro o momento em que o idoso começa a sofrer com as agressões, essa compreensão dá-se pelo fato de que a família instala uma câmera escondida na casa, porque desconfia que o idoso tem sofrido maus tratos por parte da acompanhante. Há, então, uma espécie de narrativa mínima nesse enunciado, a da privação. Poder-se-iam estabelecer, nesse texto, outras narrativas mínimas, como privação da juventude, saúde, trabalho, respeito etc.

Fiorin alerta para o fato de não se confundir o termo *sujeito* com pessoa e *objeto* com coisa:

Sujeito e objeto são papéis narrativos que podem ser representados num nível mais superficial por coisas, pessoas ou animais. Numa narrativa de captura, por exemplo, os seres humanos a serem aprisionados são o objeto com que o ser que captura deve entrar em conjunção (FIORIN, 2005, p. 29).

Sendo assim, no texto *Agressão ao idoso*, poder-se-ia estabelecer a acompanhante agressora como sujeito e o idoso como o objeto, visto que ele é quem sofre a ação. Ou poder-se-ia estabelecer ambos como sujeitos da narrativa.

Os textos são narrativas complexas, em que uma série de enunciados de fazer e de ser (de estado) organiza-se de modo hierárquico. Como foi observado anteriormente uma narrativa complexa organiza-se em uma sequência canônica, que possui quatro fases: a manipulação, a competência, a *performance* e a sanção.

Na fase da manipulação – fase em que o sujeito age sobre o outro, procurando levá-lo a querer ou dever fazer alguma coisa –, tem-se a agressora que, por meio da violência, leva o idoso “a cooperar” com as ações relacionadas aos cuidados básicos que praticam.

Ao analisar a estrutura “macro” do programa, no caso desta reportagem, tem-se, na fase da manipulação, o apresentador que procura levar o espectador a envolver-se com a reportagem apresentada e manter-se ligado ao canal. Para isso, o apresentador inicia sua apresentação da reportagem, ressaltando o fato de a sociedade maltratar seus idosos que pode ser verificada no seguinte trecho: *Como a sociedade brasileira trata mal seus idosos*, e complementa: *Idoso de 93 anos de idade e ex-prefeito de uma cidade do interior, sentado no sofá é enforcado pela acompanhante. Mas que canalha, né?*

A idade da vítima, o fato de ser ex-prefeito e a atitude de manter um diálogo com o espectador por meio de perguntas como esta: *Mas que canalha, né?* são utilizados na manipulação do enunciatário, procurando convencê-lo e a mantê-lo cativo, atento à reportagem⁹. Assim, o sujeito passa a ser o canal televisivo pelo qual o programa é transmitido, representado pelo apresentador, e o objeto, a audiência do programa. Têm-se dois sujeitos narrativos (o manipulador e o manipulado) que são representados pelo canal televisivo e pelo espectador que agem segundo o querer.

Ainda observando a “macro” estrutura do texto, tem-se como tipo de manipulação utilizada a sedução. No entanto, quando se olha para o texto como narrativa do idoso que foi agredido pela acompanhante, tem-se como tipo de manipulação a intimidação, realizada por meio das agressões sofridas pelo idoso.

⁹ Há inúmeros tipos de manipulação, como o pedido, a ordem, etc. Os quatro mais comuns são tentação, intimidação, sedução e provocação (FIORIN, 2005, p. 30).

Na fase da competência, observa-se, ao analisar a estrutura “macro” da reportagem, que o sujeito realizará a transformação central da narrativa por possuir um saber e/ou poder fazer (o telespectador sabe e pode realizar a ação de assistir ao programa).

O *saber* do noticiário policial na reportagem *Agressão ao idoso* é que o enunciador conhece a história por completo e tem o *poder de* levar, aos poucos, a “notícia” ao espectador, procurando manter a atenção do enunciatário.

Na fase da *performance*, dá-se a transformação central da narrativa (mudança de um estado pra outro). Nesta fase, o sujeito opera a transformação e entra em conjunção ou em disjunção com o objeto. No caso da reportagem o objeto de valor que entra em conjunção com o sujeito (canal televisivo) é a audiência do programa. Fiorin diz que “Um jornal sensacionalista, ao contar um assassinato, narra em geral a *performance*: como foi o crime, que o realizou, quem era a vítima, etc.” (FIORIN, 2005, p. 33).

E, por último, tem-se a sanção, fase em que ocorre a constatação de que a *performance* se realizou e, conseqüentemente, o reconhecimento de que a transformação foi operada pelo sujeito.

No noticiário policial, o prêmio ou castigo pode ser conferido ao longo do programa pelo número de participações que ocorrem via SMS (mensagens recebidas e divulgadas na parte inferior da tela da televisão) e também pela audiência.

Observando-se a reportagem como uma narrativa, o objeto de valor pode ser a divulgação da história antes escondida e revelada por meio da divulgação das imagens.

Na história gravada por uma câmera escondida, tem-se como sanção a história desvendada, por meio da qual observa-se quem realmente é a acompanhante, ou seja, houve uma transformação.

O prêmio – liberdade ao idoso – das agressões sofridas lhe é conferido, enquanto o sujeito – manipulador – recebe como castigo a descoberta das agressões e futuras punições que decorrerão dela.

A seguir, verifica-se no quadro as quatro fases da narrativa exploradas aqui:

Manipulação	Possui dois sujeitos narrativos (manipulador e manipulado), respectivamente a agressora (acompanhante) e o idoso.	Idoso de 93 anos de idade sofre intimidação por meio de agressão.
Competência	O sujeito (manipulador) é dotado do poder fazer.	A acompanhante possui o poder sobre o idoso, que é incapaz de defender-se, assim pode controlá-lo. No entanto, para os outros, a acompanhante apenas presta cuidados ao idoso.
Performance	Fase da transformação central da narrativa (mudança de um estado para outro).	O sujeito manipulador entra em conjunção com o seu objeto de valor, que, neste caso, acredita-se ser continuar com seus atos encobertos. Enquanto o sujeito manipulado, o idoso, entra em disjunção com o objeto de valor – receber cuidados sem ser maltratado, agredido.
Sanção	Constatação de que a performance se realizou – distribuição de prêmio ou castigo.	Como a história é descoberta, pode-se considerar que tem-se uma narrativa conservadora, visto que, no programa de noticiário policial, a acompanhante recebe como castigo a divulgação de sua história, e o idoso, o prêmio, libertar-se das agressões.

É possível perceber que o noticiário policial enfatiza a agressão do idoso, ao mostrar outros exemplos de idosos que sofrem agressão e ressaltando a realidade socioeconômica dos idosos brasileiros.

O programa busca entrar em conjunção com a audiência e, para isso, precisa conquistar a atenção do espectador para que assista ao programa. Para isso são utilizados elementos que chamam a atenção do enunciatário, como o fato de o programa mostrar cenas de uma “câmera escondida” com imagens de agressão.

Ao tratar do tema *agressão ao idoso* e propor ao telespectador/enunciatário a observação de cenas de agressão gravadas por meio de uma câmera escondida, o noticiário cria efeito de onisciência no espectador, colocando-o na condição de observador de algo que não deveria estar explícito. Este crime passa a ter como

testemunha milhares de espectadores, assemelhando-se a programas como o *Big Brother*¹⁰.

No entanto, é o apresentador quem desempenha o papel central do discurso. É ele quem coopera para a construção de sentido das imagens da câmera escondida, tendo como base a narrativa que ele, o enunciador, realiza sob a apresentação das figuras (imagens), constrói-se a significação do texto.

A interpretação das imagens por parte do enunciador de noticiário policial procura esclarecer ao enunciatário os acontecimentos apresentados nas cenas. Este recurso é útil visto que as imagens têm má qualidade, pois foram gravadas por uma câmera escondida, imprópria para a televisão. São imagens um pouco embaçadas e em preto e branco conforme observa-se nas imagens mostradas neste estudo anteriormente.

Se as imagens fossem apresentadas isoladas de sua narração ou comentários, provavelmente o enunciatário teria muita dificuldade para compreender o que ocorreu e mudasse o canal.

A entonação do apresentador, a mudança de estado emocional – demonstração de raiva e indignação, acompanhados de conselhos ao espectador, aliados à sua (do apresentador) interpretação das imagens, como em uma legenda – constroem a coerência discursiva do texto. Há, então, uma isotopia¹¹ comum que serve para ligar a sequência de cenas de agressão à narrativa do enunciador, por meio da repetição de uma categoria significativa, no desenvolvimento discursivo, nesse caso, agressão ao idoso.

A manutenção ou permanência da categoria significativa nesta reportagem do programa é assegurada pela repetição das cenas e pela ênfase dada pelo apresentador nos comentários que tece sobre elas, conforme se observa neste recorte:

¹⁰ A expressão *Big Brother* surgiu na obra de George Orwell, 1984, escrita na década de 40. Nesta obra, Orwell não se limita a criticar o Nazismo e Stalinismo, tem como objetivo denunciar o fenômeno do poder. *Big Brother* é um tirano que subjuga a Inglaterra e tem como característica um rosto com um farto bigode preto e um olhar atento e punidor. Na obra, a sociedade é vigiada pelos seus presentes *telescreens*. Atualmente, essa expressão denomina um programa televisivo em que os participantes ficam isolados em uma mansão e são vigiados o tempo todo por câmeras. O público assiste a edição de algumas cenas do programa e vota, ao longo do programa, quem deve permanecer na casa e quem deve sair. (AZUMA, 2006)

¹¹ O termo *isotopia* foi emprestado por Greimas da físico-química. Na semiótica, o termo designa iteratividade, no decorrer de uma cadeia sintagmática, de classemas garantindo ao discurso homogeneidade. De acordo com essa acepção, o sintagma (combinação de elementos que estão presentes em um enunciado) que possui pelo menos duas figuras sêmicas pode ser considerado como contexto mínimo, permitindo estabelecer uma isotopia.

O idoso de 93 anos de idade e ex-prefeito de uma cidade do interior, sentado no sofá é enforcado pela acompanhante. Mas que mulher canalha, né?

Já não chega o tratamento terrível que o governo dá para os idosos. E aí nós temos que ver um senhor no fim da vida, ex-prefeito, que pode ter ajudado muita gente, e na realidade dizem que é um homem bondoso e tal.

No fim da vida você chegar nesse estágio e as pessoas que cuidam dele fazendo isso com ele. Já não chega o desrespeito que o país tem pelo cidadão de idade, pelo aposentado, concorda comigo ou não?

Bertrand (2003) escreve que as isotopias estabelecem o primeiro nível de leitura. Elas relacionam-se à espacialização – em uma cidade do interior, em casa, sentado no sofá, um idoso é agredido pela acompanhante etc.

Além da espacialização, tem-se a temporalização observada em o *aqui* e o *agora* que se relacionam à enunciação, ou seja, ao momento em que o programa acontece, o apresentador discorre sobre o tema, tem-se então o *aqui e o agora*. Ao referir-se aos acontecimentos relacionados à agressão ao idoso, tem-se a presença da *debreagem enunciativa*, ocorrida no momento em que o apresentador explora as imagens de agressão e o apresentador refere-se ao tempo e espaço que não são os “seus”.

Neste nível, denominado pela semiótica de discursivo, olhando para a estrutura do noticiário policial, nomeada aqui de estrutura “macro”, tem-se o revestimento de termos concretos as formas abstratas. Desse modo, quando o apresentador inicia o programa e afirma que *o Brasil trata mal seus idosos*, apresenta, como exemplo dessa colocação, as cenas de agressão ao idoso.

No texto em estudo, os espaços, os tempos e as circunstâncias sofrem variações, entretanto não se altera o conteúdo principal do programa, que procura enfatizar a violência.

Na reportagem, têm-se pelo menos dois espaços definidos: o primeiro, que representa o momento atual, é o do programa de onde o apresentador tece seus comentários, e segundo é o lugar onde acontece a história que envolve o idoso e a acompanhante. Nesse espaço de enunciação, são apresentados os temas e as figuras que compõem a reportagem: o tema é *agressão ao idoso*, que é representado pelas figuras do idoso e da acompanhante, os *atores* que colocam em

ação o tema. O enunciador, representado pelo apresentador do programa, age como o maestro que coordena a apresentação dos temas e figuras.

Neste nível, observam-se os procedimentos que o enunciador utiliza para persuadir o enunciatário a aceitar o seu discurso.

Outro recurso bastante explorado pelo noticiário é o das perguntas – pergunta retórica –, que não têm a intenção de obter resposta. O enunciatário faz uso de vários questionamentos para envolver o espectador. Assim, dá a impressão de que dialoga com o espectador: *Éhehe, minha querida Márcia Goldsmith. A mulher mandou uma foto errada é?; Mas o cara não pode reclamar de nada não, o cara é estragadinho não?; Mas que mulher canalha, né?; Já não chega o desrespeito que o país tem pelo cidadão de idade, pelo aposentado, concorda comigo ou não?*

Para isso, usa componentes argumentativos, como o *fazer crer* que ele detém a informação. Assim age no sentido de fazer o enunciatário crer que, se ele não acompanhar o noticiário, vai perder informações importantes para o seu cotidiano, inclusive seus comentários.

Ainda sobre o nível discursivo, Fiorin (2008, p. 170) escreve que “o processo de discursivização não existe sem a instauração de pessoas, espaços e tempos” (actorialização, espacialização e temporalização). Tem-se, nesse texto, o enunciatário que narra as histórias como se elas estivessem acontecendo no momento da sua fala, dando a ideia de novidade e instantaneidade ao noticiário. No entanto, o único acontecimento “ao vivo” é o da ameaça de suicídio do homem na torre de alta tensão, pois, embora o programa explore as outras notícias dando a sensação de novidade, inclusive para o apresentador, elas foram selecionadas anteriormente. A televisão, cada vez mais, disputa com o rádio a instantaneidade da notícia, essa é a tendência atual. O que se percebe é a entrada da notícia ao vivo, bem como os plantões ou *flashes* frequentes na programação da emissora. O programa de noticiário policial *Brasil Urgente* possui um helicóptero que circula no espaço aéreo do município de São Paulo, buscando o inusitado para ser apresentado ao vivo.

3.3 EXEMPLO 2 – A BOA VIDA DE CHAMPINHA

A seguir, apresentam-se a reportagem de Marcelo Moreira (2007) e a análise semiótica de *A boa vida de Champinha*, do Jornal *SP Acontece*, da Rede

Bandeirantes de Televisão. A reportagem explora o adolescente em conflito com a lei.

3.3.1 A Exploração Midiática do Adolescente em Conflito com a Lei

Têm-se discutido com frequência, no Brasil, temas relacionados à segurança pública. Nessa conjuntura, existe a polêmica sobre o envolvimento de crianças e adolescentes com a prática de atos infracionais, que ganha proporções de grande importância quando apresentados pela mídia, não como informação imparcial, mas julgando e condenando os “culpados”. O envolvimento de adolescentes com o crime tem direcionado o discurso do senso comum, que, apoiado pelos meios de comunicação, passa a explorar a proposta de redução da maioria penal. A cada crime “bárbaro” envolvendo adolescentes, suscita-se a necessidade de revisão das leis direcionadas ao trato das práticas desses atos infracionais.

A Lei 8.069, que dispõe o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), estabelece como sendo criança aquela de zero a doze anos incompletos e o adolescente entre doze anos completos e dezoito anos de idade incompletos. É importante ressaltar que à criança menor de 12 anos de idade não podem ser aplicadas medidas socioeducativas, porque estas se destinam apenas aos adolescentes e jovens. À criança, mesmo com a prática de delitos, devem ser aplicadas as medidas de proteção previstas no art. 101 do ECA, pois são “penalmente inimputáveis”. (BRASIL. Constituição Federal, art. 22, 2005; BRASIL. ECA, art. 10, 2009; BRASIL. Código Penal, art. 27, 2009).

O ECA reserva aos que não completaram dezoito anos de idade, pela prática de ato considerado infração penal, um procedimento próprio e especial, além de várias medidas educativas, que podem atingir, conforme o caso, a própria privação de liberdade.

No entanto, a mídia tem explorado o tema como se o adolescente não recebesse nenhuma medida coercitiva. São vários os casos que tiveram grande repercussão nacional, como a morte de Ana Cristina Johannpeter (2006) e ainda o caso do menino João Hélio (2007). É importante salientar que ambos os crimes, assim como tantos outros, envolviam a participação de adultos e adolescentes; no entanto, o que os telejornais exploraram foi apenas a presença dos adolescentes.

Nos suportes midiáticos (televisão, rádio, Internet, jornal impresso, revistas de grande circulação), há uma infinidade de notícias, reportagens e programas especiais que tratam da questão do adolescente em conflito com a lei; entretanto, são raros aqueles que trazem especialistas acerca desses assuntos para serem ouvidos.

3.3.2 A Apresentação e a Composição da Reportagem *A Boa Vida de Champinha*

Em *A boa vida de Champinha*, reportagem extraída para este estudo, da edição do telejornal *SP Acontece*, de 19/12/2007, pode-se observar como as imagens servem de suporte; prova a fala da apresentadora da notícia. O texto oral (fala da jornalista-apresentadora e do repórter) relaciona-se diretamente com o que se apresenta. A reportagem do telejornal *SP Acontece*, cujo título é *A boa vida de Champinha* (MOREIRA, 2007), tem duração de um minuto e quarenta e nove segundos; ela representa apenas um trecho no telejornal que, além dessa reportagem, traz outras notícias.

Em novembro de 2003, Champinha – Roberto Aparecido Alves Cardoso – foi apontado como líder do grupo que matou um casal de estudantes – Liana Friendenbach e Felipe Silva Caffé –, que acampava na região em que os criminosos moravam. O grupo manteve o casal em cárcere privado, depois matou Felipe Caffé com um tiro na nuca e violentou e matou Liana. Como Roberto Aparecido Alves Cardoso – Champinha – era na época adolescente, foi internado em uma unidade socioeducativa. A mídia inflamou a opinião pública, que, em coro, criticou a falta de punição rígida a Champinha, visto que assumira ser o líder do grupo de criminosos.

As reportagens do telejornal são textos sincréticos e, por isso, acabam por apresentar uma infinidade de informações passíveis de análise. No caso da reportagem *A boa vida de Champinha*, optou-se por analisar fundamentalmente, o texto oral (falas da apresentadora, repórter e entrevistados). Nas transcrições que seguem, procura-se ser fiel à fala dos envolvidos na edição do telejornal *SP Acontece*, mantendo elementos de oralidade. A pontuação é empregada de acordo com a *performance* da fala.

Essa reportagem constrói-se da seguinte forma: inicialmente, tem-se a *cabeça* – a notícia propriamente dita. A âncora introduz a notícia: “*Champinha*,

lembra dele? O jovem que torturou e matou o casal Liana Friendenbach e Felipe Caffé há quatro anos? Vive dias de mordomia em um centro de recuperação". Há, nesse trecho, diferentes entonações e níveis de dramaticidade vocal e facial. As imagens iniciais que acompanham a fala mostram a jornalista falando diretamente para a câmera (posição *stand-up*), tendo ao fundo o cenário do telejornal.



FIGURA 9 – SP ACONTECE – A boa vida de Champinha (Apresentadora)

Fonte: Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KIAj8Tuwlk4>>. Acesso em: 22 out. 2009.

Depois dessa introdução, mostram-se imagens da antiga residência de Champinha junto à família, e, em seguida, a atual moradia, onde Champinha cumpre medida socioeducativa. As imagens são acompanhadas da narração do repórter, conhecido como *off* – texto do repórter narrado sobre as imagens da notícia. Serve como suporte para as imagens mostradas, por isso é importante que esteja em harmonia com o que o espectador está vendo. A seguir, o referido texto:

Dois cômodos, num bairro pobre de Ibuguaçu, cidade da grande São Paulo. Uma casa humilde sem qualquer conforto. Até ser preso aos dezessete anos de idade, Champinha dividia o único quarto com a mãe e mais três irmãos, situação bem diferente da atual. Hoje Champinha tem um quarto só para ele, tv, móveis e eletrodomésticos novos e não precisa se preocupar com o trabalho. É em frente à televisão que Champinha passa a maior parte do tempo. Para as autoridades do Estado, tudo normal. (MOREIRA, 2007).

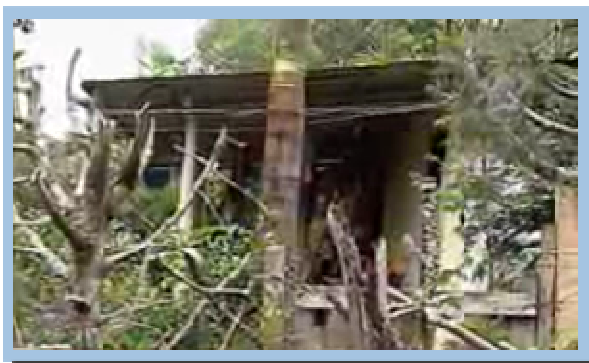


FIGURA 10 – SP ACONTECE – A boa vida de Champinha (Casa)

Fonte: Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KIAj8Tuwlk4>>. Acesso em: 22 out. 2009.



FIGURA 11 – SP ACONTECE – A boa vida de Champinha (Casa de Recuperação)

Fonte: Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KIAj8Tuwlk4>>. Acesso em: 22 out. 2009.

Na sequência, são apresentadas as entrevistas da reportagem, conhecidas no meio jornalístico como *sonoras*, que consistem em entrevistas feitas pelo repórter para completar a matéria. Nesse caso, apresentam-se as sonoras das autoridades do Estado opinando sobre o assunto *A boa vida de Champinha*:

Governador: *Bom, eu não vejo nada de mais ele ver televisão, melhor do que ficar acorrentado.*

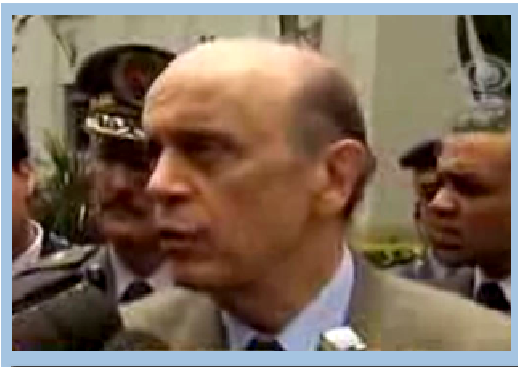


FIGURA 12 – SP ACONTECE – A boa vida de Champinha (governador de São Paulo)
Fonte: Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KlAj8Tuwlk4>>. Acesso em: 22 out. 2009.

Autoridade não-identificada (provavelmente por uma falha do telejornal):
Não tem nenhuma regalia ele assistir televisão.

O repórter retoma o texto dizendo: *Apesar de prevista em lei, a forma como o Estado tenta socializá-lo não agrada os moradores da cidade que testemunharam em dois mil e três, um dos crimes mais bárbaros da história.*

Apresenta-se, logo em seguida, a fala dos entrevistados 1, 2 e 3, moradores da região em que Champinha vivia, na cidade de Ibuguaçu, local onde o crime foi cometido. Eles falam diretamente para a câmera (posição *stand-up*), que enquadra cada um dos entrevistados no momento em que fazem uso da palavra. Em nenhum dos casos aparece o repórter fazendo as perguntas, somente são apresentadas as colocações dos entrevistados. Depois da fala dos entrevistados, o repórter resgata a história do crime que envolveu Champinha. Há, somente, a voz do repórter casada com imagens de reportagens antigas que mostram a prisão de Champinha, o local do crime, viaturas policiais e fotografia das vítimas.

Entrevistado 1: *É revoltante isso aí, pro Brasil inteiro.*

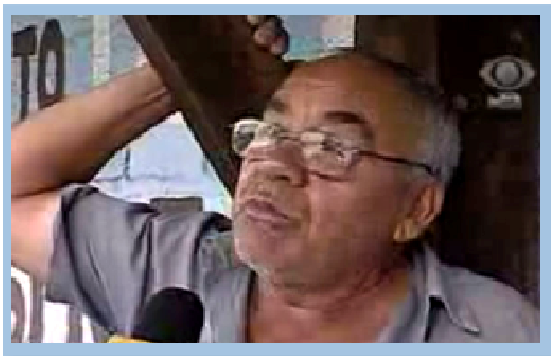


FIGURA 13 – SP ACONTECE – A boa vida de Champinha (entrevistado 1)

Fonte: Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KlAj8Tuwk4>>. Acesso em: 22 out. 2009.

Entrevistado 2: *Isso aí é reflexo do nosso país né? O bandido, ele tem mais regalia do que a gente que trabalha né?*



FIGURA 14 – SP ACONTECE – A boa vida de Champinha (entrevistado 2)

Fonte: Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KlAj8Tuwk4>>. Acesso em: 22 out. 2009.

Entrevistado 3: *Ele vai querer aquela vida para o resto da vida. Para que ele vai querer ir pra rua? Ele vai querer continuar lá.*

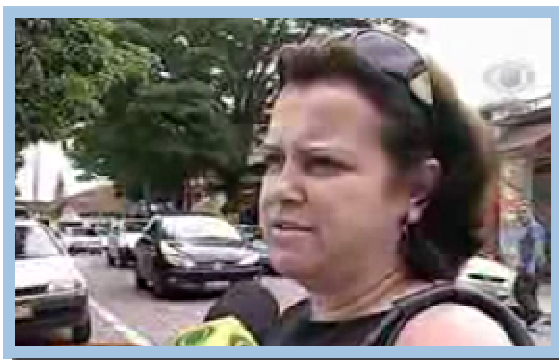


FIGURA 15 – SP ACONTECE – A boa vida de Champinha (entrevistado 3)

Fonte: Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KIAj8Tuwk4>>. Acesso em: 22 out. 2009.

O repórter retoma o texto. Na linguagem telejornalística, esse aspecto é conhecido como *pé*, um texto curto que, normalmente, encerra a reportagem. O *pé* costuma apresentar o resumo da história; nesse caso, o repórter narra os aspectos que envolveram o crime.

As imagens que envolvem essa etapa da reportagem do telejornal são da atual moradia de Champinha, na qual cumpre medida socioeducativa, fotografias do casal que foi morto, fotografia de Champinha. A seguir, tem-se a transcrição da fala do repórter:

Acampados em um sítio da região, Liana Friendenbach e Felipe Silva Café foram torturados e assassinados por Champinha e outros três homens. Liana ainda sofreu por cinco dias abuso sexual. Champinha, menor de idade na época, ainda cumpre medida socioeducativa prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente.

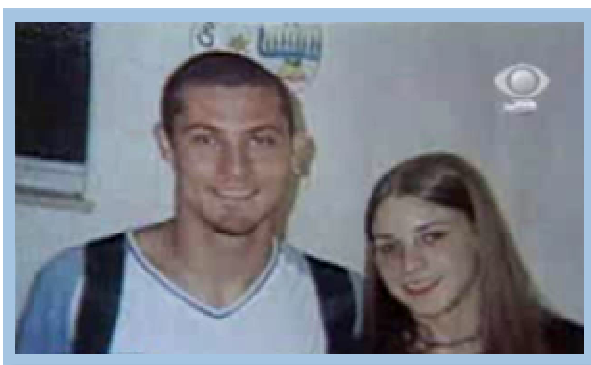


FIGURA 16 – SP ACONTECE – A boa vida de Champinha (Liana Felipe)

Fonte: Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KIAj8Tuwk4>>. Acesso em: 22 out. 2009.

Apresenta-se mais uma sonora que consiste na fala de mais um entrevistado não identificado (provavelmente por uma falha do telejornal) que parece ser um especialista no assunto. Essa sonora encerra a reportagem:

Entrevistado – especialista: *A nossa lei é muito fraca em relação a crimes. A lei brasileira além de ser fraca, não se cumpre.*

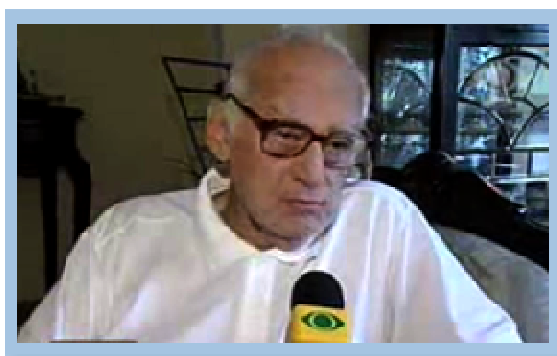


FIGURA 17 – SP ACONTECE – A boa vida de Champinha (especialista)

Fonte: Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KlAj8Tuwk4>>. Acesso em: 22 out. 2009.

3.3.3 Análise Semiótica

O nível fundamental – Na reportagem, podem-se estabelecer as oposições semânticas /premiação/ vs. /punição/. O telejornal indica que Champinha foi premiado ao invés de ser punido, porque vive em um lugar melhor do que vivia antes do ato criminoso, com “confortos” a que anteriormente não tinha acesso, como um quarto só para ele, móveis novos e televisão. O telejornal dá a entender que Champinha deveria ter sido punido com mais severidade, ou seja, ficando preso em uma cela, sem cama ou televisão.

As oposições /premiação/ vs. /punição/ contrastam-se no interior de um eixo semântico e podem projetar, cada um deles, por um processo de negação, um novo termo contrário. Os pólos opostos não coexistem, pois, apesar de estarem no mesmo eixo, situam-se em direções contrárias. Na sintaxe do nível fundamental, explora-se a relação dos conceitos de afirmação e negação desses polos significativos.

A sintaxe do nível fundamental pode ser descrita desse modo:

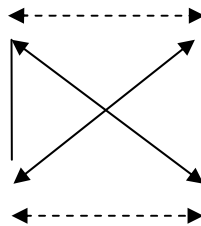
punição ————— **não-punição** ————— **premiação**

Cada um desses termos semânticos pode aparecer revestido da categoria tímica ou fórica, ou seja, categorias de estado (eufórico ou disfórico). Tem-se o termo *punição*, que, nesse caso, é considerado positivo pelo enunciador (o telejornal), sendo, então, eufórico. Nessa reportagem, a premiação recebida por Champinha, após o ato criminoso, é o termo negativo, ou seja, disfórico. As palavras *euforia* e *disforia* originam-se de *foria*, termo latino que significa força que move.

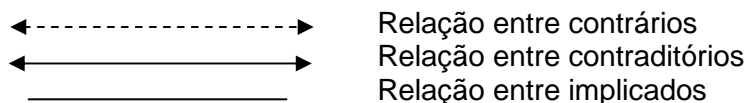
Para demonstrar de forma mais clara essa rede de relações entre termos, Greimas e Courtès criaram o quadrado semiótico, “a representação visual da articulação lógica de uma categoria semântica qualquer” (GREIMAS; COURTÈS, 1979, p. 364).

Quadrado semiótico

Premiação x Punição



Não-punição x Não-premiação



Assim, têm-se as seguintes relações de negação e asserção:

- premiação e punição – relação de contrariedade;
- punição e não-punição / premiação e não-premiação, relação de contrariedade;
- premiação e não-punição / punição e não-premiação – relações de implicação.

O nível narrativo – Evidenciam-se nele os enunciados do *ser* e do *fazer*. Desse modo, apresenta-se a sequência de estados e transformações dos sujeitos

em busca de um objeto de valor. Esse nível também é interno e abstrato, mostra as ações e transformações do homem no mundo. Nessa perspectiva, um mesmo ator (pessoa, animal, sentimento) pode exercer mais de um papel actancial. Esses *papéis atuacionais* são definidos pela posição do atuante no encadeamento lógico da narração (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 183).

Portanto, no jornal – o enunciador – quer dar a impressão de apenas apresentar uma reportagem, de forma imparcial, por meio da qual denuncia algo, uma injustiça que acontece e precisa ser noticiada ao público – o enunciatário –, que se apresenta sempre como aquele que busca a justiça. No entanto, esse enunciador apresenta a reportagem de modo a manipular as imagens, informações e entrevistas, colocando-se em uma posição que acredita agradar seu enunciatário, tornando-se um enunciador-manipulador. Pode-se observar tal aspecto por meio do texto introdutório da reportagem: *Champinha, lembra dele? O jovem que torturou e matou o casal Liana Friendenbach e Felipe Caffé há quatro anos? Vive dias de mordomia em um centro de recuperação.*

A mídia, na época, apoiada nas declarações dos comparsas de Champinha, que procuravam amenizar sua participação no violento crime, construiu a seguinte imagem do monstro: ser cruel e violento, que tortura, violenta e mata. Pode-se aferir esse comportamento à questão de *repertório* do telejornal: procura-se apresentar temas polêmicos, que causem maior impacto no espectador.

Para chegar ao seu objeto de desejo (entrar em conjunção com a opinião pública), o telejornal – o enunciador – procura cativar e discursar, de modo que convença o espectador (opinião pública), apresentando fatos verdadeiros, de vital importância para toda a sociedade.

No nível discursivo o enunciador – telejornal – procura destacar sua união com o enunciatário, o público, demonstrando pensar da mesma forma que ele. Por meio dos seus atores (âncora, repórter, entrevistados), mostra-se indignado com os “fatos” que apresenta. Observa-se esse aspecto pela entonação na voz da âncora e do repórter, que demonstram desaprovam a atitude do Estado. Por conseguinte, o telejornal critica a ação da justiça: *Apesar de prevista em lei, a forma como o Estado tenta socializá-lo não agrada os moradores da cidade que testemunharam em dois mil e três, um dos crimes mais bárbaros da história.*

O conectivo *apesar*, que indica contraste entre ideias, tem a função de mostrar que o Estado está em disjunção com o enunciatório; ao contrário dele, o enunciador se encontra em conjunção com o enunciatório.

Então, o enunciador – telejornal – cria a imagem de denunciador da injustiça, solidário à vontade do povo. Essa imagem construída pelo telejornal é respaldada pelo texto verbal e imagens (plano de expressão), como se pode observar no seguinte trecho:

Dois cômodos, num bairro pobre de Ibuguaçu, cidade da grande São Paulo. Uma casa humilde sem qualquer conforto. Até ser preso aos dezessete anos de idade, Champinha dividia o único quarto com a mãe e mais três irmãos, situação bem diferente da atual. Hoje Champinha tem um quarto só para ele, tv, móveis e eletrodomésticos novos e não precisa se preocupar com o trabalho. É em frente à televisão que Champinha passa a maior parte do tempo. Para as autoridades do Estado, tudo normal.

Embora procure passar a ideia de neutralidade, por meio da utilização de recursos, como o cenário (comum em telejornalismo), lugar frio, formal e sério, procurando transmitir credibilidade. Os textos aparecem em terceira pessoa, proporcionam distanciamento da notícia, ausência da imagem do repórter que visita Champinha e entrevista às pessoas. O telejornal apresenta finalmente o seu ponto de vista, criticando a ação do Estado e incentivando o público para que a legislação aplicada aos adolescentes em conflito com a lei seja mudada, passando, assim, da neutralidade para a posição de justiceiro. Tem-se, então, S1 – enunciador manipulador (o telejornal), S2 – sujeito do fazer (povo, opinião pública), OV modal (audiência) e OV descritivo (dinheiro, patrocinadores, anunciantes).

Para prender o telespectador, o canal de televisão, por meio do telejornal, usa esse tipo de reportagem, enfatizando a sua imagem de bom, preocupado com a justiça, denunciador e defensor da moral. Essa imagem de auxiliador, denunciador ou porta-voz do povo persuade o sujeito espectador por meio de várias estratégias de manipulação: pelo desafio, sedução, tentação e intimidação.

A sedução acontece quando o telejornal sugere que o público tem poder para exigir a mudança da lei, cobrando das autoridades; tem-se a imagem do “povo poderoso”. A tentação pode ser vista na cobrança da justiça por leis que tragam mais segurança e liberdade para ir e vir. A intimidação provoca a sensação de medo, de insegurança, caso a lei continue a mesma, ou seja, premiando os

culpados ao invés de punir, castigar. E a provocação desafia o público a pedir a mudança da lei, ou seja, mostrar o seu poder.

Desse modo, o sujeito telespectador sente-se amparado e valorizado pelo apresentador, seu suposto porta-voz. O telejornal mostra-se dialético, pois exhibe a opinião de muitos, mas, no fundo, tem uma posição clara e a impõe sutilmente.

Portanto, o espectador é envolvido, manipulado a querer, dever mudar a lei, já que o telejornal diz que ele não pode viver insatisfeito.

O enunciador, para conquistar o espectador, cativa pela vaidade: “você pode!”, “você está oprimido!”, “O Estado está errado!”, “O Estado é injusto!”, “juntos faremos justiça!”.

O enunciador (o telejornal) manipula o *S do fazer* – espectador – pelo apoio (vaidade). Mostra-se sempre o bandido, criminoso em uma sociedade honesta. Ele ressalta as qualidades da sociedade e coloca-se ao lado dela. O bandido não tem lado “bom” e nunca é apresentado como fruto da sociedade injusta. Além disso, não se mostra um bandido que se recuperou, porque esse tipo de notícia e reportagem não vende, não tem público. O principal é jogar pedras, condenar.

O nível discursivo – O enunciador frisa que se dirige àqueles a quem foi doada a competência. Para isso, emprega recursos que buscam levar ao reconhecimento, pelo enunciatário, o público (opinião pública). O discurso projetado pela instância busca ser objetivo. É um discurso em terceira pessoa, que produz o efeito de sentido, de ilusão da realidade. O enunciador – telejornal – e seus atores criam a ilusão de realidade e objetividade por meio da utilização da narrativa rápida (apresentada pelo repórter) em consonância com as imagens.

O espectador é levado a compartilhar as ideias do telejornal como se fossem suas, afinal este apresenta a reportagem mostrando imagens da realidade, que não podem ser contestadas. Embora o telejornal construa a imagem de justiceiro, mostra-se um enganador e mentiroso, que pratica injustiça, visto que só condena, apedreja um dos criminosos, isentando os outros participantes do seu veredicto.

Com relação ao tempo, no texto, percebe-se que há uma transição constante entre o discurso que instaura o *aqui e agora*, momento da enunciação e a ancoragem, produzida pela junção entre tempo linguístico e tempo crônico: *há quatro anos*. Fiorin (1996, p. 144) informa que

A temporalidade linguística concerne às relações de sucessividade entre estados e transformações representados no texto. Ordena a sua progressão, mostra quais são posteriores. Isso implica que há um sistema temporal linguístico ordenado em relação a marcos temporais instalados no texto, bem como um sistema temporal organizado em função do presente implícito na enunciação (FIORIN, 1996, p. 144).

Na reportagem, antes – Champinha dividia com sua mãe e dois irmãos um pequeno cômodo. *Agora* – *Champinha vive dias de mordomia*, com quarto exclusivo com cama, televisão, geladeira etc. *Há quatro anos* – *torturou e matou o casal*.

No *lead*, associa-se a ideia de premiação à situação do adolescente em conflito com a lei – a jornalista diz: *Champinha, lembra dele?* O tom coloquial da jornalista a aproxima do enunciatário, é como se ela estivesse contando algo para alguém próximo dela. Então, resgata-se rapidamente a história que resultou no internamento de Champinha e todo o contexto do acontecido, para o caso de o enunciador (espectador) não se lembrar dos acontecimentos ligados ao caso: *O jovem que torturou e matou o casal Liana Friendenbach e Felipe Caffé há quatro anos?*

Ao afirmar *Vive dias de mordomia em um centro de recuperação*, o telejornal posiciona-se frente à notícia, de modo parcial. O espectador é levado a pensar do mesmo modo que o telejornal, isto é, apesar de ter cometido um crime hediondo, o criminoso recebe privilégios ao invés de punição.

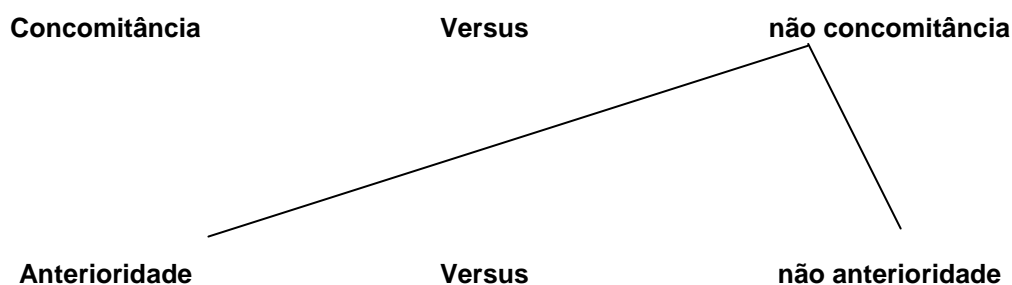
Na reportagem identifica-se a *debreamagem* e *embreamagem*, ou seja, a reconstituição dos fatos acontecidos a partir do momento atual. De acordo com Fiorin,

Se a enunciação se define a partir de um *eu-aqui-agora*, ela instaura o discurso-enunciado, projetando para fora de si os atores do discurso, bem como suas coordenadas espaços-temporais. Utiliza-se para constituir o discurso, das categorias de pessoa e de tempo. Nesse processo, ela faz uso de dois mecanismos básicos: a *debreamagem* e a *embreamagem*. (FIORIN, 2005, p. 57).

No início do texto, acontece a primeira *debreamagem*, quando a jornalista âncora pergunta: *Champinha, lembra dele? Aquele que torturou e matou...*

A segunda *debreamagem* enunciativa ocorre no momento em que o repórter mostra a casa onde Chapinha vivia antes de cometer o crime. E a última *debreamagem* é identificada no final da reportagem, ao retomar a história do crime, ocorrido há

quatro anos. Fiorin (2005, p. 59) apresenta um esquema que auxilia na compreensão da debreagem temporal:



Para Fiorin, depois de realizada a projeção, são criados três momentos de referência, um concomitante ao agora (o presente); um anterior ao agora (pretérito) e um posterior ao agora (futuro). Aplica-se a categoria /concomitância/ vs. /não-concomitância/ (/anterioridade/ vs. /posterioridade/) a cada um desses momentos de referência e obtêm-se os momentos dos acontecimentos (FIORIN, 2005, p. 59).

3.3.4 O Monstro – Temas e Figuras

Nessa reportagem, podem-se destacar os temas *maldade*, *crueledade* e *injustiça*. O telejornal afirma que Champinha era líder do grupo que matou um casal que acampava e, ao invés de ser punido, ganhou uma vida cheia de privilégios e conforto. Assim, esses temas são desenhados, construídos ao longo da reportagem por meio da figurativização. Para Fiorin (1988, p. 24), “o discurso figurativo é a concretização de um discurso temático”.

Tema é o elemento semântico que designa um elemento não-presente no mundo natural, mas que exerce o papel de categoria ordenadora dos fatos observáveis. São temas, por exemplo, amor, paixão, lealdade, alegria. Figura é o elemento semântico que remete a um elemento do mundo natural: casa, mesa, mulher, rosa etc. A distinção entre ambos é, pois, de maior ou menor grau de concretude. Temos que entender, no entanto, que nem sempre essa distinção é fácil de ser feita, pois concreto e abstrato são dois pólos de uma escala que comporta toda a espécie de gradação (FIORIN, 1988, p. 24).

A maldade e a crueldade de Champinha são resgatadas para avivar a memória do espectador – *Champinha, lembra dele? Aquele jovem que torturou e*

matou... Há uma gradação da maldade delegada a Champinha que, primeiro, torturou, violentou e depois matou.

A imagem do *monstro* – Champinha foi, na época do crime, apontado como líder do grupo que torturou e matou o casal de jovens. Foi descrito pelos seus comparsas como violento e cruel, embora não fosse o único participante, mas um dos membros de um grupo de homens, sendo ele, o único adolescente. O grupo imputou a ele a tomada de decisões que resultaram na morte do casal.

O telejornal, nosso enunciador-manipulador, resgata a história do *monstro*. Em nenhum momento na reportagem são citados os nomes dos outros envolvidos no crime ou a situação em que se encontram. Como se isso não bastasse, a reportagem salienta que o adolescente recebeu prêmio ao invés de punição.

Podem-se construir, por meio da análise da figura de Champinha, que teve uma vida pobre, condições precárias até o desfecho criminoso uma relação intertextual com um personagem da literatura, *Frankenstein*, o monstro do romance de Mary Shelley.

No romance, o cientista Frankenstein dá vida a um monstro – construído com restos de cadáveres –, que acaba por persegui-lo e caçá-lo, culpando-o de toda a desgraça da sua vida solitária causada pela rejeição social. Na reportagem, a sociedade produz o *monstro*, que também é rejeitado por não possuir dinheiro e casa, não tendo acesso à vida em sociedade, tortura, violenta e mata cidadãos inocentes.

A aparência de Chapinha também é destacada. Nas imagens que mostram o adolescente, ele sempre aparece sério, como se estivesse zangado, raivoso. As descrições feitas dele são sempre de alguém cruel e impiedoso.

O tema da reportagem e o título *A boa vida de Champinha* constroem-se por meio das imagens e do texto oral (fala do repórter). Mostra-se, primeiro, como Champinha vivia mal, morava em um bairro simples, a casa era pequena e humilde, dividia o quarto com a mãe e mais três irmãos. Em seguida, constrói-se a vida boa do Champinha: um quarto só para ele, móveis e eletrodomésticos novos (televisão). Mostram-se imagens de Champinha assistindo à televisão, para dar suporte ao tema. Além disso, são apresentados entrevistados indignados, que não concordam com as medidas socioeducativas aplicadas pelo Estado a Champinha.

3.4 EXEMPLO 3 – OPOSIÇÃO ENTRE O DEBOCHE E A FRAQUEZA

Apresenta-se a seguir, o telejornal policial *Brasil Urgente*, exibido pela Rede Bandeirantes de Televisão (Band), no dia 31 de Janeiro de 2008, no qual o apresentador elenca as seguintes notícias:

- 1) Prisão de um traficante;
- 2) Casa de lutas ilegais (descoberta pela polícia);
- 3) Crítica ao prefeito de São Paulo, pela indiferença aos apelos da população.

Em relação à primeira manchete, Datena diz:

O traficante que foi preso chorando! Na hora de vender droga ele tá rindo, ele ri, e quando a casa caiu ele chora. Logo depois disso quero ver aquela invasão de novo. O Barreto tá lá no rio, sentado lá meu filho? Então, na hora que botar a porta caindo, eu quero que ele fale comigo. Deixa eu ver a hora que derrubam a porta lá!

Logo em seguida, aparecem as imagens do momento em que a polícia derruba a porta. O jornalista/apresentador continua:

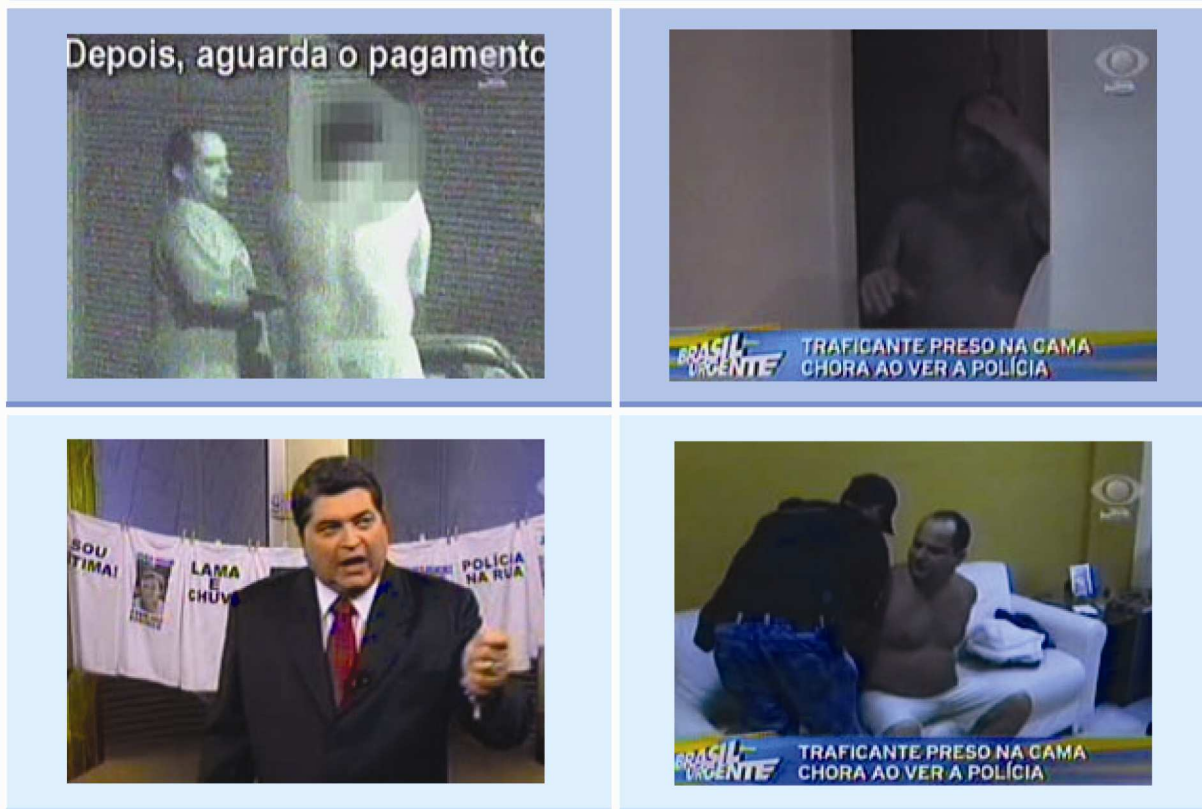
Ali ele tá rindo, você viu que o traficante ali ele tá rindo, mas a hora que derrubam a porta, quer ver ele chorar, oh... Isso não. É a casa caiu, a porta caiu pro traficante 'alá, alá', ele começa a chorar. Ui, ui, ai meu Deus do céu!

O apresentador, José Luiz Datena, imita, de forma irônica, o choro do traficante preso. Em seguida, ele chama o repórter Barreto, que acompanhou a prisão do traficante:

Hein Barreto, o cara caiu no choro? Rapidamente no Rio de Janeiro. Mandava matar, comandava com mão de ferro e tal, e na hora em que ele foi pego começou a chorar e chamou a mãe, chamou a mãe! Ah, tem bandido que é macho, mas tem uns que são, que são covardes que não vale nada, bandido que é macho é aquele que não mata, não rouba pobre, não é saca, agora tem uns que não valem mais do que nada. Bandido já não vale nada, né? Bandido já não vale nada, bandido já não vale nada, tem alguns que mereciam era uma cana perpétua, uma pena de morte ou coisa parecida, essa é a grande realidade. Porque tem bandido que vai na moral. O cara roubou, entendeu, a polícia chegou prendeu botou o cara..., não abusa de mulher, não machuca criança, entendeu? Agora tem estuprador, Dudu, sabe, que nem esse cara aí, traficante chorando, rapaz. Como é que pode um traficante que estragou a vida de

milhares de pessoas várias famílias, chorando na hora que a polícia a polícia chegou, hã, chamou a mãe.

Observam-se, a seguir, algumas imagens que se relacionam à notícia apresentada:



QUADRO 5 – Prisão de um traficante

Fonte: Acervo pessoal

Verificando as imagens selecionadas percebe-se a preocupação do programa em mostrar os dois momentos distintos da reportagem. A primeira, em que o apresentador ressalta o homem acusado por tráfico de entorpecentes e no segundo momento, o acusado sendo preso. As legendas procuram situar o espectador recém chegado ao canal televisivo, assim ele pode compreender a que se referem tais imagens. Por meio das legendas das imagens pode-se concluir que a intenção do enunciador é destacar o choro do traficante por causa da prisão. O choro do homem ao ser detido pela polícia parece funcionar como parece uma espécie de troco, revelando sentimento de vingança ou de dever cumprido pela sociedade.

3.4.1 ANÁLISE INTERPRETATIVA DOS SENTIDOS IMANENTES NO TEXTO

Toda análise é uma leitura parcial e a soma de todas elas, uma leitura semiótica. O objetivo primordial dos textos descritos é mostrar como se definem as posições de “bom moço” e “bandido”, representados pelo jornalista apresentador do noticiário e pelos supostos criminosos apresentados.

Observa-se que a estratégia do noticiário é o raciocínio por indução, ou seja, sobre um acontecimento são tiradas conclusões genéricas. Por exemplo, o noticiário apresenta uma história que explora o fato de os alemães não gostarem de trabalhar. Para dar suporte a essa colocação, mostram-se cenas de um alemão à toa, sem fazer nada, e afirma-se que esse é o seu cotidiano; apresentam-se entrevistas que constataam o ócio diário do germânico. A partir desse caso, tem-se a ideia de que todo alemão é preguiçoso.

Uma outra estratégia explorada no noticiário é o convencimento. O apresentador, por meio de raciocínio ou de evidências, leva seu público a reconhecer, a concluir como “verdadeiras” as suas proposições. Desse modo, o apresentador procura envolver seu público por meio de recursos passionais/sentimentais, mais até que do que cognitivos. Para Coquet,

O telespectador pode ser concebido como um não-sujeito (sente e faz) ou sujeito massificado, posto que, “o não-sujeito designa primeiramente o actante que só executa aquilo para o que foi programado [...] aquele que só sabe a sua lição” (apud BERTRAND, 2003, p. 364).

Para isso, o narrador utiliza recursos diversos, oriundos de várias linguagens, como eloquência, dramaticidade, imagem, som, código verbal, entre outros, que se amalgamam para produzir um determinado efeito de sentido em seu interlocutor.

Desse modo, a emoção e o pensamento do público são modalizados, tanto pelo texto oral/verbal emitido pelo apresentador, quanto pela posição e a movimentação do apresentador diante da câmera (*close*), a iluminação, o cenário, o tom de voz, a expressão facial, a roupa do locutor, a música de abertura. Todo esse conjunto é salientado de modo persuasivo, ou seja, levando o espectador a crer e a formar juízo sobre os temas apresentados, construindo imagens das notícias: *Prisão do traficante*, *Polícia na casa de luta livre* e *Problemas da cidade de São Paulo*.

Apresentam-se no nível fundamental os elementos contrários, pertencentes ao eixo semântico profundo da notícia /deboche/ vs. /fraqueza/ do traficante preso pela polícia.

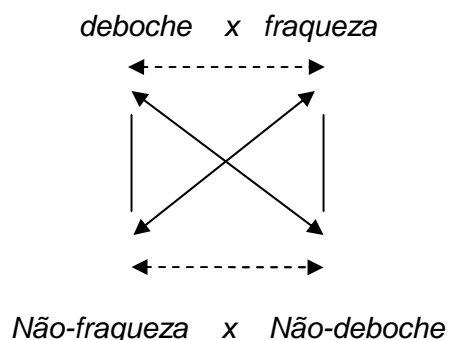
As reportagens exploradas procuram mostrar o caos: idosos do nosso país são agredidos; adolescentes matam a roubam e não recebem punição alguma; mulheres são violentadas; políticos são desonestos. Nesse sentido, o noticiário opõe o apresentador e o espectador que não rouba, não violenta, não mata, contra o “resto”. Vale lembrar que se poderia, no nível fundamental do percurso gerativo de sentido, estabelecer por meio da análise desse texto, outros elementos, como /tristeza/ vs. /alegria/; /prisão/ vs. /liberdade/; /crime/ vs. /não-crime/; /culpado/ vs. /inocente/ etc.

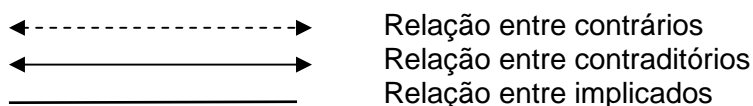
Lê-se, a seguir, o trecho em que o apresentador explora os elementos contrários:

O traficante que foi preso chorando! Na hora de vender droga ele tá rindo, ele ri, e quando a casa caiu ele chora. Logo depois disso quero ver aquela invasão de novo. O Barreto tá lá no Rio, sentado lá meu filho? Então, na hora que botar a porta caindo, eu quero que ele fale comigo. Deixa eu ver a hora que derrubam a porta lá! Ali ele tá rindo, você viu que o traficante ali ele tá rindo, mas a hora que derrubam a porta, que ver ele chorar? Oh... Isso não. É a casa caiu, a porta caiu pro traficante ‘alá, alá’, ele começa a chorar, Ui, ui, ai meu Deus do céu.

Depois de *narrar* as imagens, o apresentador imita de forma irônica o choro do traficante preso. Tendo os elementos contrários /deboche/ vs. /fraqueza/, constrói-se o seguinte quadrado semiótico, de acordo com a proposta de Greimas:

Quadrado semiótico





Assim, têm-se as seguintes relações de negação e asserção:

- deboche e fraqueza – relação de contrariedade;
- deboche e não-deboche / fraqueza e não-fraqueza – relação de contraditoriedade;
- deboche e não-fraqueza / fraqueza e não-deboche – relações de implicação.

As categorias do quadrado semiótico são eufóricas (positivas) e disfóricas (negativas). Assim, tem-se fraqueza como categoria disfórica e deboche como categoria eufórica.

No segundo nível básico, proposto por Greimas, no percurso gerativo de sentido – o nível narrativo –, analisa-se a sintaxe narrativa. Observa-se, desse modo, como a narrativa é organizada do ponto de vista de um sujeito. Neste trecho, o apresentador José Luiz Datena apresenta ao telespectador a história de um homem que está sendo detido pela polícia porque estava traficando drogas.

O tempo da narrativa é atualizado para um *aqui e agora* representado pelas intervenções do apresentador junto ao repórter que está no local do ocorrido: *O Barreto tá lá no Rio, sentado lá meu filho? Então, na hora que botar a porta caindo, eu quero que ele fale comigo.*

No aspecto verbal, a atualização dá-se pela substituição do verbo no pretérito imperfeito do indicativo (estava rindo, chorava) por verbos no presente (está rindo) e também a utilização do gerúndio (a porta caindo). Com o uso do gerúndio, tem-se a impressão de que a ação ainda não foi concluída: *Ali ele tá rindo, você viu que o traficante ali ele tá rindo, mas a hora que derrubam a porta, que ver ele chorar, oh...*

Ao utilizar o advérbio de tempo *rapidamente*, o jornalista procura prender a atenção do telespectador, para que assim não mude o canal de televisão, por exemplo: *Hein Barreto, o cara caiu no choro? Rapidamente...*

Por meio de suas colocações, o apresentador proporciona ao telespectador-observador que acompanhe, como se fosse em tempo real, a prisão do traficante: *Ali ele tá rindo, você viu que o traficante ali ele tá rindo, mas a hora que derrubam a porta, quer ver ele chorar, oh... Isso não. É a casa caiu, a porta caiu pro traficante 'alá, alá', ele começa a chorar. Ui, ui, ai meu Deus do céu!*

Apresentador e espectador (enunciador e enunciatário) assistem às cenas da prisão como se fossem novidade para ambos. As cenas foram selecionadas anteriormente pela equipe do noticiário e, possivelmente, o apresentador preparou-se para a apresentação do programa.

Ao dizer *ali, alá, alá* (olha lá, olha lá), o apresentador dirige o olhar do telespectador para o que ele quer que seja observado; quer, desse modo, chamar a atenção para o que ele julga mais importante na cena. É como se buscasse colocar o próprio telespectador na cena.

O apresentador ressalta o *deboche* do indivíduo, antes da sua prisão, manifestada por meio do seu *riso*, e a sua *fraqueza* frente à situação de prisão expressada no *choro*. Tem-se então, neste trecho, o sujeito (S) – o apresentador; o objeto (O) – o traficante preso; o destinador (S1) que pode ser descrito como o próprio apresentador ou, ainda, o programa de noticiário policial *Brasil Urgente*, e o destinatário (S2), que, neste caso, é o telespectador do programa.

Ao imitar de forma irônica o choro do traficante preso, o apresentador mostra-se provocador. Procura-se destacar, desse modo, o fato de o apresentador, ter a coragem de desafiar o bandido, imitando-o, provocando-o, debochando das lágrimas do meliante, mesmo que o acusado não esteja acompanhando as cenas, toda a encenação dirige-se ao enunciatário, o telespectador.

Não se destaca em nenhum momento o nome desse criminoso, quem ele é. Desse modo, o noticiário generaliza o criminoso: mais um “traficante”. As piadas com o choro do traficante continuam: *... e na hora em que ele foi pego começou a chorar e chamou a mãe, chamou a mãe!*

O fato de o apresentador imitar realmente o traficante pode servir como justificativa para a hipótese de que o apresentador também imita a lei, ou seja, incorpora a função de policial e da justiça, visto que, no seu palco, apresenta-se a prisão e se define a pena. Tudo funciona como uma espécie de teatro em que há a encenação de um ato de justiça (a prisão), seguida de um comentário. Nesse trecho, o apresentador (S1) debocha do fato de o bandido (OV) ter chamado a mãe, e o

chama de covarde, para que o telespectador (S2) perceba que o traficante (OV) está sendo castigado. Para o jornalista, existem bons e maus bandidos. Desse modo, o enunciador se contradiz, pois, até então, todos os bandidos merecem punição. Há, também, uma ideologia desvelada neste trecho, a apologia à prisão perpétua:

Ah, tem bandido que é macho, mas tem uns que são que são covardes que não vale nada, bandido que é macho é aquele que não mata, não rouba pobre, não é saca, agora tem uns que não valem mais do que nada. Bandido já não vale nada, né? Bandido já não vale nada, bandido já não vale nada, tem alguns que mereciam era uma cana perpétua, uma pena de morte ou coisa parecida, essa é a grande realidade.

O apresentador (S1) qualifica a classe de bandidos em dois tipos: os “machos” são aqueles que não matam, não roubam pobres, não são “saca” (sacanas); e os que não valem nada, que mereciam prisão perpétua, como é o caso desse traficante, típico homem que colocava a população em risco. Se o bandido em questão não matasse, não roubasse pobres, não fosse sacana, então este seria um bom bandido. No entanto, como o programa de noticiário policial é transmitido ao vivo, o apresentador percebe que disse algo inconveniente, defendendo, de certo modo, uma classe de bandidos, assim ele repete três vezes a seguinte afirmação *Bandido já não vale nada, né? Bandido já não vale nada, bandido já não vale nada*. Desse modo, o apresentador procura minimizar o fato de ter defendido os bandidos.

Lê-se, a seguir, um trecho em que se destacam os enunciados elementares de *estado ou de fazer*:

Mandava matar, comandava com mão de ferro e tal, e na hora em que ele foi pego.

[...]

O cara roubou, entendeu, a polícia chegou prendeu botou o cara..., não abusa de mulher, não machuca criança, entendeu? Agora tem estuprador, Dudu, sabe, que nem esse cara aí, traficante chorando, rapaz. Como é que pode um traficante que estragou a vida de milhares de pessoas várias famílias, chorando na hora que a polícia a polícia chegou, hã, chamou a mãe.

Em suma, o esquema narrativo inclui as seguintes fases:

a) **Manipulação** – nesta fase o sujeito (S1) age sobre o outro (S2), para convencê-lo a querer e/ou dever fazer algo.

No trecho selecionado, tem-se o sujeito como apresentador (S1) que procura convencer o telespectador (S2) do caso apresentado. Para isso, o sujeito –

o apresentador (S1) – utiliza os recursos que possui, como o depoimento do repórter que declara que o traficante chorou ao chegar à prisão, a cena do homem sorrindo antes de ser detido pela polícia e suas colocações por meio das quais procura descrever o traficante como uma pessoa cruel, um líder criminoso. Além disso, o apresentador ironicamente imita o choro do traficante, exalta a periculosidade do indivíduo que, segundo ele, mandava matar pessoas, mas que, no entanto, chora ao ser preso.

b) **Competência** – nesta fase, o sujeito, que é o apresentador (S1), mostra ser dotado de um saber que S2 – o espectador – não possui. Ele conhece o currículo do criminoso, do traficante preso. E isso serve para supervalorizar a prisão dele e direcionar a leitura que o espectador faz da notícia.

Mandava matar, comandava com mão de ferro, e tal e na hora em que ele foi pego começou a chorar e chamou a mãe, chamou a mãe, ahhh, tem bandido que é macho, mas tem uns que são que são covardes que não vale nada, bandido que é macho é aquele que não mata, não rouba pobre, não é saca, agora tem uns que não valem mais do que nada. Bandido já não vale nada, né?

Destaca-se, também, no trecho acima, como é usual, neste tipo de noticiário jornalístico, a posição de autoridade do apresentador, a voz eloquente e apelativa, a posição *stand up* frente à câmara. É ele que decide a pena do criminoso, como se fosse a lei e a justiça ou estivesse acima dela. Além da posição *stand up*, a câmera filma o jornalista de cima para baixo, a sua face destaca-se do restante do corpo. Observa--se na imagem a posição *stand up*:

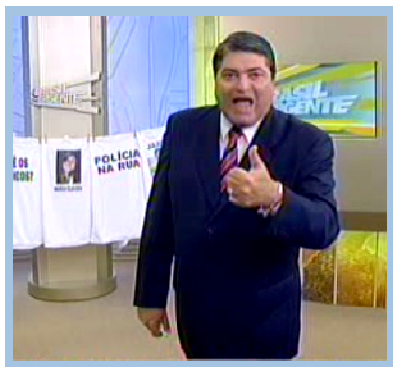


FIGURA 18 – José Luiz Datena, em posição *stand up*
Fonte: Arquivo pessoal

c) **Performance** – é a ação em si; a transformação central da narrativa. Greimas e Courtés afirmam que a *performance* pode ser traduzida por um “fazer-ser” regida por um enunciado de estado.

A *performance* surge, então, independente de qualquer consideração de conteúdo (ou de domínio de aplicação), como uma transformação que produz um novo “estado de coisas”: está, todavia, condicionada, isto é, sobremodalizada, de um lado, pelo tipo de competência de que se acha dotado o sujeito performador, e, de outro, pelo crivo modal do *dever-ser* (de necessidade ou de impossibilidade) convocada a filtrar os valores destinados a entrar na composição destes novos “estados de coisas” (GREIMAS; COURTÉS, 1979).

Observa-se que o foco desse trecho do noticiário policial é expor a prisão do traficante e ressaltar suas qualidades de criminoso (defeitos). Relacionado ao *ser* e ao *parecer*, o apresentador procura explorar o currículo do traficante, traçando a estrutura básica de significação do texto, tudo para prender a atenção do sujeito público.

d) **Sanção** – no caso desse noticiário, o sujeito (S1) – apresentador – é premiado com a aceitação de seus comentários e suas colocações pelo destinatário (S2) – o espectador. Muitos destes enviam comentários *on-line*, via *SMS* ou internet para o apresentador, que são exibidos em uma faixa na parte inferior da televisão, servindo, também, como prêmio (elogio) para S1.

Nota-se que as categorias de actorização, temporização e espacialização estão presentes nas operações de embreagem e debreagem. É comum nos noticiários policiais a debreagem temporal, em que o narrador-apresentador explora as “histórias” (notícias) que aconteceram em um tempo anterior ao instante do programa.

Na perspectiva semântica, é possível observar o aspecto ideológico do discurso sob a tematização (texto que faz uso de coisas, ideias e conceitos, que não fazem parte da realidade concreta) e a figuratização, que pode ser interpretada pelo uso de elementos da realidade concreta (imagens).

Fiorin (1996, p. 23-25) afirma que não há apenas elementos temáticos ou figurativos. *Temas* e *figuras* mantêm relação íntima; no entanto, cada um desses elementos possui seus percursos. Assim, por meio dos temas e das figuras, pode-se reconhecer de que um texto trata, proporcionando a sua interpretação, entendida por meio do reconhecimento da sua significação.

No nível discursivo, para Fiorin (2005, p. 41), “temos formas abstratas como, por exemplo, um sujeito entra em conjunção com a riqueza”. Assim, “no nível discursivo, as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhe dão concretude”.

Nessa notícia em análise, tem-se o apresentador que quer entrar em conjunção com a aceitação do público, tornando seu programa mais popular, atraindo maior número de anunciantes, que, por sua vez, o sustentarão e trarão maiores lucros para a emissora e, provavelmente, para os envolvidos na sua produção e apresentação. Desse modo, a conjunção com a aceitação do público surge no nível discursivo como apelos para a participação do espectador, frases para chamar e manter sua atenção.

O noticiário policial tem uma estrutura mais ou menos fixa, que se constitui pelas seguintes regularidades: o jornalista cumprimenta o espectador, apresenta as notícias que serão exploradas no dia e serão intercaladas pelas cenas dos acontecimentos noticiados, participação de repórteres, vítimas, acusados ou autoridades, helicóptero que, ao vivo, acompanha o andamento da cidade de São Paulo e, finalmente, as colocações do apresentador, que dá o veredicto sobre os mais variados assuntos. Então, pode-se afirmar que o apresentador quer entrar em conjunção com a aceitação do público, mas, para isso, tem de enfrentar obstáculos como a concorrência com as outras emissoras (anti-sujeitos).

4 O PROGRAMA DE NOTICIÁRIO POLICIAL NA ESCOLA

Não é segredo que a escola tem enfrentado dificuldades para explorar a linguagem. Muitas vezes, a linguagem trabalhada na escola difere tanto da realidade do aluno que acaba por afastá-lo desta. Além disso, a excessiva preocupação com a gramaticalização, existente até bem pouco tempo, deu lugar a um vácuo que ainda não foi preenchido.

Avaliações nacionais e internacionais relacionadas ao ensino aprendido da linguagem apontam o Brasil como um dos países que tem um dos menores níveis com relação à leitura e interpretação textual. A mídia se aproveita dessa situação para espalhar o pânico entre educadores e familiares, que começam a acreditar que tudo está perdido: escola não faz o seu papel e todos passam a olhar para o aluno como um coitado, que não aprende e apreende o que lhe é ensinado. Embora se reconheça que esse tem sido o papel da mídia – apontar sempre o pior-, talvez essa posição alarmista tenha uma motivação ainda maior do que melhorar a qualidade do ensino brasileiro.

[...] a julgar por observações informais como as mencionadas, pelos dados de provas como o ENEM, de vestibulares e de exames como o PISA, pelos depoimentos de professores universitários que alegam que seus alunos não lêem, pelas acusações da mídia até, que as características situacionais dessa instituição são barreiras a serem vencidas, em vez de se constituírem em apoio e meio favorecedores do desenvolvimento de sujeitos plenamente letrados e, portanto, capacitados para continuar aprendendo, ou na universidade ou no mundo do trabalho, ou em ambos simultaneamente (BUNZEN; MENDONÇA, 2006, p. 24).

Bunzen e Mendonça (2006) escrevem que há quase um século Dewey já apontava a distância entre a escola e as outras organizações sociais. A escola tem forma única para explorar a divisão do tempo e espaço, os modos de desenvolver assuntos, os tipos de assuntos explorados, as avaliações e a natureza do conhecimento nela valorizado.

Acredita-se ter na escola duas situações antagônicas a respeito da leitura: a primeira é quando a escola propõe um olhar sobre o texto apenas como pretexto para o ensino da gramática e a produção textual, por meio da leitura de frações de textos literários nas quais o aluno apenas precisa encontrar as informações para responder a um questionário. Isso tem mostrado ineficiência, visto que têm-se

acompanhado os resultados deste trabalho com o texto, resultando em alunos incapazes, insatisfeitos com a própria formação. Nesse contexto, o aluno é visto como incompetente, coitado, incapaz, assim como escola e os professores que o formaram.

A segunda situação mostra que o trabalho com o texto pode ser interessante para o aluno, contribuindo com a sua capacidade leitora. Bunzen e Mendonça (2006), ao tratar da leitura, colocam a necessidade de relacionar o trabalho com a linguagem e a prática social. Fiorin, nesse sentido, é a favor de

[...] tornar explícitos os mecanismos implícitos de estruturação e de interpretação de textos. Quem escreve e quem lê com eficiência conhece esses procedimentos de maneira mais ou menos *intuitiva*. Explicitá-los contribui para que um maior número de pessoas possa, de maneira mais rápida e eficaz, transformar-se em bons leitores (FIORIN, 2005, p. 10)

Talvez esse deva ser o olhar da escola sobre a linguagem e especificamente o texto.

Saito aponta para a multiplicação dos sistemas sógnicos, como seus cruzamentos e códigos que são resultado da evolução científica e tecnológica exigem dos indivíduos novas habilidades de linguagem, tais como a atribuição de sentido a mensagens de múltiplas fontes de linguagem (SAITO, p. 199, 2009).

Além disso, outros tantos fatores devem ser levados em consideração para que se compreenda essa dificuldade para a formação de leitores, tais como o difícil acesso a livros e às tecnologias de informação, a linha de pobreza, a formação precária de professores, a falta de incentivo familiar, o analfabetismo etc.

Outro aspecto a ser analisado é o que se entende por leitura: a princípio, pensa-se apenas no texto escrito. Os textos imagético, fílmico, radiofônico, televisivo começaram a ser explorados na escola há pouco. Os professores têm descoberto que tais textos podem despertar o interesse do estudante para a leitura e auxiliar na sua formação.

Propõe-se, neste capítulo, apresentar uma sequência didática, utilizando o texto televisivo que se tem explorado – o programa de noticiário policial – e as ferramentas da semiótica, levando ao leitor uma proposta que explore a interpretação dos sentidos imanentes no texto.

Em seguida, procura-se compreender o tratamento que as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNs) dirigem ao trabalho com a leitura em sala de aula e os diversos gêneros textuais que estão presentes no nosso cotidiano, em especial, o texto televisivo.

4.1 ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO E O TEXTO TELEVISIVO

Na maioria dos livros didáticos é comum encontrar fragmentos de textos literários e poucos textos que estão presentes no cotidiano das pessoas, principalmente os considerados não-escolares. Desse modo, a escola acaba por criar outros problemas, um deles é que se torna inexistente o ensino da leitura de tais gêneros pela entidade mais capacitada para tal; são resultado disso indivíduos que não sabem ler com competência os gêneros do seu cotidiano. Fiorin (2005) afirma que, “a sensibilidade não é um dom inato, mas algo que se cultiva e se desenvolve”. Desta forma, não devemos esperar que o aluno traga de casa essa sensibilidade para interpretar um texto. É necessário que os professores se apropriem de um aparato teórico adequado para que seja capaz de orientar os alunos a compreenderem a forma como está tecido o texto e, conseqüentemente, inferir da leitura seu sentido maior.

Citelli (2002) questiona se “as linguagens consideradas como formalmente não-escolares – aquelas que não dizem respeito diretamente ao discurso pedagógico – circulam pelas salas de aula”. Sabe-se que o rádio, a televisão, os jornais podem oferecer um conjunto atraente de material a ser trabalhado com os alunos. No entanto, conforme escreve Citelli,

Há um descompasso entre o estrito discurso didático pedagógico e as linguagens não institucionais escolares. Uma formalizando as ações na sala de aula, constituindo a natureza única e diferenciada do discurso escolar, a outra pressionando de fora, existindo na fala dos alunos, tomando boa parte do seu tempo, circulando de forma subterrânea. (CITELLI, 2002, p. 21).

Um dos argumentos comuns entre os professores de língua materna, ao serem questionados do porquê de não utilizarem com mais frequência gêneros de suportes como o rádio e a televisão, é o de serem formas relativamente recentes. No entanto, isso não é real visto que o rádio é um veículo popular desde os anos 30, a

televisão tem pelo menos três décadas de uso em massa e o jornal, embora seja o de acesso mais difícil às classes menos favorecidas, circula há séculos. Dentre os objetivos estabelecidos nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio, há uma mudança na forma de analisar o texto, que “passa a ser visto como uma totalidade que só alcança esse *status* por um trabalho conjunto de construção de sentidos, no qual se engajam produtor e receptor” (BRASIL. Linguagens, códigos e suas tecnologias, 2006, p. 21).

O perfil que se traça para o alunado do ensino médio, na disciplina Língua Portuguesa, prevê que o aluno, ao longo de sua formação, deva

conviver, de forma não só crítica mas também lúdica, com situações de produção e leitura de textos, atualizados em diferentes suportes e sistemas de linguagem – escrito, oral, imagético, digital, etc. –, de modo que conheça – use e compreenda – a multiplicidade de linguagens que ambientam as práticas de letramento multissemiótico em emergência em nossa sociedade, geradas nas (e pelas) diferentes esferas das atividades sociais – literária, científica, publicitária, religiosa, jurídica, burocrática, cultural, política, econômica, midiática, esportiva, etc. (BRASIL, 2006, p. 32).

Sendo assim, a utilização dos textos que provém da televisão, das tecnologias de informação, da publicidade dentre outros, não pode ser negligenciada no ensino, que, de outro modo, poderá torna-se incompleto ou mesmo ineficiente. Para Citelli (2002), a questão está no fato de que a escola, ao desconsiderar o “mundo de fora”, acaba por prejudicar a formação do estudante, levando-o a deixar de influenciar, operar, conversar etc. sobre “os filmes de sucesso, os ídolos da música, o novo modo de vencer os desafios propostos pelos games, os *jingles*”, que os levarão a desenvolver os jogos verbais, aos

mecanismos lúdicos, quanto ao estímulo ao consumo e a esta desesperada corrida à gôndola do supermercado, à grife, ao shopping center – espécie de catedral moderna onde deuses estão à vista, sendo separados dos devotos fiéis apenas por belas vitrines e a todos prometendo recompensar física ou simbolicamente pela glória da escolha. (CITELLI, 2002, p. 19).

Os meios de comunicação têm como foco toda a atividade que envolve o ser humano, possuem uma variedade de gêneros que podem ser explorados no trabalho em sala de aula, nos ensinos fundamental e médio.

De acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, este

deve atuar de forma que garanta ao estudante a preparação básica para o prosseguimento dos estudos, para a inserção no mundo do trabalho e para o exercício cotidiano da cidadania, em sintonia com as necessidades político-sociais de seu tempo.

[...]

propõe-se a ampliação e a consolidação dos conhecimentos do estudante para agir em práticas letradas de prestígio, o que inclui o trabalho sistemático com textos literários, jornalísticos, científicos, técnicos, etc., considerados os diferentes meios em que circulam: imprensa, rádio, televisão, internet, etc. (BRASIL. 2006, p. 18, 33).

Os noticiários policiais são programas populares no Brasil, haja vista a quantidade de versões e horários que são transmitidos na televisão, no rádio e jornal impresso. Na televisão, praticamente, todos os canais abertos possuem programas que tratam dos problemas relacionados à violência brasileira.

A proposta que se constrói neste estudo procura-se aliar a análise de uma das edições do programa televisivo de noticiário policial *Brasil Urgente*, exibido pela Rede Bandeirantes de Televisão, e análise semiótica numa sequência didática dirigida ao Ensino Médio.

A reportagem que serve como base para esta proposta intitula-se, neste estudo, *Clube de luta clandestina*. A princípio, realiza-se análise desta reportagem por meio do Percorso Gerativo de Sentido. A reportagem é expressa no programa da seguinte forma:

José Luiz Datena: *Olha, clube de luta clandestina funciona em galpão na periferia de Osasco. No local os caras se enfrentavam naquelas lutas de vale-tudo e isso era transmitidas pro Estados Unidos, lutas sangrentas, transmitidas pros Estados Unidos de uma forma ilegal, ta em todos os jornais aí, Folha, O Estadão, deixa eu ver na tela. Os confrontos acontecem em um galpão em Osasco, na grande São Paulo. As apostas são feitas pela internet que exhibe aí os combatentes olha lá oh! Essa música, tenho a impressão que essa música é de lá. Segundo a prefeitura o único alvará naquele endereço é de uma loja de carro situada no térreo... o lutador que perde recebe setecentos reais, o campeão ganha quatro mil reais... O que tem de gente pra lutar lá não é brincadeira, até pra perder né? Atrás do dinheiro dezenas de jovens lutadores se enfrentam em lutas sangrentas, não há regra e a ordem é bater até o oponente cair, o evento clandestino é organizado por uma empresa de Miami chamada Hero... é herói, os combates são transmitidos ao vivo pra Las Vegas nos Estados Unidos pela internet e movimenta uma milionária bolsa de apostas da rede mundial de computadores e o lance mínimo é de cinqüenta dólares. Sem usar luvas o lutadores se enfrentam em um ringue em forma de jaula com cerca de 20 metros quadrados ... as lutas só terminam quando um dos lutadores beija a lona. Até hoje foram organizados catorze eventos, cada lutador ganha em média setecentos reais pra entrar no ringue ganhando ou*

perdendo. O detalhe é o seguinte, tem a luta de vale tudo que é transmitida pelo canal fechado e tal, a Band andou transmitindo... quer dizer, você vê lutas pesadas, só que lá os caras usam luvas e aí por diante, e tem mais critério, o juiz por exemplo quando vê que o cara tá sendo massacrado ele vai e simplesmente e aparta na hora, quer dizer, a luta de vale tudo ela tem as suas regras, é um esporte como outro qualquer, entendeu? mas aí tô vendo a selvageria total, uma coisa selvagem, uma coisa selvagem.... os caras se quebram e correm risco de morte, essa é a grande realidade, porque todo tipo de esporte, principalmente aqueles de contato físico o esporte violento...né ...as regras determinam até o lutador pode ir....porque passando de um determinado limite o sujeito morre. Se o juiz deixar passar de um determinado limite o sujeito morre, hã e o Brasil....ah tem um alguns dos melhores lutadores do planeta heeeee, temos aí o Vanderlei que é um belíssimo atleta, temos o Minotauro que é um atleta sensacional, Vitor Belforte um atleta magnífico, aquele outro, o Anderson Silva que é um dos melhores atletas do momento, enfim, o Brasil tem grandes lutadores de vale tudo mas que lutam com regras éhh. Aí o negócio é quase até a morte, o juiz deixa correr, isso é piada, isso é piada, aí o negócio é terrível aí é pra matar ou morrer!

Depois desta introdução, o jornalista apresenta uma reportagem sobre as lutas clandestinas em São Paulo:

Olha, eu não sou contra a arte marcial de forma alguma, eu sou contra esse tipo de barbaridade, se você não tiver uma regra você pode morrer, tem que ter as regras o limite, o lutador profissional vai ver isso e não vai acreditar...isso negócio do cotovelo, de repente pode quebrar o pescoço e pode morrer...,isso aí é selvageria e ainda vende de graça pros gringos pros americanos, como se a gente fosse bicho...

Apresentam-se a seguir, algumas imagens relacionadas ao texto oral transcrito acima:



Quadro 6 – Lutas clandestinas

Fonte: Acervo pessoal

Observa-se, nesta reportagem que as imagens procuram enfatizar o tema da reportagem “lutas clandestinas”, assim apresenta-se imagens dos lutadores em ação e legenda esclarecendo que se tratam de lutas clandestinas e milionárias. Tanto imagens e legendas têm a função de atrair ou manter a atenção do espectador. A seguir, procura-se explorar por meio do percurso gerativo de sentido da semiótica este texto.

4.2 PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO NO TEXTO CLUBE DE LUTA CLANDESTINA

Apresentam-se, no nível fundamental, os elementos contrários, pertencentes ao eixo semântico profundo /lícito/ vs. /ilícito/. Além de apresentar a notícia, o jornalista ressalta as características da luta ilícita no clube de lutas clandestinas da reportagem e das lutas lícitas transmitidas pela emissora de televisão a que pertence. A oposição entre lícito e ilícito torna-se transparente no trecho da reportagem, em que o jornalista destaca a diferença entre as lutas no clube de lutas clandestinas, fechado pela polícia, e as lutas oficializadas transmitidas pela Rede Bandeirantes de Televisão:

Sem usar luvas o lutadores se enfrentam em um ringue em forma de jaula com cerca de 20 metros quadrados.... as lutas só terminam quando um dos lutadores beija a lona. Até hoje foram organizados catorze eventos, cada lutador ganha em média setecentos reais pra entrar no ringue ganhando ou perdendo. O detalhe é o seguinte, tem a luta de vale tudo que é transmitida pelo canal fechado e tal, a Band andou transmitindo... que dizer, você vê lutas pesadas, só que lá os caras usam luvas e aí por diante, e tem mais critério, o juiz por exemplo quando vê que o cara tá sendo massacrado ele vai e simplesmente e aparta na hora, quer dizer, a luta de vale tudo ela tem as suas regras, é um esporte como outro qualquer, entendeu? mas aí tô vendo a selvageria total, uma coisa selvagem, uma coisa selvagem.... os caras se quebram e correm risco de morte, essa é a grande realidade, porque todo tipo de esporte, principalmente aqueles de contato físico o esporte violento....né ...as regras determinam até onde o lutador pode ir...porque passando de um determinado limite o sujeito morre. Se o juiz deixar passar de um determinado limite o sujeito morre, hã e o Brasil...ah tem um alguns dos melhores lutadores do planeta heeeee, temos ai o Vanderlei que é um belíssimo atleta, temos o Minotauro que é um atleta sensacional, Vitor Belforte um atleta magnífico, aquele outro, o Anderson Silva que e um dos melhores atletas do momento, enfim, o Brasil tem grandes lutadores de vale tudo mas que lutam com regras éhh. Aí o negócio é quase até a morte, o juiz deixa correr, isso é piada, isso é piada ai o negócio e terrível aí é pra matar ou morrer!

Com base nas informações apresentadas pelo apresentador, é possível construir o seguinte quadro:

Casa de Lutas clandestinas	Lutas transmitidas pela rede Bandeirantes
• Lutas em jaulas	• Lutas em um ringue
• Sangrentas	• Esporte
• Transmitidas em canal fechado para os EUA	• Transmitidas em canal aberto pela Band
• Ilegais	• Legais
• Cruéis	• Tem regras
• Lutadores sem luvas	• Lutadores profissionais
• Selvagem	• Tem juiz
• Risco de morte	• Lutas pesadas
• Matar ou morrer	• Melhores lutadores

QUADRO 7 – Comparação entre lutas clandestinas e lutas oficializadas

No segundo nível, proposto por Greimas, no Percurso Gerativo de Sentido – o nível narrativo –, analisa-se a sintaxe narrativa. Percebe-se que, na segunda reportagem, o jornalista-apresentador procura manter a atenção do espectador, por isso há ênfase maior na clandestinidade da casa. A entonação da voz do apresentador altera-se, provavelmente, em função da apreensão da audiência, visto que, a qualquer momento, o espectador, se acreditar que a notícia não é importante ou desinteressante, pode mudar o canal. São levantados dados sobre a reportagem que podem chamar a atenção do público, como o fato de as lutas serem realizadas em um galpão na periferia de Osasco, transmitidas para os Estados Unidos, lutas sangrentas, ilegais e, além disso, jornais como *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* publicaram tal notícia:

Olha, clube de luta clandestina funciona em galpão na periferia de Osasco. No local os caras se enfrentavam naquelas lutas de vale-tudo e isso era transmitidas pro Estados Unidos, lutas sangrentas,

transmitidas pros Estados Unidos de uma forma ilegal, tá em todos os jornais aí, Folha, O Estadão, deixa eu ver na tela.

Com recursos persuasivos, o jornalista utiliza-se de termos que deixam clara a instantaneidade da notícia, que será imediatamente apresentada com imagens na tela: *deixa eu ver na tela, olha lá oh, essa música, tenho a impressão que essa música é de lá.*

O enunciador procura chamar e prender a atenção do enunciatário. O jornalista continua:

Atrás do dinheiro dezenas de jovens lutadores se enfrentam em lutas sangrentas, não há regra e a ordem é bater até o oponente cair, o evento clandestino é organizado por uma empresa de Miami chamada Hero...é herói, os combates são transmitidos ao vivo pra Las Vegas nos Estados Unidos pela internet e movimenta uma milionária bolsa de apostas da rede mundial de computadores e o lance mínimo é de cinquenta dólares.

O jornalista ressalta que as lutas são sangrentas e que os lutadores enfrentam-se até que um deles caia. Além de as lutas serem extremamente violentas há também a clandestinidade que as torna ainda mais provocadoras, mais interessantes.

Na continuidade procura-se estabelecer a proposta para o ensino médio.

4.3 O NOTICIÁRIO POLICIAL NO ENSINO MÉDIO

O projeto de ensino apresentado a seguir propõe a utilização de sequência didática com a finalidade de explorar o texto televisivo – programa de noticiário policial *Brasil Urgente* –, por meio de análise semiótica e de propostas de atividades textuais práticas.

As sequências didáticas são instrumentos que podem guiar professores, propiciando intervenções sociais e intervenções formalizadas nas instituições escolares, tão necessárias para a organização da aprendizagem e para o progresso de apropriação de gêneros em particular (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004). Para os pesquisadores, a criação de uma sequência de atividades necessita propiciar a transformação gradual das capacidades iniciais dos alunos para que conheçam a fundo um gênero.

Nesse sentido, devem ser consideradas questões, como as complexidades de tarefas, em função dos elementos que excedem as capacidades iniciais dos alunos.

A sequência didática apresentada acontece de forma gradativa e progressiva, possibilitando a apreensão e internalização das habilidades necessárias para a leitura eficaz e significativa desse gênero.

O modelo proposto foi idealizado para que seja aplicado no Ensino Médio, em um curso de extensão, tendo em vista a necessidade de aprimorar a competência linguística do estudante, indo ao encontro do que se propõe nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Assim, procura-se tornar o aluno apto a compreender os aspectos que contribuem para construção desse texto televisivo, utilizando alguns aspectos da semiótica de linha francesa.

O esboço foi baseado em propostas de ensino, como as de Fiorin (2005), Fiorin e Savioli (2007), Discini (2007) e Barros (2005). Apresenta-se uma divisão em oficinas, que abrangem um período de dois meses, com uma carga total de 40 horas que podem ser distribuídas em 4 horas semanais. É importante ressaltar que se elaborou uma estrutura metodológica de ensino-aprendizagem, que pode ser alterada e reformulada antes de sua aplicação definitiva. Além dos encontros semanais, serão realizadas atividades extras.

4.3.1 Sequência Didática

1º encontro	Apresentação da proposta didática
Objetivos:	Apresentar os objetivos gerais e específicos, metodologia, cronograma, materiais necessários, critérios para avaliação etc.
Oficina:	Apresentar a ementa da proposta que se baseia em explorar por meio da semiótica reportagens do programa de noticiário policial <i>Brasil Urgente</i>
Duração:	2 horas/aula.

2º encontro	Apresentação da teoria semiótica
Objetivos:	Ler e discutir a história da semiótica, o seu surgimento e as concepções atuais. Apresentar alguns teóricos dessa ciência.
Oficina:	Apresentar alguns aspectos que envolvem a teoria semiótica, como seu surgimento, objetivos e concepções dessa Teoria da significação
Duração:	2 horas/aula.
3º encontro	Análises Textuais I
Objetivos:	Conhecer algumas análises textuais.
Oficina:	Observar a nomenclatura e os símbolos utilizados durante as análises e como a teoria semiótica foi aplicada nelas.
Duração:	2 horas/aula.
4º encontro	Análises Textuais II
Objetivos:	Conhecer algumas análises textuais em que são explorados aspectos semióticos.
Oficina:	Observar a nomenclatura e os símbolos utilizados durante as análises, e observar como a teoria semiótica é aplicada nelas.
Duração:	2 horas/aula.
5º encontro	O nível fundamental
Objetivos:	Definição, explicação, leitura e discussão sobre o nível fundamental. Analisar este nível em planos de expressão variados (contos, histórias em quadrinhos, charges, trechos de novela, trechos de filme etc.)
Oficina:	Observar a nomenclatura e os símbolos utilizados durante as análises, e observar como a teoria semiótica é aplicada nelas.
Duração:	2 horas/aula.

6º encontro	Apresentar a reportagem Clube de luta clandestina
Objetivos:	Propor que os alunos apliquem a teoria do nível fundamental na reportagem
Oficina:	Assistir a reportagem. Em seguida, discuti-la com os estudantes. Propor que encontrem as oposições semânticas do texto e a analisem, tendo como base o nível fundamental do Percurso Gerativo de Sentido.
Duração:	2 horas/aula.
7º encontro	Observação dos elementos cênicos e textuais que participam da construção da reportagem Clube de Luta clandestina.
Objetivos:	Explorar o conceito semiótico para texto sincrético. Analisar os recursos que compõem a reportagem para criar o texto.
Oficina:	Assistir a reportagem. Propor aos alunos que observem como a reportagem é construída por meio da utilização dos vários elementos que se unem para compor o texto, como som, música, entonação de voz do apresentador, imagens etc.
Duração:	2 horas/aula.
8º encontro	Recriação de outros textos (reportagens) que explorem as oposições encontradas no texto <i>Clube de luta clandestina</i>.
Objetivos:	Criar outros textos ou reportagens que explorem oposições semânticas observadas no texto.
Oficina:	Propor que os alunos que criem outros textos ou reportagens que explorem oposições semânticas observadas no texto.
Duração:	2 horas/aula.
9º encontro	Recriação de outros textos que explorem as oposições encontradas no texto <i>Clube de luta clandestina</i>
Objetivos:	Criar uma outra reportagem que explore oposições semânticas observadas no texto, no nível fundamental do Percurso Gerativo de Sentido.
Oficina:	Propor que os alunos que criem outros textos ou reportagens que explorem oposições semânticas observadas no texto.
Duração:	2 horas/aula.

10º encontro	Apresentação das reportagens criadas pelos alunos
Objetivos:	Analisar, nas reportagens criadas pelos alunos, as oposições semânticas do nível fundamental do Percurso Gerativo de Sentido.
Oficina:	Depois da apresentação das reportagens, realizar análise sobre elas, por meio do Nível Fundamental do Percurso Gerativo de Sentido.
Duração:	2 horas/aula.
11º encontro	Conhecendo o Nível Narrativo
Objetivos:	Apresentar aos alunos o nível narrativo do percurso gerativo de sentido.
Oficina:	Apresentar o Nível Narrativo de Sentido do Percurso Gerativo de Sentido da semiótica greimasiana por meio da análise da reportagem <i>Casa de Lutas Clandestinas</i> . Explicar aos estudantes os dois tipos de enunciados elementares: enunciados de estado e enunciados de fazer. Expor as fases da sequência canônica da narrativa: manipulação, competência, <i>performance</i> e sanção.
Duração:	2 horas/aula.
12º encontro	Nível Discursivo
Objetivos:	Expor aos alunos o nível discursivo do percurso gerativo de sentido.
Oficina:	Apresentar o Nível Discursivo de Sentido da semiótica greimasiana, por meio da análise da reportagem <i>Clube de Lutas Clandestinas</i> .
Duração:	2 horas/aula.
13º encontro	Nível Discursivo – Abstração e Concretude
Objetivos:	Verificar como formas abstratas podem revestir-se de termos que lhe dão concretude.
Oficina:	Analisar na reportagem em estudo a estrutura narrativa fixa do Programa de Noticiário Policial <i>Brasil Urgente</i> .
Duração:	2 horas/aula.

14º encontro	Nível Narrativo de sentido - Nível da manifestação
Objetivos:	Propor aos alunos estudo no nível da manifestação (FIORIN, 2005) na reportagem em estudo.
Oficina:	Análise da reportagem <i>Clube de Lutas Clandestinas</i> , com relação a união do plano de conteúdo com o plano de expressão. Analisar, no plano de expressão, efeitos estilísticos como: ritmo, entonação da fala do apresentador, alterações de postura e humor transmitidas e figuras retóricas de construção.
Duração:	2 horas/aula.
15º encontro	Sintaxe Discursiva
Objetivos:	Expor aos estudantes a Sintaxe Discursiva.
Oficina:	Explorar, nesse nível, enunciador e enunciatário.
Duração:	2 horas/aula.
16º encontro	Sintaxe Discursiva – Projeções da enunciação do enunciado
Objetivos:	Explorar <i>eu-aqui-agora</i> que define a enunciação.
Oficina:	Explorar, no discurso, as categorias de pessoa, de espaço e de tempo, por meio do uso dos mecanismos básicos debreagem e embreagem.
Duração:	2 horas/aula.
17º encontro	Persuasão: Relações entre Enunciador e Enunciatário
Objetivos:	Discutir o jogo de persuasão proposto no programa de noticiário policial <i>Brasil Urgente</i> , na reportagem <i>Clube de Lutas Clandestinas</i> .
Oficina:	Explorar procedimentos argumentativos utilizados pelo anunciador.
Duração:	2 horas/aula.

18º encontro	Persuasão: Relações entre Enunciador e Enunciatário
Objetivos:	Conhecer algumas análises textuais em que são explorados aspectos semióticos.
Oficina:	Observar a nomenclatura e os símbolos utilizados durante as análises, e observar como a teoria semiótica é aplicada nelas.
Duração:	2 horas/aula.
19º encontro	Sintaxe Discursiva – Semântica Discursiva – Temas e Figuras
Objetivos:	Explorar Temas e Figuras.
Oficina:	Apresentar aos alunos textos figurativos. Explorar Temas e Figuras no programa de noticiário policial <i>Brasil Urgente</i> , na reportagem <i>Clube de Lutas Clandestinas</i> .
Duração:	2 horas/aula.
20º encontro	Proposta de Análise Textual
Objetivos:	Levar os alunos a analisar, por meio do percurso gerativo de sentido, uma reportagem de uma das edições do programa <i>Brasil Urgente</i> .
Oficina:	Propor que os alunos apresentem as reportagens analisadas por eles.
Duração:	2 horas/aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Orientações Curriculares e os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa indicam que os índices brasileiros de repetência estão relacionados de forma direta com a dificuldade que a escola tem para ensinar a ler e a escrever. Essas dificuldades não se restringem ao período de alfabetização, mas no uso eficaz da linguagem em todos os níveis.

O noticiário de reportagem policial interfere diretamente na sociedade e, por esse motivo, acredita-se que tais textos não devam passar despercebidos socialmente, sem que haja sobre eles uma reflexão mais apurada. Utilizando como parâmetro a afirmação de Sontag (2003), pode-se dizer que, além de chocar as pessoas, o noticiário policial poderia suscitar outras discussões e levar o espectador a uma tomada de posição frente a situações problemáticas da vida em sociedade.

Esse texto televisivo tem contribuído para que, a cada dia, um pouco da nossa sensibilidade seja extirpada. São cenas de pessoas mortas, pais que matam filhos, pessoas atiram “ao vivo” nas outras, assassinos que se transformam em celebridades da noite para o dia, são entrevistados, analisados e até admirados. Isso não acontece apenas nos programas de noticiário policial, mas também nos telejornais que se consideram éticos e compromissados com a verdade.

Assim, o jornalismo, de modo geral, parece perder conceitos que têm lhe garantido a função de utilidade pública ao levantar reflexões e trazer informações que possam ser relevantes à sociedade. Os apelos sensacionalistas direcionam a atenção do espectador para fatos de grande atração, mas de importância ínfima para a vida em sociedade.

Nesse sentido, o sensacionalismo desse gênero, na tentativa da conquista, a qualquer preço, do espectador, pode desvirtuar um fato por chamar a atenção de um elemento apenas, embora pitoresco, deixando-se de lado os temas que realmente importam para todos. Para isso, como se observou nos estudos realizados, abusa do emocionalismo, distorcendo a realidade.

Soa como um jargão piegas ressaltar a importância da escola nesse contexto, mas parece não se ter a quem recorrer para que tal situação seja analisada, senão à formação do leitor, preparando-o para reconhecer a construção de textos como a dos programas de noticiário policial.

A comunicação na sociedade moderna, diante do atual cenário em que ela se desenvolve, deve ser vista de uma forma complexa. Os interesses comunicativos necessitam ser buscados conforme os elementos mercadológicos, ou seja, as notícias tem sido concebidas como mercadorias, buscando outras áreas do conhecimento para que se tenha compreensão maior.

Por meio do estudo, percebeu-se que a figura do apresentador de noticiário policial direciona a atenção do espectador. No entanto, não fica claro ao espectador que o apresentador, que personifica o bom moço, está à disposição do enunciador – o canal televisivo – na busca pela audiência. O enunciatário tem a impressão de que o apresentador de noticiário policial é um homem corajoso, que conseguiu um horário na televisão para apresentar os problemas sociais e trazer as “notícias” mais importantes do momento prestando um serviço à sociedade por meio da informação e da denúncia de fatos sociais que ferem o cidadão.

As oposições construídas a cada programa (bandido vs mocinho; legal vs ilegal; bom vs mal; culpado vs inocente; vítima vs criminoso etc.) colocam sempre o apresentador como paladino da justiça e personifica o bandido caricaturado, parecem continuar a atrair, a cada dia, mais público para o espetáculo.

Acredita-se que ao evidenciar os aspectos que participam da construção do noticiário, baseando-se na teoria da significação para a compreensão desse gênero televisivo seja uma oportunidade de analisar e compreender uma prática de comunicação, cuja participação social está cada vez mais presente em nossa cultura. Estudar textos da televisão como telejornal torna-se imperativo. Sua influência está presente em esferas sociais, como a família e as relações no trabalho.

Nesse sentido, percebeu-se que a semiótica oferece os fundamentos necessários no desenvolvimento dessa reflexão, contribuindo para desenvolver a competência do aluno na leitura e na escrita.

Sabe-se que a televisão pode ser considerada uma nova linguagem. Mesmo sendo uma “sessentona”, esse meio de comunicação, a cada ano, renova-se por meio da formulação novos programas e a reedição de antigos, para que pareçam recém-criados.

Embora não tenha sido concebida para uso didático, a televisão está presente no nosso cotidiano e, por ser um suporte para uma grande diversidade de gêneros, apresenta inúmeras possibilidades de leitura e análise.

Realizar um estudo voltado para o texto televisivo, especialmente o programa de noticiário policial, analisando-o por meio da semiótica greimasiana, tem sido um encanto, mas também um desafio, pois a maioria dos trabalhos dirigidos aos programas de noticiário policial são realizados por jornalistas que dominam, com excelência, os aspectos ligados à estrutura e produção do telejornal.

Entretanto, entende-se que seja necessário refletir sobre o trabalho com a semiótica e a televisão em sala de aula, sobretudo com o noticiário policial, ajudando a escola a formar cidadãos mais preparados para ler os textos com os quais se depara diariamente.

Acredita-se que não basta que o professor queira levar a televisão para a sala de aula, há muitas questões que precisam ser respondidas pelo profissional da educação, por exemplo, *o que utilizar? qual é a faixa etária ideal? quanto tempo se dedicar à televisão? qual teoria utilizar como base para o estudo do texto televisivo?*

A semiótica pode ser utilizada para análise de qualquer texto e pode oferecer aos professores e alunos de Ensino Médio uma nova forma de abordagem do texto.

Formar grupos de discussões com professores para disseminar a semiótica de linha francesa, auxiliando-os no cotidiano da escola, no trabalho com a leitura e a produção textual do texto televisivo parece ser o próximo passo nos estudos que envolvem o texto televisivo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons**. A nova cultura oral. Campinas: Cortez, 1994.
- AZUMA, Eduardo Akira. Uma Análise da Obra “1984” de George Orwell a partir de Elementos da Teoria Hobbesiana – A instrumentalização do medo em favor de um Governo Absolutista. **Revista Espaço Acadêmico**. n. 61, ano IV, jun. 2006. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/061/61azuma.htm>>. Acesso em: 10 out. 2009.
- BABYLON. Dicionário. Disponível em: <<http://www.babylon.com/definition/SMS/Portuguese>>. Acesso em: 10 out. 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria da semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005.
- _____; FIORIN, José Luiz. (orgs.). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 2003.
- BERTRAND, Denis. **Caminhos da Semiótica Literária**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- BRASIL. **Código Penal**. Disponível em: <http://www.amperj.org.br/store/legislacao/codigos/cp_DL2848.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2009.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: 1988. 25. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2005.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm. Acesso em: 09 fev. 2009.
- BRASIL. **Linguagens, códigos e suas tecnologias**. v.1. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Língua Portuguesa, 1ª a 4ª série. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Língua Portuguesa, 5ª a 8ª série. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL URGENTE - Linchamento de Bandidos. 6 set. 2007. Imagem extraída de vídeo. Tempo: 00:16. Duração: 10:58. Formato: 320x240. Transmissão de dados: 233 kbps. Tamanho: 24321 KB. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=SjOxCRWzxcw>>. Acesso em: 01 jun.2009.

BRASIL URGENTE - Vendedor de carros mata 3 Pessoas. 01 abr. 2009. Imagem extraída de vídeo. Tempo: 3:24. Duração: 8:16. Formato: 320x236. Transmissão de dados: 186 kbps. Tamanho: 9123 KB. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=2WLVN_yZIWc&feature=related. Acesso em: 20 fev. 2009.

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

CITELLI, Adilson Odair. Escola e meios de massa. In: CHIAPINI, Ligia (coord.). **Aprender e ensinar como textos não escolares**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 2005.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. **O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião**. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; et al: Gêneros MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs): Gêneros Textuais & Ensino, Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.166-179.

DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

DISCINI, Norma. **A Comunicação nos textos**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros e progressão em expressão oral e escrita** – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2004. p. 41-70.

FIORIN, José Luiz. **As Astúcias da Enunciação**. As categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.

_____. Interdiscursividade e intertextualidade. In: **Bakhtin**: outros conceitos-chave. Beth Brait (org.). São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1988.

_____. A noção de texto na semiótica, **Organon 23**, 2003.

_____. **Elementos da análise do discurso**. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Semiótica e comunicação. In: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva; PORTELA, Jean Cristtus (orgs.). **Semiótica e mídia**: textos, práticas, estratégias. Bauru: UNESP/FAAC, 2008.

_____; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto**. São Paulo: Ática, 2007.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e Ciências da Linguagem**. São Paulo: Hacker Editores/Edusp, 2000.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.

LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica**. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo, SP: EDUC/Pontes, 1992.

LIMOLI, Loredana. Figuralidade e semi-simbolismo na abertura da telenovela *Belíssima*. In: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva e PORTELA, Jean Cristtus (orgs). **Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias**. Bauru: UNESP/FAAC, 2008.

MACHADO, Arlindo. **A arte do vídeo**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. **A Televisão levada a sério**. 2. ed. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

MOREIRA, Marcelo. **A boa vida de Champinha**. SP Acontece. 19 dez. 2007. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KIAj8Tuwlk4>>. Acesso em: 18 fev. 2009.

SAITO, Cláudia Lopes Nascimento. Telejornal: um gênero para o letramento midiático. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes (org.). **Gêneros textuais**. São Carlos: Claraluz, 2009.

NÖTH, Winfried. **A semiótica no século XX**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 1996.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O Texto na TV: manual de telejornalismo**. São Paulo, Brasiliense, 1987.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. **Semiótica visual: os percursos do olhar**. São Paulo: Contexto, 2004.

ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo. Estética da Violência. In: **Atrator Estranho**, 5, fev. 1994.

RODRIGUES, Adriano. O Acontecimento. In: Traquina, Nilson (org.). **Jornalismo, questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Ed. Veja, 1999.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem. Cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SP ACONTECE – A boa vida de Champinha (apresentadora). 19 dez. 2009. Imagem extraída de vídeo. Tempo: 00:11. Duração: 1:49. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KIAj8Tuwlk4>>. Acesso em: 22 out. 2009.

_____. (casa). 19 dez. 2009. Imagem extraída de vídeo. Tempo: 00:17. Duração: 1:49. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KIAj8Tuwlk4>>. Acesso em: 22 out. 2009.

_____ (casa de recuperação). 19 dez. 2009. Imagem extraída de vídeo. Tempo: 00:34. Duração: 1:49. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KIAj8Tuwlk4>>. Acesso em: 22 out. 2009.

_____ (governador de São Paulo). 19 dez. 2009. Imagem extraída de vídeo. Tempo: 00:50. Duração: 1:49. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KIAj8Tuwlk4>>. Acesso em: 22 out. 2009.

_____ (entrevistado 1). 19 dez. 2009. Imagem extraída de vídeo. Tempo: 01:07. Duração: 1:49. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KIAj8Tuwlk4>>. Acesso em: 22 out. 2009.

_____ (entrevistado 2). 19 dez. 2009. Imagem extraída de vídeo. Tempo: 01:09. Duração: 1:49. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KIAj8Tuwlk4>>. Acesso em: 22 out. 2009.

_____ (entrevistado 3). 19 dez. 2009. Imagem extraída de vídeo. Tempo: 01:15. Duração: 1:49. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KIAj8Tuwlk4>>. Acesso em: 22 out. 2009.

_____ (Liana e Felipe). 19 dez. 2009. Imagem extraída de vídeo. Tempo: 01:25. Duração: 1:49. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KIAj8Tuwlk4>>. Acesso em: 22 out. 2009.

_____ (especialista). 19 dez. 2009. Imagem extraída de vídeo. Tempo: 01:25. Duração: 1:49. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KIAj8Tuwlk4>>. Acesso em: 22 out. 2009.

SONTAG, Suzan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras: 2003.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de Moraes. **Aprender telejornalismo**: produção e técnica. São Paulo: Brasiliense, 1990.

VANUCCI, José Armando. Jornal da Record ainda é a cara do pai. **Parabólica**. 01 jul. 2009. Disponível em: <<http://blogs.jovempan.uol.com.br/parabolica/geral/jornal-da-record-ainda-e-a-cara-do-pai>>. Acesso em 22 out. 2009.

VOLPI, Mario. **Adolescentes privados de liberdade**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

ANEXOS

ANEXO 1 – TRANSCRIÇÃO 1

Programa: Brasil Urgente
Apresentador: José Luiz Datena
Data : 14 de março 2008
Emissora: Rede Band de Televisão
Horário: Das 18:00hs às 18:30hs
Reportagens: Agressão a idoso e Suicida em torre de alta tensão

Plano de fundo: um varal no qual estão penduradas camisetas com inscrições de protesto.

Datena - éhehe, minha querida Márcia Goldsmith. A mulher mandou uma foto errada é? Mandou uma foto de quando era jovemzinha e tal, vô começar a fazer isso, mandar uma foto... é lógico que eu não posso fazer porque eu sou casado, mas eu mandaria uma foto do Brad Pitt,
Hã? Aí a hora que a mulher me visse falaria nossa senhora Deus me livre, aí eu: mas não é, é que eu tive um probleminha essa semana. Mas o cara não pode reclamar de nada não, o cara é estragadinho não?!

Datena - Muito obrigado a todo Brasil com a graça de Deus e com a sua licença tamo começando mais um Brasil urgente de hoje. Olha, flagrante de agressão a um idoso de 93 anos de idade. É impressionante
(neste momento começam a rodar imagens do flagra)

Datena - como a sociedade brasileira trata mal seus idosos. O idoso de 93 anos de idade e ex-prefeito de uma cidade do interior, sentado no sofá é enforcado pela acompanhante. Mas que mulher canalha, né? Já não chega o tratamento terrível que o governo dá para os idosos e aí nós temos que ver um senhor no fim da vida, ex- prefeito, que pode ter ajudado muita gente, e na realidade dizem que é um homem bondoso, bondoso e tal.

No fim da vida você chegar nesse estágio e as pessoas que cuidam dele fazendo isso com ele. Já não chega o desrespeito que o país tem pelo cidadão de idade, pelo aposentado, concorda comigo ou não?

Olha o que essa mulher faz com esse idoso. Enforcando o homem. Mas é uma canalhice que não tem tamanho, eu tenho dó dos meus amigos que são aposentados, tenho dó dos meus amigos que sofrem pelo Brasil,

Mas eu fico revoltado quando eu vejo uma cena de uma covarde dessa daí, e sabe o que me deixa mais revoltado ainda? É...é... que me deixa mais revoltado ainda? Que hoje tem indivíduo que abandona pai em asilo. O que tem de filho que não reconhece a educação que recebeu, o carinho dos pais e que joga os pais em... em... asilos hã? Eu tô errado no que eu to dizendo? Muitos deles, muitos deles sabem, estão vendo aí, entendeu? Ah, então vô bota uma...uma mulher pra tomar conta do meu pai e o coitado do homem tem alzheimer, além de 93 anos de idade uma pessoa doente, apanhando sem poder se defender dessa covarde, dessa canalha, cê viu, ela deu um tapa na nuca dele. Já põe a outra na seqüência meu filho! É de uma covardia que não tem tamanho...

Datena - A situação do idoso no Brasil é tão terrível quanto a situação do menor, que é abandonado pelas ruas e daí por diante. Essa mulher é uma covarde, que não tem tamanho né?

Então, você que é filho pelo amor de Deus, não abandone os seus pais, não abandone os seus pais, o seu pai e a sua mãe cuidaram de você a vida inteira, trocaram as suas fraldas, te deram educação, fizeram tudo por você, não abandone os seus pais!

Isso é lamentável, essas cenas, é..é.. não dá para a gente engolir, essa mulher é uma covarde (*a imagem volta para o Datena*), uma crápula essa mulher, e de repente não acontece nada com ela, porque tem outros flagrantes de agressão, deixa eu ver...

Datena - Cadê os flagrantes que nós temos aqui?

(*começam a rodar imagem de outro flagra*)

Datena - Essa senhora eu acho que morreu, essa senhora morreu,

Datena - de tanto apanhar dessa vagabunda que está aí, morreu de traumatismo craniano, de tanto apanhar dessa vagabunda e veja a coitada da senhora, ela não consegue simplesmente reagir, vai reagir como?

Essa senhora tinha 85 anos de idade, não consegue reagir, não consegue reagir entendeu?

(*corta para imagem de outro flagra*)

Datena - aí é outra idosa que apanha no sofá não é isso?

Olha, é de revoltar como o ser humano é covarde, e como tem gente ruim por aí, pior ainda é filho que abandona pai nas mãos de quem não conhece, olha batendo na cabeça da senhora

(*corta para imagem de outra agressão*)...

Datena - olha esse outro aí, olha lá ó, o que ela faz ó,ó o que ela faz para dar um remédio olha, olha, olha que covardia, olha o que ela faz, já perdeu a perna por causa de diabetes, olha como tem gente covarde meu Deus do céu, pelo amor de Deus não abandone nem os seu filhos e nem os seus pais não é? Com gente que você não conhece, mas a maior canalhice é abandonar os pais, que deram tudo por você na sua vida isso é terrível.

(*aparece novamente a imagem de agressão á uma senhora e a imagem volta para o Datena*)

Datena - Atenção dexa eu ver uma imagem ao vivo, imagem ao vivo numa torre de alta tensão,

Datena - São imagens ao vivo, o quê que é isso aí meu? O cara tá em manutenção na torre não é isso? Veja aí essas imagens ao vivo da torre de alta tensão, uma torre de alta tensão são as imagens aqui ao vivo na tela do Brasil Urgente.É.. já tem gente do corpo de bombeiros aí? Eu não sei eu acho que o sujeito tentou subir isso aí é... sei lá, por curiosidade, mas é um sujeito numa torre de alta tensão, está bem no alto da torre,

Veja aí ó, o cara no alto da torre de alta tensão, o corpo de bombeiros deve estar chegando aí, a imagem ao vivo em, a imagem ao vivo, o helicóptero está mostrando

a imagem ao vivo aí, numa torre de alta tensão, o sujeito tá ali, e pelo jeito ali ele não tá correndo risco, ele tá colocado bem ao centro da torre não?

O helicóptero está saindo do local... a não está mostrando o corpo de bombeiros,

O corpo de bombeiros está tentando chegar com a escada imagina, ou não? O copo de bombeiros tá ali do lado com um resgate, deixa eu ver o cara da torre de alta tensão,

O sujeito na torre de alta tensão veja aí as imagens ao vivo, que local é esse ô Márcio Campos?

Márcio Campos: Zona oeste de São Paulo, região da vila Leopoldina bem perto do CEASA, aqui a informação que nós recebemos inicial é de que seria um funcionário fazendo manutenção pelo que parece né.

Datena - Olha, não tem pinta de...de ser funcionário coisa nenhuma, ele tá falando alguma coisa ali que não dá pra entender, realmente não dá para entender, se fosse um funcionário estaria com cinto, ele estaria com capacete, ele estaria com alguma coisa de proteção, ele tá fazendo alguma reivindicação ali, vamos ver, eu estou esperando a chegada dos homens do corpo de bombeiros tenente Aldair está falando aí comigo? alô tenente, tá falano comigo ou não? Sargento Aldair. Alô sargento.

Sargento Aldair - alô Datena, tudo bem?

Datena - Tudo bem, graças a Deus.

Sargento Aldair - É... nós estamos vendo aqui numa torre de aproximadamente 17 metros, ele está muito próximo á uma alta tensão de 88 mil volts, 88 mil volts, nós estamos tentando negociar, primeiramente ele pediu que chamasse a imprensa foi...

Datena - Nós só estamos aí porque ele pediu a chamada da imprensa, por isso que nós estamos aí, a gente não gosta desse tipo de caso mas como a imprensa foi solicitada nós estamos aí porque o.. o... rapaz pediu. Sargento.

Sargento Aldair - olha, na verdade nós estamos aqui tentando preservar a vida dele, estamos tentando negociar pra ele pelo menos sai da alta tensão, porque senão a gente vai ter que buscar ele em cima da torre, o meu medo é que ele é... toque na alta tensão...

Datena - porque são 82 mil volts

Sargento Aldair - 88

Datena - 88 mil volts, então se ele encostar na alta tensão ele é fritado, esse é o detalhe, então como ele pediu a presença da imprensa até para evitar que ele cometa um ato translocado.

Sargento Aldair - então exatamente nós estamos tentando negociar...

Datena - hã?

Sargento Aldair -... tentando puxar ele o mais longe possível do fio de alta tensão, É.. mas eu to tentando chamar a atenção dele pro lado do helicóptero...

Datena - é o meu.

Sargento Aldair - pra que ele saia porque ele está muito perto da alta tensão então pode ser até pior o que aconteça aqui.

Datena - vocês vão tentar subir na torre ou não?

Sargento Aldair - é... tem que desligar...eu pedi já.

Datena - a linha ta viva?

Sargento Aldair - a linha viva, nós estamos vendo a notícia da Imprensa, da ocorrência, nós estamos vendo para que através do (****) desligasse a... a...

Datena - precisa ver se dá né?

Sargento Aldair - energia para que nós pudéssemos tomar mediadas mais evasivas né...

Datena - precisa ver se dá, precisa ver se dá pra desligar a linha porque são 88 mil, é... é... 88 mil deve tá servindo uma região grande precisa ver se dá.

Sargento Aldair - exatamente é...

Datena - ce já tentou... você também não pode subir porque...hã?

Sargento Aldair - eu já estou com a Eletropaulo aqui do meu lado, já está olhando para um mapa....

Datena - hã?...

Sargento Aldair - ... vendo a possibilidade de pelo menos isolar essa torre pra que a gente possa tomar uma providência.

Datena - bem, nós estamos aí porque ele pediu a presença da imprensa, e o Corpo de bombeiro é, é, é... só atendeu o que o sujeito pediu.

Sargento Aldair - e solicitei todos os aparatos pra evitar a ação é.. é... de gravidade extrema

Datena - nós estamos tentando prestar um serviço eu acho que é isso que nós estamos fazendo ...

Sargento Aldair – obrigado

Datena - não é?

Sargento Aldair - a gente já já tem que agradecer o apoio tem dado pra gente

Datena - obrigado, nós não estamos atrapalhando, se você achar que nós tivemos atrapalhando eu tiro o helicóptero daí, não estamos atrapalhando não é? mesmo porque ta distraindo o cara não é?

Sargento Aldair - oi?

Datena - mesmo porque o helicóptero distrai o rapaz não é?

Sargento Aldair - nós estamos tentando distraí-lo ele pra que ele fique longe, longe do fio.

Datena - é

Sargento Aldair - é...

Datena - ele num falo nada? Porque que ele ta aí, porque ele subiu aí, num disse nada?

Sargento Aldair - a única coisa que ele me disse na negociação é que... ele pediu anteriormente pra que ligasse pra família dele e ninguém deu ouvidos a... ao pedido dele. Aí eu pedi o numero pra ele, liguei com o meu celular e mesmo assim ele ta irredutível, ele falou que não desse porque da outra vez já enganaram ele

Datena - ele tem o celular lá, ce tem o celular lá tem o celular dele?

Sargento Aldair - não não, não tenho o celular, eu tenho o meu celular, pra que ele descesse e a gente pudesse negociar

Datena - sei...

Sargento Aldair - mas ele ta irredutível, agora o bombeiro... o... pessoal que ta, nos auxiliando aqui tentando negocia pra pode conseguir que pelo menos ele desce um poquinho

Datena - é um rapaz está à 17 metros de altura porque a imagem do helicóptero, apesar de ser uma imagem perfeita do comandante Luan e do Alexandre, parece que a torre é baixa, mas não é não, são 17 metros de altura, Enquanto ele fica falando com o nosso helicóptero aí, é... é... ele se distrai, e tira a bobagem da cabeça, por isso que nós estamos aí, porque o corpo de bombeiros pediu a presença da imprensa e nós vamos atrás, agora, a partir do momento que o corpo de bombeiros achar que a gente deve sair daí, nós saímos daí. É... não tem jeito da gente conversar com esse rapaz não tem jeito né, de passar um celular pra ele

Sargento Altair - não tem jeito, ele ta muito alto Datena ele ta muito alto

Datena - hum...

Sargento Aldair - é... se nós pudéssemos resgata-lo acho que vocês até poderiam fazer o contato com ele

Datena - não que eu conversando com o sujeito talvez ele descesse, mas é... bom, você está muito melhor preparado que eu pra isso, mas nós vamos manter a imagem aí porque a imagem até, é...esse momento, essa imagem, essa imagem, é o que ele quer, né? Senão ele pode tomar uma atitude transloucada

Sargento Aldair: exatamente

Datena - eu não mostro esse tipo de coisa, mas como o corpo de bombeiros solicitou... oi?

Sargento Aldair - eu estou tentando vendo com os bombeiro aqui se eu consigo pelo menos para colocar um aparato, no caso dele cair, a gente consegui amortecer a queda

Datena - o sargento vai colocar aquele aparato que é quando o cara pula dum prédio pra... pra... pra fugir de incêndio, entendeu? Então... mas eu acho que não vai pular não, é.. é... e ele pediu a presença, é... é..., ele disse que se a imprensa não chegasse aí ele poderia até pular, então é por isso que nós estamos aí, se o sargento entender q nós tivemos atrapalhando a qualquer momento, o senhor, o senhor pode solicitar que eu tiro o helicóptero na hora, ok?

Sargento Aldair - tranqüilo Datena, eu sinto se possível se for o caso, aí eu entro em contato com vocês, aí eu peço o afastamento do helicóptero, mas por enquanto, estão fazendo um grande trabalho ali com a cobertura...

Datena - muito obrigado, trabalho bom faz o corpo de bombeiros, faz os policiais militares que salvam vidas, eu só to aí porque foi solicitado né, estamos mostrando, é um rapaz que parece que ta em desespero, tá em cima da torre, eu não acho que ele vai cometer nenhum ato mais grave, que senão já teria cometido, aliás eu to aqui rezando, orando, pra que não, não.. cometa um ato transloucado, ele está a mais ou menos 17 metros de altura, dá uma imagem aberta pa, pa te uma noção da altura que ele está! Ó, a imagem aberta ó, qual é a altura que ele está, ele está a mais ou menos 20 metros do solo, uma queda daí é fatal má mais perigoso que a queda o sargento me falo, que a proximidade da rede elétrica, se encostar num fio desse aí, ele vai pro famoso vinagre, é esse o detalhe, entendeu? Veja aí são 88 mil volts , o sargento foi desligar a rede...

Sargento Aldair - Datena, ele ta se comunicando com a gente agora,

Datena - hãhã?

Sargento Aldair - parece que ele se encontra fraco e não consegue descer...

Datena - ah é?

Sargento Aldair - o que poderia ajuda seria a Eletropaulo desligar a voltagem...

Datena - porque se a Eletropaulo não desligar a voltagem cê não consegue subir...

Sargento - de medida nenhuma eu consigo tomar

Datena - não consegue subir porque coloca em risco a vida dos homens do corpo de bombeiros

Sargento Aldair - exatamente

Datena - pessoal da Eletropaulo vamos desliga a luz um pouquinho aí pelo amor de Deus, atenção Eletropaulo se você puder desligar a luz, sabe o qui qui é, é que são 88 mil volts, mas uma vida esta em risco né, ele quer descer e não consegue descer, ele que desce e não... é isso sargento? ele que descer e não consegue

Sargento Aldair - exatamente, agora ele está se sentindo fraco porque ele ta muito tempo ali segurando, na altura tal,

Datena - olha, o meu medo, o meu medo, eu to aqui fazendo inclusive um apelo né, é, é é... pela Eletropaulo, pra que as pessoas evitem, a, a... rede de energia elétrica, então o sujeito tá perto de 88 mil volts, se o sujeito encontra, se o sujeito encosta no, na... energia tá morto, e o pior é que o corpo de bombeiros não pode subir, porque a linha ta ligada, a linha ta ligada, será que ele vai entender isso em, tem q sabe se ele vai entende isso.

Sargento Aldair - na realidade, como o momento não é apropriado nós nem devemos informar da realidade da situação à ele.

Datena - é... nem deve... nem deve...se pedisse pra ele ficar sentado, se pedisse pra ele ficar sentado ali parado no lugar

Sargento Aldair - tem hora que ele fica sentado, tem hora que ele fica de pé, ele ta se sentindo fraco ele se sentou no ferro, sentou no ferro

Sargento Aldair - mais devia pedir pra ele ficar sentado, deveria pedir pra ele ficar sentado eu acho, sem se mexer, porque ele não consegue descer daí... ce não consegue colocar seu homem com a rede viva?

Sargento Aldair - não não tem como, é um risco muito grande de colocar qualquer homem dos nossos profissionais aqui a a... mesmo que seja a favor da vida, é um risco muito grande, eu só quero que ele pelo menos saia da linha, da linha de alta tensão pra gente poder buscar

Datena - bom, é... vamo ver, vamo ver, a Eletropaulo, atenção pessoal da eletropolo eu tenho um bom relacionamento com o pessoal da Eletropaulo, inclusive eu to fazendo esse texto da Eletropaulo no, no... jornal local, pra pedir pra ficar longe da rede elétrica né, veja aí as imagens(a tela se divide ficando com a imagem do Datena e do ocorrido) eu queria um contato com a assessoria de imprensa da Eletropaulo, pra saber se há a possibilidade de desligar essa rede viva aí, alguém da acessória de imprensa da Eletropaulo, se você pudesse entrar em contato comigo, dexa eu ver a imagem lá, dexa eu ver a imagem lá(a imagem volta inteira para o

ocorrido) é uma imagem que na realidade nos deixa muito preocupados, extremamente preocupados, porque são aí, fios que levam 88 mil volt né, é uma coisa, é... é... é terrível, já chegou a notícia que foi desligada a rede ou ainda não sargento?

Sargento Aldair - olha, chegou a notícia que acabou de ser desligada a... a energia

Datena - opa! Obrigado pessoal da Eletropaulo, obrigado ao pessoal da Eletropaulo, o senhor vai subir aí?

Sargento Aldair - tem que fazer o aterramento das duas torres laterais

Datena - hãã...

Sargento Aldair - quando fazer o aterramento dá pra tomar uma providência já

Datena - então ceis tão preparados pra subir aí?

Sargento Aldair - exatamente, exatamente, nós estamos preparados porém precisamos fazer o aterramento das duas torres laterais, e quando tomar a providencia das duas torres laterais, poderemos subir para poder busca-lo

Datena - eu não entendo que precisam fazer o que pra o que

Sargento Aldair - fazer o aterramento das torres laterais, é a energia já foi desligada,

Datena - o pessoal da Eletropaulo já ta aí?

Sargento Aldair - já está aqui do meu lado

Datena - eles tão fazendo já o aterramento?

Sargento Aldair - exatamente, já estão fazendo o aterramento

Datena - olha, neste exato momento o pessoal está fazendo o aterramento das torres, significa colocar é, é, é...um cabo ali em contato com a terra, é isso mesmo, aterramento, pra evitar qualquer tipo de descarga porque que a energia elétrica esteja desligada, existe a energia residual, a que permanece, mesmo com a energia elétrica desligada, pára de passar corrente, mas ainda há energia elétrica acumulada nessas torres, e isso tem que ser colocado na terra, feito isso o corpo de bombeiros irá entrar em ação, feito isso o corpo de bombeiros vai entrar em ação, o homem está a 17 metros, quase, vinte metros do solo, ele está sentado, o que significa que ele não vai tomar nenhuma atitude transloucada, então, quanto tempo demora pra fazer esse aterramento em sargento?

Sargento Aldair - não entendi ô Datena

Datena - quanto tempo mais ou menos o pessoal demora pra fazer esse aterramento?

Sargento Aldair - ele acredita que pelo menos de uns 10 a 15 minutos

Datena - 10 a 15 minutos e aí o senhor começa a operação imediatamente, e bota um homem pra busca-lo

Sargento Aldair - demora uns 10 15 minutos...

Datena -10 15 minutos demora para fazer o aterramento, feito o aterramento o senhor já bota alguém pra subir atrás dele?

Sargento Aldair - exatamente, exatamente, e eu só to esperando, que está chegando caminho, o material de aterramento,

Datena - hã...ah num ta aí?

Sargento Aldair - não não, não ta aqui, eu só estou esperando esse procedimento já pra tomar as medidas necessárias

Datena - a escada magirius não pode ser levada aí pelo mesmo motivo da eletricidade né? Se você não aterrar não tem jeito né?

Sargento Aldair - Exatamente, exatamente, até mesmo a escada magirius dá pra ir buscar ele lá em cima, porém é... num dá por causa da eletricidade.

Datena - é mais fácil, não seria mais fácil usar a escada magirius depois do aterramento, do que um homem subindo lá ou o senhor acha que não?

Sargento Aldair - seria mais fácil menos risco pra ele

Datena - a escada magirius?

Sargento Aldair - exatamente

Datena - atenção pessoal do corpo de bombeiros, continuando a ajudar aí, é que é uma vida que ta em risco, o homem ta a 20 metros de altura numa torre de alta tensão, se o pessoal puder deslocar o carro, é, do corpo de bombeiros que tem escada magirus, para o local, acho que seria importante em, seria importante, colocaria em menos risco a vida do bombeiro que vai subir, e a do rapaz que ta lá em cima, ele ta cansado, isso que não pode fazer ó, é isso que não pode fazer, é isso que ele não pode fazer.

Sargento Aldair - é o que eu digo a você, da escada magirus, é tecnicamente que os bombeiros acham melhor subir pela torre, a parte técnica deles é... é... seria eles, a decisão deles.

Datena - ah, o bombeiro prefere subir pela torre?

Sargento Aldair - pelo que a gente vê aqui, a escada magirus seria mais fácil, mas depende da técnica do próprio corpo de bombeiros pra tomar suas decisões.

Datena - tem um contado, tem um contato com a central do corpo de bombeiros aí que tanto nos ajuda em, tem um contato? Vamo tentar um contato com a central do corpo de bombeiros enquanto aqui meu Deus, ele ta se mexendo, meu filho fica parado aí.

Sargento Aldair - (falando com o indivíduo em cima da torre): Cleiton, ô Cleiton, desce pra gente conversar Cleiton.

Datena - Mas ele não consegue descer.

Sargento Aldair - Ele ta de pé na torre Datena

Datena - Hã?

Sargento Aldair - ele ta de pé na torre (agora fala novamente com "Cleiton"): desce aqui pra gente poder conversar.

Datena - acho que ele não consegue descer em.

Sargento Aldair - Ele ta tentando

Datena - acho que era melhor deixar esse aí ele ta muito fraco pra descer ele pode cair. Ce já ta com o aparato aí, se ele cair, ce já ta com o aparato aí?

Sargento Aldair - Eu já estou com o aparato aqui, não um aparato de queda mas um aparato emergencial

Datena -E o homem vai descer em ôoo, era melhor o homem ficar lá não era não

Sargento Aldair - (falando com alguma pessoa da corpo de bombeiros) :vocês não tem uma cama? Nenhuma outra unidade tem?

Datena - Ele ta tentando descer, que que ele ta tentando...acho que ele sentou de novo, o importante é ele ficar sentado,

Sargento Aldair - Sentou de novo.

Datena - Olha, atenção, a Eletropaulo me comunica que a energia foi desviada pra outras torres, parabéns a Eletropaulo, nos ajudou aqui, é.. eu faço, eu faço um comunicado sempre pra Eletropaulo aqui, pra que as pessoas que ficam perto da rede elétrica, que fiquem o mais distante possível, não é. Eu sempre digo isso aqui no jornal local, entendeu? Então é, é, é... uma prestação de serviço inclusive à comunidade, pa num pega pipa a molecada que dexa pipa enroscar dá pa levar choque, o cara que ta batendo laje fazendo a casa, a, a Eletropaulo já informou que a rede já foi desviada daí, mas tem que fazer um aterramento porque permanece na realidade, permanece na realidade energia né, a energia continua circulando ali, o rapaz ta sentado, eu quero ver o trabalho dos homens do corpo de bombeiros, eu queria ver o trabalho dos homens do corpo de bombeiros subindo aí, é, é.. pra tirar esse rapaz porque vai ser muito difícil, descer ele não consegue, que ele ta muito fraco, desce ele não consegue porque ele ta muito fraco, ele está a 20 metros do

solo, vinte metros do solo, ta fraco demais não consegue descer, né, o aterramento já ta sendo feito aí ou ainda não? Sargento?

Sargento Aldair - o aterramento, o aterramento, só tamo esperando o material de aterramento chegar é.. Datena, só tamo esperando o material de aterramento chegar, o... desvio da energia já foi feito.

Datena - Atenção a pedido da Eletropaulo o... material de aterramento, o mais depressa possível né, o mais depressa possível o material de aterramento porque senão os homens do corpo de bombeiros não podem subir até o local, tem contato com o corpo de bombeiros ou não? Tem contato com o corpo de bombeiros ou não, ô Márcio campos, ta me ouvindo?

Márcio Campos: sim Datena.

Datena - Tem contato com o corpo de bombeiros ou não Márcio campos?

Márcio Campos - estamos em contato com o corpo de bombeiros sim na tentativa de buscar mais informações sobre o aparato que ta sendo destinado pra essa ocorrência que fica na zona oeste da capital paulista, bem perto do CEASA, no centro de abastecimento Datena, então nós tamos acompanhando de perto o trabalho dos bombeiros na expectativa da chegada de outros equipamentos também, que já foram solicitados a central Datena.

Datena - pois não Márcio?

Márcio Campos - e aí, ahn... a possibilidade de que estes equipamentos cheguem dentro de 10 minutos, os primeiros bombeiros que chegaram no local avaliaram a situação, uma situação difícil principalmente por conta da copa, das árvores, há muitas, existem muitas árvores ali ao redor dessa torre de alta tensão, por isso havia dificuldade pra instalar, o que seria uma cama né, que seria uma cama inflável, aqueles colchões infláveis, na verdade um colchão inflável pra que se, se porventura, o homem que está no alto da torre caia da torre, esse colchão consiga amortecer essa queda Datena.

Datena - olha, o homem continua aí, ce ta tendo as imagens aí, e o Adriano vai me passando as informações também, o Adriano jaja me passa as informações, é, é, o corpo de bombeiros deve subir pra tentar tirar o homem daí, não é, nós estamos aí porque ele pediu a presença da imprensa, que senão ele poderia cometer um ato transloucado, então por isso que nos tamos com nosso helicóptero aí, o material vai chegar, o material de aterramento vai chegar, né, vai ser colocado nas torres o material de aterramento, e, e, e... o corpo de bombeiros pode subir e resgatar esse cidadão, não é? Pode subir e resgatar esse cidadão, mas ele ta numa situação difícil, vamo esperar o aterramento das torres aí, não é? Vamo esperar o aterramento das torres enquanto isso, deixa na, na, na meia tela ou então vai piscando de vez em quando as imagens dele que eu to com a imagem aqui no monitor, e eu vou dar algumas reportagens aqui enquanto eu espero, que eu to aqui com a imagem no monitor então logo um homem do corpo de bombeiros começa a subir, né, eu, e..., eu mostro pra você, não é? Ta certo?

Retorno à reportagem de agressão a idoso

Datena - imagens impressionantes, mostram um idoso de 93 anos sendo espancado por 2 mulheres pagas pra cuidar dele, a vítima tem mal de Alzheimer, e já foi inclusive prefeito da cidade, Hélio Bareia na tela.
(a imagem mostra o idoso sendo espancado).

Hélio Bareia (narrando): as câmeras foram instaladas no dia 27 de fevereiro, e registraram durante 10 dias as agressões; tapas no rosto, puxões de cabelo e até ameaças.

(a imagem corta para um cidadão)

Cidadão comentando o que acontecia com o idoso: ele ficou mais arredio, não queria ficar mais aqui, não reconhecia como casa, é... com escoriações pela perna, pelo braço, um amigo me relatou, que viu uma cena no mercado, no dia, na funcionária do dia, Rosângela, puxando bruscamente, não gostou, falou olha, pode ta acontecendo coisas estranhas lá, é bom vocês ficarem de olho.

(as imagens cortam para o crime)

Hélio Bareia - Rosângela Nazaré Pereira Coutim de 44 anos, e Patrícia Santos Alves de 25 anos, foram presas por agressão física em Bilac, no interior paulista...a vítima, Ouidi Martineli de 93 anos, que há 2 anos sofre de mal de Alzheimer, e foi prefeito do município por 2 mandatos, quando as duas trabalhavam como acompanhantes, os filhos desconfiados pela mudança de comportamento do pai, resolveram instalar as câmeras pela casa.

(as imagens cortam para o cidadão novamente (pelo jeito é filho do idoso))

O mesmo cidadão comentando novamente (filho do idoso) : sangue ferve... você, a vontade que você tem é de, de de... de vir aqui e chuta-las

Hélio Bareia - as acusadas admitiram a agressão, para a polícia, Rosângela e Patrícia tentarão justificar o que fizeram, dizendo que a vítima não gostava de tomar banho, e que era preciso usar a força física para levá-lo ao banheiro.

(a imagem vai para a agressão)

Hélio Bareia - as duas mulheres estão presas na cadeia de Buritã, na região de Araçatuba, se condenadas podem pegar até 8 anos de prisão.

(a imagem vai para Datena)

Datena - pior que pega nada, pior que teve uma mulher que bateu numa criança aí, acho que no Recife, foi solta logo depois, pega nada, a mulher que bateu nas crianças em Goiânia foi solta logo depois, pega nada, é... aqui se bate em velho, criança, e não acontece nada, então tome cuidado com quem você deixa o seu filho,

com quem você deixa o seu pai, putz, é difícil você, tem filho jogando o pai no lixo, que coisa, que dó é, é... que eu tenho dos idosos e das crianças abandonadas, entendeu? Nem o governo e nem a própria família cuidam deles, é isso que me, me deixa sofrido, deixa eu ver imagem da torre.(a imagem corta para a torre)

Datena - A imagem da torre, o rapaz continua lá, a energia elétrica já foi desviada pela Eletropaulo, é, vai, vai ser feito o serviço de aterramento, é, daqui a pouco aí no, no, dessas torres, pra que os homens do corpo de bombeiros possam subir até a torre, e resgatar o rapaz. Temos um contato com o corpo de bombeiros ou ainda não temo em? bom, não, eu quero um contato com o corpo de bombeiros, meu irmão, quero um contato... pois não, pois não, eu quero falar e eu quero falar com o pessoal do corpo de bombeiros, atenção, quem tava falando comigo era da polícia militar ou era do corpo de bombeiros? Ah era o sargento da polícia militar ta comigo ainda? Sargento Aldair ta me ouvindo?

Sargento Aldair - pois não?

Datena - sargento Aldair, é, já ta sendo feito o trabalho de aterramento ou o material não chegou ainda?

Sargento Aldair - ainda não Datena, ainda não.

Datena - não chego... não chego..., o pessoal da Eletropaulo quer falar comigo, assim que tiver contato com o pessoal da Eletropaulo, por favor, é, é, é... vamo bota no ar, e o comandante Luan, com o Alexandre tão mostrando aí as imagens né, veja aí as imagens, veja as imagens aí, olha atenção, Arnaldo de Silva Neto diretor de operações da Eletropaulo, foi solicitado a Eletropaulo, que cortasse a energia elétrica de, de uma cabeaçaõ, que parece que são 88 mil volts que passam por aí não é? Eu achava quase que impossível porque isola a cidade, mas a Eletropaulo parece que fez isso com, com, com competência, porque desvia pra outras, pra outras torres não é? É, é, é... Arnaldo, boa noite Arnaldo.

Arnaldo - Boa noite Datena, estamos acompanhando aqui o evento, é um, é um evento triste, que nos preocupa bastante, uma pessoa que deve tar é, é.. bastante perturbada, mas todos procedimentos de segurança que... podem ser tomados pela empresa já foram tomados, inclusive transferência de carga pra outras subestações de modo que os consumidores não fiquem sem energia,

Datena - Arnaldo o pessoal ta dizendo que ta precisando de um, de um, cabeamento pra aterramento das torres esse material já foi enviado?

Arnaldo - já, o sistema de aterramento é um sistema especial é... ele esta sendo transportado neste momento para as equipes de linha de transmissão que já estão no local....

Datena - sei...

Arnaldo - ...mais 10 ou 15 minutos eles devem estar chegando aí

Datena - olha, é, é... no máximo 10 ou 15 minutos, aí o aterramento é feito rapidamente ou não?

Arnaldo - o aterramento nosso pessoal com bastante com bastante expressivo com escalada de torres, eles vão escalar uma torre próxima aí pra fazer esse aterramento, há... existe um procedimento de segurança nesses casos, toda linha de transmissão quando é desligada, principalmente uma linha de 88 mil volts ela ainda tem uma energia residual...

Datena - é aquilo que eu falei.

Arnaldo - exatamente, então é necessário uma espera de cerca de 20, 30 minutos pra que nosso pessoal possa subir com segurança e fazer o aterramento da linha pra que aí sim tenha campo livre para os bombeiros acessarem a torre onde está o rapaz .

Datena - se for desligado 6 horas da tarde né? fazer o aterramento.

Arnaldo - a linha foi desligada às 17 e 51

Datena - bom então chega o pessoal já faz o aterramento da torre próxima, e em seguida o corpo de bombeiros já pode subir, o, o... serviço de aterramento quanto tempo a partir do momento...

Arnaldo - a partir do momento do aterramento, pela habilidade do nosso pessoal, deve demorar de 10 a 15 minutos

Datena - hum...

Arnaldo - então o importante é manter o... rapaz calmo, tranqüilo, se possível sentado, pra que o nosso pessoal possa escalar as torres com segurança,

Datena - é...

Arnaldo - fazer o aterramento e deixar o campo seguro para os bombeiros trabalharem com ele,

Datena - não dá pra subir aí, porque é aquilo que eu falei, eu já previa, eu por empirismo né, porque eu não entendo nada de energia elétrica, eu sei que você não pode botar a mão no fio, no fio de encapado ninguém pega não é?

Arnaldo - perfeito

Datena - agora, com 88 mil volts, passando pela rede, mesmo que você é, é... interrompa, faça disso um fluxo d'água né?

Arnaldo - aham

Datena - ce tem um tubo com água pra caramba saindo, quando ce fecha a torneira do lado de cá, demora um pouquinho pra água que esta dentro do tubo, se escoar

totalmente, assim é com a energia, então é, tem uma energia residual considerável, capaz de matar qualquer pessoa que tome contato com ela, mas o rapaz, é, é, essa imagem ao vivo? É imagem ao vivo? O rapaz tem que ficar sentado, o rapaz tem que ficar sentado ali, era bom po pessoal ali debaixo, ou po corpo de bombeiros ou o sargento da policia militar, pedissem pra que ele ficasse sentado, não, eu não acho que ele corre mais risco porque ele ta sentado, não é? Se ele quisesse cometer uma atitude mais transloucada, ele só ficou tranqüilo quando chegou a imprensa porque ele pediu a imprensa, se ele quasi... é, é, se ele quisesse é, é, é, é... na, na verdade tomar uma outra atitude ele tomaria eu acho que ele vai ficar sentado ali, e daqui a pouco a gente vai mostrar, o resgate dele, brigado viu Arnaldo, muito obrigado mesmo viu?

Arnaldo - foi um grande prazer, uma boa noite.

Datena - o prazer é nosso boa noite...Uma onda gigante invade estrada e arrasta carros deixa eu ver as imagens, deixa eu ver as imagens. (começam a mostrar as imagens do ocorrido). Rapaiz, aonde é isso meu filho?

Datena - Olha isso que loucura ô, a onda gigante ultrapassou os muros da praia, e arrastou carros que passavam pela estrada, houve pânico entre os motoristas que foram surpreendidos pela força da água, a onda que atingiu quase 13 metros de altura assustou quem estava na região, mas é lógico, olha o tamanho da onda meu chapa, olha que loucura, olha que loucura, olha deu um susto aqui em mim porque eu não tava esperando uma coisa dessa, teve gente ferida ou não? Não, olha, só um susto porque ninguém foi ferido, é, o mar não é brincadeira né?

Datena -. o mar não é brincadeira de jeito nenhum. (a imagem volta para o Datena)

Datena - Atenção, daqui a poco denúncia de falta de remédio também, mas a polícia prende dois acusados de integrar uma quadrilha especializada de roubo de carros, câmeras de segurança flagraram a ação de um dos ladrões, deixa eu ver na tela.

Datena - Narração de uma repórter: A polícia chegou aos acusados por meio dessas imagens feitas pelas câmeras de segurança de um estabelecimento comercial no centro da cidade, o equipamento registra o momento do furto, o ômega branco estaciona na avenida José Lombo, onde também fica a sede da policia federal. O homem sai do carro, segue para a rua ao lado, tenta disfarçar, em seguida, abre a porta do veículo, volta para pegar uma ferramenta, depois abre a porta, e sai tranquilamente dirigindo o carro, a ação durou 6 minutos, as placas do veículo usado para o furto não aparecem no vídeo, a falta desta borracha na lateral do carro foi o que norteou a policia na investigação que durou uma semana, hoje cedo a DIG chegou no local onde os carros eram adulterados. Funcionário da DIG: localizando essa pessoa bem como o automóvel, tivemos sucesso.

Narração da Repórter - Manoel Bezerra de Araújo de 43 anos, e um outro suspeito de dirigir o carro foram presos, a DIG investiga agora se existem outros envolvidos no caso,

Funcionário da DIG - não descartamos, a hipótese de outras pessoas, ou seja, as pessoas encarregadas em fornecer os documentos, as pessoas encarregadas em fazer a venda desses veículos...(a imagem vai para o Datena)

Datena - olha deixa eu ver, o rapaz ta se movimentado ele num pode fazer isso...

(a imagem vai para o rapaz preso na torre)

Datena - ele quer descer, mas ele num pode fazer isso porque ele ta muito fraco, ele num pode descer, ele num pode descer porque ele pode cair dali rapaz, pelo amor de Deus, veja aí as imagens, o cidadão ta descendo ele num pode descer porque ele pode cair, bom vamo, vamo rezar pra que Deus ampare esse cidadão na descida, vamo rezar, é,é, momento de muita tensão, momento de muita tensão o cidadão que está numa torre a 17 metros de altura, a 17 metros de altura esta descendo da torre, se ele encostar num fio ali já era, alá ele ta cansado, ta cansado, será que o pessoal do corpo de bombeiros não vai subir pra tentar impedir que esse cara caia? Tem alguém do corpo de bombeiros aí embaixo já com o aparato aí? Se, se.. esse cidadão cair ele ta descendo ó, veja aí ele ta descendo, ta descendo de uma altura de 20 metros ainda ta longe do solo, que loucura em, que loucura, é, ó, o homem do corpo de bombeiros mesmo com o, o, risco todo já ta subindo lá, olha, vamo ver o salvamento em, o homem do corpo de bombeiros vai chegar até ele, ta conversando com ele, o homem do corpo de bombeiros vai chegar até ele, é mais um salvamento ao vivo, veja aí, mesmo com o risco, resudi...residual já ta salvo meu irmão, já está salvo, já está salvo, aaaaa, eu fico arrepiado com o trabalho desses homens do corpo de bombeiros, mais um salvamento ao vivo mostrado pra você aí de todo Brasil, agora já está garantido, outro homem do corpo de bombeiros subindo e ainda arriscando suas próprias vidas, que mesmo com a torre desligada, existe energia residual, nessa torre que pode matar todo mundo aí, e mesmo assim os homens do corpo de bombeiros escalam a torre com risco ou não, heróis que são dando um exemplo, dando um exemplo a sociedade, né, dando um exemplo a sociedade, esses homens merecem medalha todo dia, essa corporação devia receber medalha todo dia, é, eu não sei, o governador do estado se São Paulo, pelo amor de Deus, tivemos tantos salvamento nesses últimos dias aí, reúna essa tropa do corpo de bombeiros aí, e, e, e, e... dê a eles mais medalhas ou pelo menos agradeça a eles viu governador José Serra, e aumenta o salário deles também que eles ganham mal como todo brasileiro, como a maioria do brasileiro ganha mal, outro salvamento excepcional, um cidadão a 20 metros do solo numa torre em que a energia elétrica foi desligada, 88 mil volts mas repito, mesmo com a energia elétrica desligada, há um risco terrível porque se mantém a energia residual, todos esses homens que subiram aí, estão correndo é, é, é... risco de morte, mas mesmo assim, eles ignoram tudo meu amigo, ignoram tudo e vão pra mais um salvamento, existe risco ainda mas o corpo de bombeiros está realizando mais um salvamento, a imagem ao vivo, do comandante Luan, filho de peixe, filho do meu grande amigo Amílton, e do Alexandre, imagens dos dois, esse tipo de imagem é que resgata nossa esperança, de que o Brasil dá certo, vai dar certo, que o bem é maioria, apesar de ladrão, de traficante, de político que é, que, que, que é considerado corrupto e não vai pra cadeia, apesar de muito malandro, gente tem gente do bem, e o bem é maioria, parabéns ao corpo de bombeiros, parabéns ao corpo de bombeiros, mais uma vez parabéns ao corpo de bombeiros, veja aí, o homem vai sendo retirado por vários homens do corpo de bombeiros, em que pesa ainda risco,

pra todo aí que se encostar num cabo elétrico meu amigo, é morte na certa, momentos ainda de muita tensão literalmente.

ANEXO 2 – TRANSCRIÇÃO 2

Programa: Brasil Urgente
Apresentador: José Luiz Datena
Data : 31 de janeiro de 2008
Emissora: Rede Band de Televisão
Horário: das 18:00hs às 18:30hs
Reportagens: Traficante preso e Clube de lutas clandestinas

Datena - O traficante que foi preso chorando! Na hora de vender droga ele tá rindo, ele ri, e quando a casa caiu ele chorando. Logo depois disso quero ver aquela invasão de novo. O Barreto tá lá no rio, sentado lá meu filho? Então hora que botar a porta caindo eu quero que o Barreto fale comigo! Deixa eu ver a hora que derrubam a porta lá! Ali ele tá rindo, você viu que o traficante ali ele tá rindo, mas a hora que derrubam a porta, que ver ele chorar, oh... Isso não é a casa caiu, a porta caiu pro traficante 'alá, ooh! alá', ele começa a chorar, uiiiiii, uiiiiii, ai meu deus do céu! Hein Barreto! O cara caiu no choro, Barreto, rapidamente no Rio de Janeiro.

Barreto - É verdade Datena, é verdade. Após você imagina, que nessa situação Leonardo Vile só parou de chorar Datena, ao lado da mãe dele. Essa reação do traficante surpreendeu demais a polícia. Segundo os agentes Datena, apesar da choradeira dele, ele comandava com mãos de ferro todo esse esquema na zona sul da cidade.

Datena - Mandava matar, comandava com mão de ferro, e tal e na hora em que ele foi pego começou a chorar e chamou a mãe, chamou a mãe, ahhh, tem bandido que é macho, mas tem uns que são que são covardes que não vale nada, bandido que é macho é aquele que não mata, não rouba pobre, não é saca, agora tem uns que não valem mais do que nada. Bandido já não vale nada, né? bandido já não vale nada, bandido já não vale nada, tem alguns que mereciam era uma cana perpétua, uma pena de morte ou coisa parecida, essa é a grande realidade. Porque tem bandido que vai na moral, o cara roubou, entendeu, a polícia chegou prendeu botou o cara..., não abusa de mulher, não machuca criança, entendeu? Agora tem estupro, Dudu, sabe, que nem esse cara aí, traficante chorando, rapaz. Como é que pode um traficante que estragou a vida de milhares de pessoas várias famílias, chorando na hora que a polícia a polícia chegou, hã, chamou a mãe.

Na sequência o apresentador datena muda para outra reportagem

Datena - Olha, clube de luta clandestina funciona em galpão na periferia de Osasco. No local os caras se enfrentavam naquelas lutas de vale-tudo e isso era transmitidas pro Estados Unidos, lutas sangrentas, transmitidas pros Estados Unidos de uma forma ilegal, tá em todos os jornais aí, Folha, O Estadão, deixa em ver na tela. Os confrontos acontecem em um galpão em Osasco, na grande São Paulo. As apostas são feitas pela internet que exhibe aí os combatentes olha lá oh! Essa música tenho a impressão que essa música é de lá. Segundo a prefeitura o único alvará naquele endereço é de uma loja de carro situada no térreo... o lutador que perde recebe setecentos reais, o campeão ganha quatro mil reais... O que tem de gente pra lutar

lá não é brincadeira, até pra perder né? Atrás do dinheiro dezenas de jovens lutadores se enfrentam em lutas sangrentas, não há regra e a ordem é bater até o oponente cair, o evento clandestino é organizado por uma empresa de Miami chamada Hero...é herói, os combates são transmitidos ao vivo pra Las Vegas nos Estados Unidos pela internet e movimenta uma milionária bolsa de apostas da rede mundial de computadores e o lance mínimo é de cinquenta dólares. Sem usar luvas o lutadores se enfrentam em um ringue em forma de jaula com cerca de 20 metros quadradosas lutas só terminam quando um dos lutadores beija a lona. Até hoje foram organizados catorze eventos, cada lutador ganha em média setecentos reais pra entrar no ringue ganhando ou perdendo. Bom, o detalhe é o seguinte, tem a luta de vale tudo que é transmita pelo canal fechado e tal, a Band andou transmitindo... que dizer, você vê lutas pesadas, só que lá os caras usam luvas e aí por diante, e tem mais critério, o juiz por exemplo quando vê que o cara ta sendo massacrado ele vai e simplesmente e aparta na hora, quer dizer, a luta de vale tudo ela tem as suas regras, é um espore como outro qualquer, entendeu? mas aí to vendo a selvageria total, uma coisa selvagem, uma coisa selvagem.... os caras se quebram e correm risco de morte, essa é a grande realidade, porque todo tipo de esporte, principalmente aqueles de contato físico o esporte violento....né ...as regras determinam até o lutador pode ir....porque passando de um determinado limite o sujeito morre. Se o juiz deixar passar de um determinado limite o sujeito morre, hã e o Brasil....haaaa tem um alguns dos melhores lutadores do planeta heeeee, temos ai o Vanderlei que é um belíssimo atleta, temos o Minotauro que é um atleta sensacional, Vitor Belforte um atleta magnífico, aquele outro, o Anderson Silva que e um dos melhores atletas do momento, enfim o Brasil tem grandes lutadores de vale tudo mas que lutam com regras heeeeeee..... ai o negócio heeee quase até a morte ou até o cara beijar a lona. O juiz deixa correr, isso é piada, isso é piada ai o negocio e terrível aí é pra matar ou morrer!!!!

Eu tenho certeza que todos os atletas que eu falei, que são heróis no Japão, heróis nos Estados Unidos, esses brasileiros não concordam com isso, eu tenho certeza absoluta. Aí o negócio é terrível, aí o negócio é terrível..

Clube de lutas clandestinas atrai jovens lutadores além apostadores internacionais. Deixa eu ver a reportagem na tela.

Na sequencia é apresentada uma reportagem por um repórter que não foi identificado, que fala das lutas, mostrando imagens do combate e da área externa do local onde ocorrem as lutas.

Datena - Olha, eu não sou contra a arte marcial de forma alguma, eu sou contra esse tipo de barbaridade, isso é um crime, e são lutadores potentes, o Brasil tem lutadores fortíssimos, entendeu? Se vc não tiver uma regra o sujeito pode morrer, pode ficar inutilizado pro resto da vida. Você viu aquela cabeçada que o cara dá, eh.eh, cabeçada o cara tem que para a luta na hora, entende? Os caras são muito fortes, cadê as imagens? São imagens que um lutador profissional, ele vai ver isso aí, ele vai achar um absurdo, não vai ter cabimento, o cara caído, di di, di costas, o caa dá um chute na cabeça do cora de costas, quer dizer é deslealdade, entendeu? Esse negócio do cotovelo que ainda é, é, é, tão permitindo em algumas lutas de vale tudo, já está se questionando o uso do cotovelo Você imagina essas pancadas e cabeçadas e com o juiz deixando correr solto, quando o cara bate a mão é para parar a luta na hora, entende? Mas não tem negócio. O cara bate, bate, bate e eles continuam. Aí oh, o cara pode quebrar o pescoço e pode morrer, luta tem que ter

regra. Não sou contra arte marcial, pelo contrário, acho até a arte marcial bem colocada e com regras e profissional competente, e o Brasil tem profissional competente tudo bem, legal. Agora, isso aí é selvageria e ainda vendido de graça pros gringos lá, pros americanos como se a gente fosse bichos aqui. Isso aí não tem cabimento, não tem lógica.

Na sequência entram outras reportagens, mas não fazem parte estudo proposto.

ANEXO 3 – TRANSCRIÇÃO 3

Programa: SP Acontece

Apresentador:

Data : 19 de novembro de 2007

Emissora: Rede Band de Televisão

Horário:

Reportagem: A boa vida de Champinha

Âncora - Champinha, lembra dele? O jovem que torturou e matou o casal Liana Friendenbach e Felipe Caffé há quatro anos? Vive dias de mordomia em um centro de recuperação.

Na sequência são mostradas imagens da antiga moradia de champinha e de sua atual

Repórter - Dois cômodos, num bairro pobre de Ibuguaçu, cidade da grande São Paulo. Uma casa humilde sem qualquer conforto. Até ser preso aos dezessete anos de idade, Champinha dividia o único quarto com a mãe e mais três irmãos, situação bem diferente da atual. Hoje Champinha tem um quarto só para ele, tv, móveis e eletrodomésticos novos e não precisa se preocupar com o trabalho. É em frente à televisão que Champinha passa a maior parte do tempo. Para as autoridades do Estado, tudo normal.

Governador - *Bom, eu não vejo nada de mais ele ver televisão, melhor do que ficar acorrentado.*

Autoridade não-identificada - (provavelmente por uma falha do telejornal): Não tem nenhuma regalia ele assistir televisão.

Repórter - Apesar de prevista em lei, a forma como o Estado tenta socializá-lo não agrada os moradores da cidade que testemunharam em dois mil e três, um dos crimes mais bárbaros da história.

Entrevistado 1: *É revoltante isso aí, pro Brasil inteiro.*

Entrevistado 2: *Isso aí é reflexo do nosso país né? O bandido, ele tem mais regalia do que a gente que trabalha né?*

Entrevistado 3: *Ele vai querer aquela vida para o resto da vida. Para que ele vai querer ir pra rua? Ele vai querer continuar lá.*

Repórter - Acampados em um sítio da região, Liana Friendenbach e Felipe Silva Café foram torturados e assassinados por Champinha e outros três homens. Liana ainda sofreu por cinco dias abuso sexual. Champinha menor de idade na época, ainda cumpre medida socioeducativa prevista no Estatuto da criança e do adolescente.

Entrevistado – Especialista: a nossa lei é muito fraca em relação a crimes. A lei brasileira além de ser fraca, não se cumpre.

ANEXO 4 - TRANSCRIÇÃO 4

Programa: Brasil Urgente

Apresentador: José Luiz Datena

Data : 07 de abril 2008

Emissora: Rede Band de Televisão

Horário: Das 18:00hs às 18:30hs

Reportagem: Libertação de cativo do filho de Maurício de Souza

Cenário: Camisetas brancas penduradas em um varal que se encontra atrás do apresentador. As camisetas mostram frases de efeito, de protesto, de reivindicação: “Polícia na rua”, “Cadê a polícia?”, “Sou vítima”, camisetas com as fotos de Isabella Nardoni e do menino João Hélio.

Datena - Um beijo grande, com a graça de Deus e com a sua licença, tãmo entrando aí na sua tela, pras notícias do Brasil e do mundo. Lógico que nós vamos falar do caso da garota Isabella que as pessoas continuam ainda perguntando o que aconteceu naquele apartamento, né? Vários outros casos, outras notícias, mas também muitas... é ... é ... novidades, informações sobre o caso da... da... Isabella. Pelo menos o que a tem podido apurar até agora. Um abraço pra Dona Tetê de Porto Alegre e pra gente Dona Zuleica de Floripa, não é? Duas é..é, .senhoras maravilhosas que vêm a gente aí no sul do país. Ce vai ver agora no Brasil Urgente: Polícia invade cativo e liberta o filho do cartunista Maurício de Sousa. *(Nesse momento, são mostradas as cenas, com áudio, do resgate do garoto, nas quais é possível perceber a tensão do ambiente)* O Maurício de Sousa foi quem fez a Mônica, o Cebolinha, nem sabia que estava sequestrado o menino ... Ce vai ver o momento em que o menino é resgatado ao lado da mãe e do irmão de dois anos de idade. O três estavam sequestrados há cerca de vinte dias. *(PAUSA)* E o mistério continua: quem matou Isabella? O caso que está mexendo com todos os brasileiros. *(Nesse momento, com uma sonoplastia de suspense, são exibidas fotos da menina com a mãe e outras fotos da garota nas quais estava sempre sorrindo)*. É impressionante, eu estive em Florianópolis esse fim de semana fazendo “No Coração do Brasil” e as pessoas só me perguntavam “Datena, quem foi, quem foi?”. Família do senhor que era agredido covardemente pelo acompanhante contratado para cuidar dele quer saber há quanto tempo ele vinha sofrendo nas mãos do monstro. *(São exibidas cenas gravadas por uma câmera escondida no quarto do idoso, as quais comprovam a culpa do acompanhante)*. Segundo o Fábio Panuzio que fez a reportagem, pelo menos um ano e meio, não é? Excelente reportagem do Panuzio inclusive. Milagre. Jovem de dezoito anos chega caminhando ao pronto-socorro com uma faca alojada na cabeça. *(O exato momento em que o rapaz chega ao hospital é mostrado, nesse momento)*. Ele foi atacado ... tira essa imagem daí, é pra pôr com cobertura, meu velho ... é, não, é pra pôr com máscara. Que coisa, hein, ô? Cês tão tomando o quê aí ô? Pelo amor de Deus aquela primeira imagem cê pode tirar aquilo lá, põe máscara nisso aí. Mas que coisa o cara com uma faca na cabeça chegando ... que coisa maluca, hein? Bom, é...o caso da garota. Temos aí o caso da garota. A justiça autoriza quebra de sigilo telefônico de Alexandre Nardoni pra identificar ligações feitas antes e depois da morte de Isabella. O Alexandre é o pai da garota. *(eleva a voz)* . A reportagem é do Lucas Martins. Eu tenho o Márcio Campos em algum dos links já pronto, já preparado? Onde é que está o Márcio

Campos em frente à delegacia? O Márcio tem feito um trabalho, é ... excepcional, como aliás, é de característica, não é? Do nosso Márcio Campos a respeito dessas investigações. Tem alguma novidade que a gente pode dar agora ou...ou daqui a pouco, ô Márcio Campos, a respeito do caso? (Aparece a tarja: “Peritos voltam ao local onde Isabella foi morta.”)

Repórter Márcio Campos - ô Datena, boa noite. Tem algumas novidades sim, principalmente relacionadas ao trâmite do processo, nesse momento acontece mais uma perícia complementar dentro do apartamento, Datena.

Datena - Quem é que tá no apartamento, os peritos aí, mais quem?

Repórter Márcio Campos - Três peritos, três profissionais da polícia técnica, além de um fotógrafo da perícia, Datena.

Datena: Ô Márcio, as pessoas perguntando “Quem foi? O pai, a mãe?” Pode ter outra pessoa envolvida? Eu não sei se você pode adiantar alguma coisa sobre isso, mas me responda depois dessa... dessa reportagem do Lucas em que a justiça autoriza a quebra do sigilo telefônico do Alexandre Nardoni. Eu não sei quem foi? *(eleva a voz)*, eu repito, mas quem cometeu um crime bárbaro desse, parece que tem outro maluco lá em

Vitória que jogou a filha também do 10º andar, tá virando moda isso aí, não é? Quem foi é um crápula, um canalha que não vale nada *(eleva a voz)*. Serginho aqui, na tela, por gentileza, o Latino internacional.

Reportagem - Repórter Lucas Martins

(Tarja: “Quebra de sigilo telefônico é autorizada”)

Pra polícia as conversas telefônicas de Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá podem ajudar a esclarecer o que aconteceu na noite de 29 de março de duas formas: Primeiro, determinar o clima do casal, se existia exaltação. Segundo, pode conter diálogos que os incriminem diretamente. Com a autorização da justiça, a polícia deve ter acesso às ligações dos telefones do casal realizadas antes e depois do crime. ****Outro ponto importante da investigação pode se concretizar hoje, a polícia quer as imagens das câmeras de segurança do supermercado onde a família comeu antes de ir pra casa naquela noite, o objetivo é saber se Alexandre estava realmente com a roupa apresentada à polícia, os trajes têm manchas que podem ser sangue de Isabella. Isabella foi arremessada do 6 andar e não colocada na grama, hipótese que chegou a ser cogitada. A menina apanhou e sofreu asfixia, provavelmente pela mão de um homem e quando foi jogada estava viva, mas inconsciente. De passagem, o delegado, Calixto Calil, responsável pelo caso, conversou rapidamente com a imprensa, ele confirmou que volta a ouvir o casal Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá ainda nesta semana e que a reconstituição do crime será realizada assim que o Instituto de Criminalística apresentar os laudos da perícia. Isso não tem prazo para acontecer, mas extra-oficialmente já há algumas conclusões.

****Apareceram os SMS

“Cadeia neles” - SP

“É uma vergonha as crianças estão sofrendo muito neste país que futuro elas terão?” – RS

“Datena é loucura isto não?” – RS

“Datena, todos esperamos que esse caso seja resolvido o mais rápido possível” – PR

Datena - Pelo o que eu ouvi o Lucas dizer aí, entendeu? A menina foi jogada, havia uma dúvida, né? Será que ela não foi colocada lá embaixo pra forjar uma queda ou coisa parecida, não é? ...é... é... o helicóptero ta aí ao vivo na janela do apartamento, onde está sendo realizada mais uma perícia. (*Volta a aparecer a tarja: “Peritos voltam ao local onde Isabella foi morta”*) Mas, uma, uma coisa que o Lucas acrescentou aí, ô Márcio Campos é a seguinte: A...a...o...o que o Lucas acrescentou, que a menina tenha sido asfixiada, provavelmente, pela mão de um homem, né? A perícia já apurou isso definitivamente ou ainda é hipótese? Ainda é hipótese? O que é que você pode acrescentar, vamos aos poucos dando as informações, intercalando com as reportagens, porque o pessoal todo quer saber, as pessoas todas querem saber disso aí. Tava lá no sul do país: “Datena, quem foi que matou?” e tal. Eu repito não sei quem foi, quem foi, foi canalha, crápula, né? (eleva a voz) Não vale absolutamente nada. O outro pai jogou a menina lá em Vitória do 10 andar. Pois não, ô Márcio Campos.

Repórter Márcio Campos – Datena

Datena - Essa última informação do Lucas aí ...

Repórter Márcio Campos - Pois é, em relação a essa informação do Lucas enquanto tava as imagens ali da sacada e da janela do apartamento. A questão da, aí olha, aí a sacada os peritos desde a tarde, Datena, não param de mexer nessa varanda aí do apartamento, no armário da varanda, é...é...no armário debaixo da pia, o tempo todo eles estão mexendo aí. Nós temos imagens, inclusive dessa perícia, daqui a pouco nós vamos mostrar e explicar o que que os peritos fizeram. Mas, Datena o Lucas falou dessa mão...é...que asfixiou a garota, é uma mão muito forte, isso a perícia já sabe que é uma mão muito forte e pode ser a mão de um homem. Agora, eu quero pedir a sua memória e dos telespectadores, a semana passada, lembra? Que eu disse o seguinte: Uma criança gritou e o som dessa criança foi abafado. Nós dissemos isso por volta de quarta-feira, quarta-feira.

Datena - Lembro, lembro...lembro, lembro.

Repórter Márcio Campos – Então, quando nós dissemos isso...

Datena: Cê quer dizer o quê com isso?

Repórter Márcio Campos – É que enquanto uma criança poderia estar sendo estrangulada ou asfixiada ...

Datena - Uma outra criança poderia estar dizendo “Pára, pai; Pára, pai; Pára, pai”.

Repórter Márcio Campos – Exatamente, era isso que nós dissemos na quarta-feira e naquele momento a minha fonte pediu para que eu não entrasse nesse detalhe e é claro, eu não entrei naquele detalhe naquele dia.

Datena - Olha... da mesma forma que a gente recebeu informação que a polícia estava investigando mais a mulher do que o Alexandre, agora, chega-se à conclusão pelas informações que os nossos repórteres estão levantando junto à polícia, que o principal suspeito agora seria o pai, é isso que cê tá querendo dizer e que o Lucas disse? É isso?

Repórter Márcio Campos – Bom, essas são informações de deduções, né, Datena? Deduzindo, seja isso.

Datena - Deduções...mas... deduzindo... se tem dois presos e os dois principais suspeitos são... são os dois que estão presos... Isso foi a polícia quem pediu, o ministério público quem...quem solicitou e foi o juizé quem mandou pra cadeia. Então, os dois suspeitos são os principais suspeitos do caso, né? (eleva a voz). Agora, então... a informação é de que uma mão muito forte (faz gestos de como se estivesse apertando algo, abrindo e fechando a mão esquerda), tenha apertado a garganta do... do...do...do... anjinho que era Isabella. Isso subentende-se que seria um homem e dos dois principais suspeitos está o pai e a madrasta, né? Está o pai e no outro quadro, a madrasta, não é? Agora, haveria, como a polícia ta aí investigando no apartamento (*aparece a tarja: "Pai passa a ser o principal suspeito do crime"*) ainda a possibilidade de que uma pessoa tenha realmente estado dentro do apartamento e tenha é... é... cometido esse crime e que ainda nenhum dos dois sejam culpados do caso, ô Márcio Campos, ou não? Ou esta possibilidade vai ficando afastada pela polícia, vai...vai deixando de cenário e... e a concentração da investigação em cima dos dois ainda, do pai e da madrasta?

Repórter Márcio Campos – Pelo o que eu tenho acompanhado das investigações, Datena, a polícia trabalha buscando resultados, indícios de que não havia uma terceira pessoa.

Datena - Hã...Hã... então...

Repórter Márcio Campos – Pelos menos é o que eu tenho acompanhado da polícia.

Datena - Ce vê? É aquilo que eu disse... olha, eu trabalho em cima de fatos. Pelas apurações que a gente tinha, a polícia é...é...partia pelo biótipo,é...é...é pe...pelo...pela forma de agir, pelo perfil psicológico que a mãe...é...é...que a madrasta....é que poderia ter cometido o crime. Agora, já me vem informação, já me vem informação de que uma mão muito forte (faz novamente o gesto de abrir e fechar as mãos) apertou o pescoço da menina e aí seria...seria a mão do...do...do rapaz, do pai. Isso tudo é conjectura, porque o caso está sob segredo de justiça, não é? O caso continua sob segredo de justiça. Não me interessa quem foi, o pai ou a madrasta e se foi um dos dois, entendeu? Um acobertou o outro, né? Os dois têm culpa no cartório, um acobertou o outro. O...o...o...Alguém que...que asfixiou e matou poderia ter uma culpa maior, quem me disse que os dois não participaram do crime. Enfim, isso tudo é a polícia quem tem que determinar, é a polícia quem tem que julgar, não cabe a nós julgarmos isso. Nós só estamos passando os fatos, mas me diz também, o Márcio Campos, agora que por enquanto a investigação continua em cima de quem? Do casal... né? Eles não acreditam que uma terceira pessoa tenha entrado no apartamento, batido na menina, na Isabella que é aquele anjinho

que ta ali e jogado....ta ali, ta ali no canto, pode mostrar a camiseta ali e...e jogado a Isabella, entendeu? A polícia não acredita nisso. A investigação continua em cima dos dois. Teve um maluco que jogou uma criança do 10 andar lá em Vitória, nós vamos mostrar daqui a pouco, entendeu? Daqui a pouquinho nós vamos mostrar. Tem uma cena aí que e não sei se os caras já botaram a máscara, o sujeito chega com uma faca na cabeça no...no hospital, andando. Ce vê a violência do Brasil, foi assaltado, se recusou a dar dinheiro, os caras esfaquearam o rapaz. Ce vai ver daqui a pouco. Olha, tribunal de justiça de São Paulo determina o fim do segredo no inquérito que apura a morte de Isabella Nardoni. O Vagner Império é quem, é quem me dá essa informação. O Vagner tá no link ou não? (eleva a voz). O Vagner ta no link? Bom, é...é...quer dizer que já não tá mais sob segredo ô... ô Márcio Campos? Não...não está mais sob segredo?

Repórter Márcio Campos – Está, Datena. Está sob segredo.

Datena - Hã.... e o que que é isso, que notícia é essa que eu vou dar?

Repórter Márcio Campos – Essa notícia é porque a justiça entendeu que não havia mais necessidade de manter sigilo nesse processo até porque o promotor teria dado entrevistas e passado muitas informações, mas, porém diante dessa situação aí, o delegado que está aqui dentro desta delegacia, o doutor Calixto Calil Filho, decretou, ele delegado, decretou o sigilo desse inquérito, Datena.

Datena - Bom, ele autodecretou. Ele não quer falar. Ele não quer falar mesmo, porque ele levou muito pau, deram....hã...hã...hã...desceram a lenha no delegado, porque ele falou. Olha, o dele...eu...eu acho que o delegado de...de...desde o começo do caso, foi tranquilo, foi calmo e não foi precipitado. Esse é o meu ponto-de-vista. Desde o princípio, quando todo mundo falava “Ah,foi o pai e a mãe”, ele falava “ Ô, pera aí, por enquanto são averiguados” (levanta a voz). Eles não são os culpados, mas isso nã ... não atrapalhou em nada a investigação, tanto que ele delegado bancou a prisão temporária dos dois ****. Só que agora ele falou “Boca fechada não entra mosquito, mesmo que a justiça não determine, eu não vou falar nada”, entendeu. Veja você, ó...estão continuando a investigação, a perícia ali no apartamento, né? O caso está sob segredo de justiça, os cara estão lá dentro, fecharam a janela. Ah...eu não entendo (risada em um tom irônico), isso é brincadeira, não vai adiantar nada fechar a janela, nós tamo com o helicóptero aí. Deixa eu ver essa estória do Vagner Império, na tela, por gentileza.

Reportagem – Repórter Vagner Império

(Tarja: Juiz suspende segredo no caso da morte de Isabella)

O fim do segredo de justiça no caso da menina Isabella pode trazer à tona muitas informações sobre a morte da menina e os suspeitos pelo assassinato. Podem surgir mais rapidamente as informações sobre a causa da morte de Isabella e os outros laudos que estão sendo elaborados aqui no Instituto de Criminalística, como por exemplo, o sangue encontrado dentro do carro do pai e da madrasta e também se Isabella foi jogada do 6 andar e de que maneira ela foi torturada antes de morrer.

DATENA: A pergunta que eu faço até agora, é por que não saiu até agora o resultado do exame do sangue encontrado dentro do carro? Porque esse sangue encontrado dentro do carro é determinante. Que a menina poderia ta apanhando ali

dentro do carro, ela poderia ter sido espancada dentro do carro e que a agressão continuou lá em cima no apartamento. (*Volta a tarja: Peritos voltam ao local onde Isabella foi morta*). Porque, se não me falha a memória, quando ela caiu da janela ela foi encontrada viva ainda e respirando. E...e...e segundo o Lucas,**** a perícia agora acredita que ela foi atirada realmente da janela, porque havia aquela dúvida “Foi atirada ou não foi atirada?” Márcio Campos, por que essa demora nesse resultado do...do...do sangue, do DNA, do sangue se é da Isabella ou não, dentro do carro em que ela e os irmãos foram conduzidos até o apartamento.

Repórter Márcio Campos – Porque são vários os laudos, são várias as perícias, muitas informações que precisam ser cruzadas, Datena e o trabalho é muito intenso, tanto é que nesse momento a perícia continua no local.

Datena - A policia tá sendo cautelosa, porque o caso exige cautela, (*aparece a tarja: Pai passa s ser o principal suspeito do crime*) a polícia não quer...a polícia não quer condenar ninguém, a polícia não quer condenar absolutamente ninguém. A polícia só faz o trabalho dela, ela investiga.Ela aponta os caminhos, aí a justiça vai lá e julga, então ta sendo cautelosa a polícia. Mas repito, ainda o foco continua sobre o casal. O foco está sobre o pai e sobre a madrasta. Agora mudou um pouco de figura porque disseram “Ah, uma mão muito forte que apertou o pescoço da menina...” e que poderia se do pai, ou de uma terceira pessoa que estaria no apartamento que a polícia não acredita que tinha ninguém dentro do apartamento. Agora...pode ter mulher de mão forte, também... não quer dizer nada. Já que a polícia não fala, o delegado não fala, você trabalha com aquilo que os repórteres conseguem é ...levantar. A mãe da Isabella passou o primeiro aniversário sem a filha, quando é que era o aniversário da Isabella, hein? O...o... aniversário dela...quando era o...o... aniversário dela? E o dela qual era? O aniversário da mãe que falou que falou comigo? Foi sábado, dia 06. Ela quebrou o silêncio, recebeu apoio dos amigos. A reportagem é de Lúcio Tabarelli, foi no dia 05, no sábado.Ela passou o primeiro aniversário dela sem a filha. Terrível, não? Jesus, aqui, é por isso que eu falo, que a polícia tenha cautela, pode ter cautela, que a polícia vá com calma, que vá com calma...mas tem que descobrir quem foi o crápula, ou quem foram os crápulas ou sei lá quem assassinou essa menina, porque não pode um anjinho ser assassinado (eleva a voz), porque é um anjinho, cinco anos de idade, transponha para a sua filha, transponha para a sua neta, não pode ficar sem solução um caso desse aí(eleva a voz), o dito pelo não dito. “Ah, vamo com calma para não condenar inocente”, tudo bem, mas tem que botar quem matou na cadeia (eleva a voz). E fim de papo, deixa eu ver a mãe falando, Jesus, aqui, na tela, ô internacional.

Reportagem – Repórter Lúcio Tabarelli

Tarja: mãe de Isabella passa primeiro aniversário sem a filha

No sábado, a mãe da pequena Isabella completou vinte e quatro anos. Ana Carolina fez aniversário uma semana depois que a filha foi assassinada. A mãe da menina saiu cedo de casa e acompanhada da família. Eles participaram de uma missa reservada aos parentes de Isabella. Na volta para a residência, Ana Carolina contou aos jornalistas de onde tem tirado forças para seguir vivendo.

Ana Carolina - A minha filha sempre foi uma pessoa...que... que lutou por tudo, sempre quis tudo...ela...então ela...como dizia, ela não gostava de me ver triste, ela

não vai ver. Então, assim, eu não vou sofrer, a única coisa que eu vou sentir por ela é vai ser saudades.

No final da manhã, um grupo foi até a porta do prédio onde aconteceu um protesto com cartazes.**** Depois, fizeram uma oração em frente à casa e pediram justiça. À tarde, Ana Carolina recebeu a solidariedade de parentes e amigos, além de um bolo de aniversário. A morte de Isabella emocionou muita gente, embora a mãe tivesse sido consolada em vários momentos os papéis se inverteram e aí foi Ana Carolina que precisou consolar. A mãe de Isabella também recebeu a visita do casal Ota, pais de Ivis Ota, menino que foi sequestrado e morto há onze anos num crime trágico, o encontro durou cerca de uma hora e meia, durante a conversa Ana Carolina ganhou um livro com mensagens de amor e paz.

Pai do menino Ivis Ota - Não tem nada de...é ... ódio...não tem nada de violência. A gente vê que ela tá cheia de amor...hum...o perdão, ela não tem raiva de ninguém. À noite Ana Carolina disse que pretende fundar uma organização não-governamental. O papel da ONG será lutar contra a violência

Ana Carolina – é organizar essas ONGS e ajudar essas mães que...que sofrem tanto assim muito mais do que eu por perder seus filhos.

Datena - Olha...que me desculpe o Ota. Pode não ter ódio no coração da mãe, pode não ter ódio no coração dele, mas eu tenho ódio de quem fez isso. (*Aparece a tarja: Pai passa a ser o principal suspeito do crime*). Eu sou um cara que eu falo o que eu penso. Quem mata uma criança dessa forma, eu tenho ódio desse tipo de gente. Não sei quem foi, me interessa saber,entendeu? Me interessa muito saber, a sociedade tem interesse em saber, mas eu tenho ódio pra caramba de quem faz isso (eleva a voz) com uma...uma garotinha de cinco anos, como tenho ódio dos que fazem com os velhinhos. O que fizeram com aquele senhor em Brasília, né? **** Que a família quer saber naquela reportagem do Fábio Panuzio, que a família quer saber há quanto tempo aquele cara torturava o coitado do velhinho, eu também tenho ódio desse tipo de gente.Os peritos estão deixando o prédio nesse exato momento, a perícia ficou o dia inteiro nesse prédio aí, procurando saber novas provas, não é? (*aparece a tarja: Peritos voltam ao local onde Isabella foi morta*) Eu vi os caras cortando grama ali, o Márcio Campos acompanhou tudo, Márcio Campos, o que é que fica mais claro a partir dessa segunda-feira e o que que é que continua obscuro ainda Márcio, você que está acompanhando de perto essas investigações?

Repórter Márcio Campos – Pois é, Datena, o que fica mais claro ainda é de que a policia está buscando mais indícios pra mostrar de que é...estavam apenas os dois dentro do apartamento, a madrasta e Alexandre. E nessa imagem que nós estamos vendo aí agora, esta é a principal imagem do dia de hoje, Datena, os peritos cortaram grama do local de onde Isabella caiu porque essa grama aí foi colocada dentro de um recipiente e levada pro IML, instituto de criminalística.

Datena - Por que que cortaram grama, qual seria o objetivo de cortar a grama ali. Qual seria o objetivo?

Repórter Márcio Campos – Possivelmente, para se fazer algum teste sobre o peso, aí o detalhe do André Zorato, mostrando o corte da grama. Possivelmente, se fazer

algum teste do peso que teria ficado sobre esta grama e também a possibilidade de mais sangue nessa região.

Datena - Olha...o que pode ser era mais ou menos isso que previa e perguntei para o Márcio Campos. O que pode ser? Pode ser que eles tenham dúvidas sobre...sobre o sangue da menina . Se o sangue encontrado da menina,pode ser só dela ou de outra pessoa, então, poderia ter vestígios de sangue ainda ali naquela grama. Eu não entendo porque não cortaram essa grama antes, entendeu? E acho que principalmente também ainda então aquilo que o Lucas falou permanece sob dúvida. O peso, o impacto, quando cai um corpo sobre ... sobre a grama ou sobre determinado local é...é...é...o...o...a grama aí no caso, determinaria se o corpo foi atirado mesmo ou não, porque se a grama tiver intacta no local de onde caiu o corpo é sinal que o corpo não foi atirado de uma distância que teria sido atirado que seria do apartamento e sim um corpo colocado ali. Se os peritos cortaram a grama pra saber do peso é porque tem... permanece a dúvida se ela foi colocada ali ou...ou atirada ainda. Ou eu to enganado no que eu to falando, ô Márcio Campos?

Repórter Márcio Campos – Pode ser uma das duvidas, sim, dos peritos, Datena, agora eu recebo a informação do André Zorato que está local, que os peritos é... estão retirando também um saco de roupas, viu Datena? Algumas peças de roupas, mais roupas retiradas de dentro do apartamento.

Datena - olha...o que a polícia ta querendo fazer, pelo o meu modo de entender, Abra a tela, meu filho, no meu modo de entender o que a polícia ta querendo fazer não é incriminar os dois, é justificar porque acha que os dois são suspeitos, ela não ta querendo botar culpa em quem não tem, para a polícia não há dúvida que são os dois, ela só ta querendo fundamentar através de prova que foram os dois**** um só e o outro acobertou ou os dois, entendeu? E aí, tanto faz, porque se um fez e o outro acobertou, um abraço, entendeu? A polícia está querendo ter provas cabais, de que realmente os dois...a polícia não tem dúvida sobre isso, mas quer saber, mostrar pra justiça, não é? Pra que a justiça chegue a uma conclusão que através dessas provas foram realmente esses dois. Eu repito a pergunta pro Márcio Campos, porque todo mundo fica me perguntando, todo mundo fica me falando “Datena, não existe uma outra possibilidade de uma terceira pessoa dentro do apartamento?” Eu até cheguei a ventar essa possibilidade, lembram vocês no primeiro dia? Será que não tinha alguém esperando dentro do apartamento e por isso não tem sinais de arrombamento, não é? Mas, a polícia continua não acreditando, não é, Márcio Campos? Que havia outra pessoa dentro do apartamento. Continua em cima dos dois,ou eu to enganado, ou mais alguma prisão preventiva ou temporária vai ser decretada?

Repórter Márcio Campos – Olha, por enquanto, não tem previsao de mais nenhuma prisão temporária pra ser decretada ou solicitada não viu, Datena?

Datena - Então, você concorda comigo que a polícia está querendo fundamentar uma acusação que ela fez decretando prisão temporária? Pedindo a prisão temporária...Concorda comigo ou não? (Tarja: Peritos voltam ao local onde Isabella foi morta) A polícia não tem dúvida, o delegado não quer falar, porque levou bucha quando falou, “Ah...o delegado falou demais...” . Eu repito, eu acho que o delegado fez até agora o papel dele e não passou dos limites, essa é a minha opinião,

entendeu? Minha opinião, fez o trabalho dele. Agora, que deve ter sido determinado hierarquicamente que ele não falasse, “ô meu filho, faz a investigação e fica na sua”. Agora, ele tem que arrumar as provas, a polícia tem que arrumar as provas pra justificar que foram os dois que mataram. Aliás, moradores do prédio onde morreu Isabella, não querem que se façam homenagens à garota. *(aparece a tarja: Polícia levanta mais provas contra o casal)* Hoje, uma senhora não pode colocar uma rosa no local onde a menina foi encontrada. O Márcio Campos é quem...é quem fez a reportagem, né? É isso mesmo, Márcio? O pessoal não quer que bota flor e tal...na frente do prédio, é isso mesmo? *(aparece a tarja: Vizinhos de Isabella não aceitam homenagens)*

Repórter Márcio Campos – Na verdade, o pessoal já ta cansado lá, viu Datena? Porque é muita movimentação, a polícia, a perícia, imprensa, né?

Datena - É...é...eu entendo os dois lados, né? Eu entendo os moradores, mas também entendo, é...é...o povo, porque o povo, cê vê uma menina dessa, uma menininha de cinco anos morta desse jeito, o sujeito quer prestar sua homenagem da forma que ele quer, vai lá colocar uma rosa, os moradores não agüentam mais...Mas, cê lembra quando morreu aquela princesa Diana? O que levaram de flores na frente do Palácio de Buckinham...é...cê entendeu? Então, o povo quer prestar sua homenagem, porque é como você tivesse alguém da..., se você tivesse alguém da sua família assassinado brutalmente. Tem o caso de Vitória, né? Tem o caso de Vitória que uma criança foi atirada do 10º andar, quer dizer, onde é que nós vamo parar, ô? Pelo amor de Deus. Serginho aqui, Latino, na tela.

Reportagem – Repórter Márcio Campos

(Aparece a tarja: Vizinhos de Isabella não aceitam homenagens)

Esta câmera instalada no prédio em frente ao condomínio em que Isabella foi morta registrou imagens importantes para a polícia, o equipamento está direcionado para a rua e pega o local onde a menina foi encontrada. As imagens já estão sendo analisadas pela perícia. Hoje os investigadores voltaram ao prédio, a polícia agora quer saber quantas e quais pessoas têm acesso direto ao condomínio. Os policiais também percorreram mais uma vez a área externa do edifício, a hipótese de alguém pulou os muros para fugir está praticamente descartada, um dos motivos é que a cerca elétrica estava intacta. Hoje, a perícia também voltou à região e se reuniu com o delegado do caso. *(cenas de uma discussão entre uma moradora e uma senhora que estava na rua prestando uma homenagem à garotinha assassinada)*

Esta pequena confusão aconteceu no meio da tarde porque dona Maria queria apenas homenagear a vítima de um dos crimes mais bárbaros dos últimos tempos. Mas os moradores do prédio não gostaram.

Dona Maria - Pra Isabella (mostrando a rosa para a câmera), representando ela aqui no meio de nós. Eu sei o que eles estão passando, o que nós estamos passando, eles também tem, a população inteira, o país inteiro ta passando, por esse...por esse mesmo problema. Ele diz um monstro, eu quero saber quem é esse monstro, o monstro, acho que já deve estar aí, a gente sabe quem é, né? Toda evidência, né?

Datena - Ce Vê, o povo só quer prestar sua homenagem, só que ir lá levar uma rosa, né? Eu reconheço que o pessoal do prédio ta até cansado de tanta movimentação, de tanta agitação, mas o povo, o povo brasileiro é assim. O povo é

solidário, o povo brasileiro e diante de um crime tão bárbaro de uma injustiça tão grande, uma criança de cinco anos, né? morta desse jeito, o povo fica... fica chocado e quer prestar sua homenagem, coitada da mulher...que diferença faz também, a mo...aquela mulher levar uma...uma rosa na frente do prédio, entendeu? Qual a diferença? Problema nenhum, deixa a mulher botar a rosa lá. É uma forma dela expressar a indignação também de nós brasileiros, co...como se trata a criança no Brasil, como se trata o crime no Brasil, quantas crianças já foram, mortas (eleva a voz) torturadas (grita), veja o caso aí de Goiânia, aquela canalha daquela mulher se dizia empresária que torturava uma menina durante um ano e meio e é acusada de torturar outras meninas, entendeu? É como se trata a criança no Brasil e como se trata a pessoa de idade no Brasil e como se trata a segurança no Brasil. Deus me livre e guarde parece que nós perdemos o contato com Deus, parece que esse país perdeu o contato com Deus e vive em guerra civil, onde o bandido leva vantagem e você tá sempre do lado de cá do...do... cano. Você tá sempre do lado de cá do cano da arma...Cana neles!!! (grita bem alto) Cadeia neles....chega de dar moleza pra essa gente. Acorda aí ô politicagem em Brasília, em vez de ficar fazendo politicagem, faça política (eleva a voz) para o povo, tenha leis pesadas contra esses criminosos malvados e...e...crápulas, que matam ou passionalmente ou...ou...ou matam, ou saem caçando as pessoas na rua. Olha, Márcio, a justiça permitiu a quebra do sigilo telefônico do Alexandre e da...da Ana Carolina Jatobá, a madrasta. Foi permitido porque...aí o cara fala assim “Ah, mas tem muito grampo nesse país, tem muito não sei o que e tal”, num caso como esse não tem jeito, tem quebrar mesmo o sigilo, cê quer o quê? Tem que saber o que os caras conversaram, não é? E que a polícia já tem em mãos essas escutas telefônicas ou ainda não?

Repórter Márcio Campos – Ainda não, Datena, daqui a pouco a gente tem uma informação também do Ministério Público, mas vou responder essa pergunta. Olha...o que a polícia solicitou, que é o serviço de polícia judiciária, ou seja, muito papel, muita burocracia, né? O que a polícia solicitou para a justiça era a quebra, quebra do sigilo telefônico, ou seja, que as operadoras de telefone fixo e celular enviem para a polícia **** as respectivas chamadas que saíram e que chegaram nos telefones de Alexandre e de Ana Carolina, antes e depois do acontecido, ou seja, antes das 11:35 da noite e depois das 11:35 da noite. *(Aparece a tarja: quebra de sigilo telefônico é autorizada)*

Datena - Mas, a polícia tem como saber também o que eles conversaram...porque tudo o que você conversa mesmo com grampo ou não, fica gravado pela operadora, ou eu tô enganado no que eu tô falando? Tem lá um carretel que grava...é...é...é...eu tô errado no que eu tô falando, ô Márcio Campos?

Repórter Márcio Campos – é...é...é...veja bem, Datena, por enquanto, a polícia não pediu escuta telefônica, gravação de escuta telefônica, mesmo porque agora eles estão presos e dentro...

Datena - Não é questão de escuta telefônica, não, meu filho. Pergunte para alguém da polícia ou para alguém que saiba disso eu não sou dono de operadora nem quero ser, mesmo porque essas operadoras muitas delas não funcionam, você consegue falar de celular dentro da cadeia, fora não consegue. Pergunte aí, se o que você conversa não é gravado num fitão aí em algum lugar, eu acho que é...eu acho que é...Eu não tô falando...óbvio que agora colocar escuta telefônica nos cara preso, se

bem que podia até colocar porque o que tem de preso com telefone celular dentro da cadeia...seriam mais dois. Mas, não é isso que eu falei não. Procure saber...porque eu acho o que você fala aí, é gravado. Se a justiça quiser saber, pode saber. Deixa eu ver na tela.

Reportagem – *o nome do repórter não é informado*
(*Tarja: Política procura mais provas contra o casal*)

Manchas de sangue no corredor e em vários cômodos do apartamento e nas roupas que Alexandre Nardoni usava na noite em que Isabela foi morta. Manchas de sangue também no coração e no pulmão de Isabella, além de hematomas na nuca da criança podem indicar que a menina foi vítima de asfixia e foi espancada. Nossa reportagem teve acesso à informações importantes da perícia que já concluiu: houve um homicídio. Isabella foi arremessada do 6º andar. Especialistas analisaram o solo onde estava o corpo e verificaram que ele afundou com o impacto da queda. Eles também descobriram que ela caiu inconsciente, os peritos usaram também uma substância chamada Luminol que detecta manchas de sangue em roupas e outras superfícies mesmo depois de lavadas e uma outra tecnologia que detecta com luzes ultravioleta vestígios de pele, pêlos e também manchas de sangue. A partir desta semana, o Instituto de Criminalística e o IML vão juntar as perícias, o resultado do exame de DNA fica pronto até sexta, uma reconstituição que deve acontecer nos próximos dias vai ajudar a polícia a esclarecer o crime. Dois advogados de defesa estiveram na delegacia, onde está a madrastra de Isabella, na saída eles confirmaram o pedido de habeas corpus do casal.

Datena - É...não...não...Não se iluda, não, que eles podem sair da cadeia. Pra eles seria até mais interessante ficar dentro da cadeia pela comoção do crime. Pelo que o povo ta achando que é eles, né? Seria mais seguro pra que eles ficassem dentro da cadeia, no meu modesto ponto-de-vista.

Na sequência, inicia-se o programa local.